

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DIEGO CLIMAS

**Deambulações nos arquipélagos do sentido:
entre as margens do clichê e a consistência dos encantos**

Niterói
2025

DIEGO CLIMAS

**Deambulações nos arquipélagos do sentido:
entre as margens do clichê e a consistência dos encantos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi

Niterói
2025

Banca examinadora:

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi (Orientador)
UFF

Prof. Dr. Arthur Arruda Leal Ferreira
UFRJ

Prof. Dr. Pedro Felipe Moura de Araújo
UFPB

Prof. Dr. Johnny Menezes Alvarez
UFF

Prof. Dr. Iacã Macerata (suplente)
UFSC

*“Fiz ranger as folhas de jornal
abrindo-lhes as pálpebras piscantes.
E logo de cada fronteira distante
subiu um cheiro de pólvora
perseguido-me até em casa.
Nestes últimos vinte anos
nada de novo há
no rugir das tempestades.
Não estamos alegres,
é certo,
mas também por que razão
haveríamos de ficar tristes?
O mar da história
é agitado.
As ameaças
e as guerras
havemos de atravessá-las,
rompê-las ao meio,
cortando-as
como uma quilha corta
as ondas”
(Vladimir Maiakovski)*

Agradecimentos

A todos que compuseram este trabalho, o meu agradecimento como tradutor. São ilhas de autores e atores que aqui reuni para compor um arquipélago de gente boa.

Dentre muitos amigos e amigas que sustentam e produzem a existência que participo, para este trabalho agradeço especialmente:

à minha família, que sempre me apoiou, motivou e criou condições para que a minha formação fosse possível, com a melhor disponibilidade;

à Camilly Vitória, companheira e parceira de toda uma vida, amiga de descoberta do cuidado; agradeço o companheirismo durante a produção deste texto – agora tô de férias!;

à uff rildas e aos professores que tive por lá nos bons anos de 2015 a 2020;

ao Danichi Mizoguchi, pela leitura e orientação daquilo que tentei dizer e pela confirmação dos bons caminhos do trabalho, por incentivar a coragem da verdade, pela formação de leitor e escritor que pude ter nos últimos dois anos;

ao grupo de orientação, pelas leituras críticas sobre o texto;

ao grupo de estudos do Frederico Lemos, que me possibilitou melhores aproximações da filosofia de Deleuze e de Guattari;

ao Christian Sade, pelas conversas e elaborações imprescindíveis para a formulação de muitas questões aqui presentes;

ao Marcelo Fernandes, mestre do cuidado;

ao Arthur Arruda Leal Ferreira e Pedro Felipe Araújo pela leitura cuidadosa e devolutiva parceira que fortaleceu este trabalho na qualificação;

ao Johnny Alvarez, com quem em pouco tempo tive aprendizados essenciais e que topou estar na banca de defesa;

ao João Rezende, por ser ao seu modo, inspirando uma ética do vaguear atento, esperto e cuidadoso;

aos humanos e mais que humanos que compuseram essas palavras, esses lugares que falam, essa ecologia de sentidos que se expressam aqui.

Eu dizia que efetuar algo de sua potência é sempre bom. É o que diz Espinosa. Mas isso traz problemas. É preciso especificar que não existem potências ruins. O ruim é o menor grau de potência. E este grau é o poder [...] A confusão entre poder e potência é arrasadora, porque o poder sempre separa as pessoas que lhe estão submissas, separa-as do que elas podem fazer. [...] “A tristeza está ligada aos padres, aos tiranos...”. O poder é sempre um obstáculo diante da efetuação das potências. Eu diria que todo poder é triste. Mesmo se aqueles que o detêm se alegram em tê-lo. Mas é uma alegria triste. Sim, existem alegrias tristes. Mas a alegria é uma efetuação das potências. Eu repito: não conheço nenhuma potência má. O tufão é uma potência. Alegra-se na alma, mas não por derrubar casas, mas simplesmente por ser. Regozijar-se é estar alegre pelo que somos, por ter chegado onde estamos. Não se trata da alegria de si mesmo, isto não é alegria, não é estar satisfeito consigo mesmo. É o prazer da conquista, como dizia Nietzsche. Mas a conquista não consiste em servir pessoas. A conquista é, para o pintor, conquistar a cor. Isso sim é uma conquista. Neste caso, é a alegria. Mesmo que isso não termine bem, pois nestas histórias de potência, quando se conquista uma potência, ela pode ser potente demais para a própria pessoa e ela acaba não suportando. Van Gogh!
(Deleuze)

Eu segui o conselho de Gilles Deleuze: escolher entre o poder e a potência. Muitos querem ter os dois, mas isso não é possível até o fim. Eu não tenho poder algum sobre ninguém, parece-me (ora, o poder toma muito tempo). Eu não tenho ninguém para julgar. Eu não tenho carro nem celular. Eu detesto as intermináveis correspondências eletrônicas. Eu não organizo nada, eu não dirijo nada. Eu me contento em dar o que eu faço menos mal ou, digamos, o que faço com mais prazer. Eu sei dizer não, mesmo para as propostas "prestigiosas", como se diz, uma vez que corro o risco de me dispersar. A coisa toda é ter tempo para si, isto é, sua liberdade de bifurcar-se para um desenvolvimento novo ou para tomar muito mais tempo que o previsto sobre uma questão que inicialmente parecia menor. Tento dizer a todos os estudantes com os quais discuto que a questão fundamental é aquela, não da "carreira", mas da construção - é uma luta, evidentemente - das condições de nossa liberdade. Questão política, portanto: como construir a possibilidade concreta de um saber feliz?
(Didi-Huberman)

Resumo

Trata-se da experimentação de uma ética do sentido na expressão da travessia de um tempo. Iniciamos o trabalho formulando a hipótese diagnóstica de um modo de vida comum na contemporaneidade: a ocorrência do excesso de signos com o vazio de sentido existencial. Analisamos como confundimos a produção criadora com o vazio das reproduções clichês, fazendo-nos viver no excesso e no esgotamento. Nas primeiras páginas, cartografamos os anos de 2015 a 2025 como um diário, expressando as mudanças éticas, estéticas e políticas que ocorreram neste período, sobretudo no campo das universidades. Situamos assim as condições de possibilidade para o surgimento do problema de pesquisa: em que medida desejamos o modo de vida clichê? Qual é a relação do vazio de sentido com a subjetividade capitalista? Como podemos resistir às forças do clichê sobre nós? Apresentando diferentes regimes sociais de sentido – das sociedades primitivas e das sociedades despóticas – nomeamos o regime capitalista como uma máquina de clichês. Os dispositivos de controle sobre o sentido são a máxima realização do enfeitiçamento do capitalismo sobre a existência: fazer de tudo um objeto de lucro, das imagens de si às imagens do mundo. A experiência do fim do mundo é inseparável da experiência do clichê na existência. Propomos um fim e uma morte na mesma medida em que expressamos o devir-arquipélago do mundo. O desejo estrangeiro, o fazer-se deambulatório: o eterno retorno da singularidade e do encantamento das existências. As ilhas, os arquipélagos e o mar figuram todo o trabalho. São imagens que expressam diferentes sentidos: o devir, a identidade, o coletivo, a solidão, o deserto, o ovo cósmico, a heterogeneidade.

Palavras-chave: sentido; clichê; ética; cartografia; capitalismo.

Resumen

Se trata de la experimentación de una ética del sentido en la expresión de la travesía de un tiempo. Iniciamos el trabajo formulando la hipótesis diagnóstica de un modo de vida común en la contemporaneidad: la ocurrencia del exceso de signos con el vacío de sentido existencial. Analizamos cómo confundimos la producción creadora con el vacío de las reproducciones clichés, haciéndonos vivir en el exceso y en el agotamiento. En las primeras páginas, cartografiamos los años de 2015 a 2025 como un diario, expresando los cambios éticos, estéticos y políticos que ocurrieron en este período, sobre todo en el campo de las universidades. Situamos así las condiciones de posibilidad para el surgimiento del problema de investigación: ¿en qué medida deseamos el modo de vida cliché? ¿Cuál es la relación del vacío de sentido con la subjetividad capitalista? ¿Cómo podemos resistir a las fuerzas del cliché sobre nosotros? Presentando diferentes regímenes sociales de sentido – de las sociedades primitivas y de las sociedades despóticas – nombramos el régimen capitalista como una máquina de clichés. Los dispositivos de control sobre el sentido son la máxima realización del embrujamiento del capitalismo sobre la existencia: hacer de todo un objeto de lucro, de las imágenes de sí a las imágenes del mundo. La experiencia del fin del mundo es inseparable de la experiencia del cliché en la existencia. Proponemos un fin y una muerte en la misma medida en que expresamos el devenir-archipiélago del mundo. El deseo extranjero, el hacerse deambulante: el eterno retorno de la singularidad y del encantamiento de las existencias. Las islas, los archipiélagos y el mar figuran todo el trabajo. Son imágenes que expresan diferentes sentidos: el devenir, la identidad, lo colectivo, la soledad, el desierto, el huevo cósmico, la heterogeneidad.

Palabras clave: sentido; cliché; ética; cartografía; capitalismo.

Sumário

Parte I

I.1 Vamos começar, colocando um ponto final	10
I.2 Lugares que falam	18
I.2.1 presente pérola	18
I.2.2 que história as ostras contam às pessoas?	19
I.2.3 fagocita!	19
I.2.4 medo de vencer o medo de ser	25
I.2.5 reparar, re-parar	31
I.2.6 informe o seu cep	33
I.2.7 eu amo o longe e a miragem	39
I.2.8 por uma cuidadoria dos signos	40
I.3 Ecologia dos signos	42
I.3.1 signos de afecções	45
I.3.2 signos de afetos	45
I.3.3 a remissão dos signos	49
I.3.4 os encantamentos das noções comuns	51
I.3.5 lógica do sentido: devir e acontecimento	58
I.3.6 a literatura e o clichê	62
I.3.7 é necessário sair da ilha	65
I.3.8 os tempos do sentido	69
I.3.9 entre as palavras e os corpos	73
I.4 Máquina de clichê e ética contra-clichê	77

Parte II

II.1 Desmontar as máquinas	84
II.1.1 selvagens, déspotas e aliens capitalistas	87

II.1.2 vontade de poder e vontade de potência	101
II.1.2 a máquina capitalista é uma máquina de clichês	105
II.1.3 ambivalências: revolução e contra-revolução	106
II. 2 Controle sobre o sentido	110
II.2.1 desejo de alta e queda livre	113
II.2.2 o ser instagramável	115
II.2.3 eu sou o meu perfil e o mundo é o google maps	118
II.2.4 não sou eu quem me navega: quem me navega é o mar?	125
II.2.5 o clichê e o problema do modelo	136
II.2.6 o simulacro e a potência do falso clichê	138
 Parte III	
III.1 O fim do mundo, o último dos clichês	141
III.2 Imanência: uma ilha...	146
III.2.1 da ilha ao arquipélago	149
III.2.2 um re-início	157
III. Poéticas da deriva	159
III.3.1 finda o fim	159
III.3.2 sobrevoo	160
III.3.3 falésias	161
III.3.4 silêncios	163
Apresentação de defesa da dissertação (posfácio, uma introdução)	166
Referências bibliográficas	174
jornalísticas	180
musicais	181
literárias	183
cinematográficas	185

Vamos começar, colocando um ponto final

“Vamos começar
colocando um ponto final
pelo menos já é um sinal
de que tudo na vida
tem fim

“É assim que tudo começa: a noite rasgando-se num enorme clarão,
e a ilha separando-se do mundo.
Um tempo terminando, um outro começando.
Naquela altura, ninguém se apercebeu disso”¹

Tudo novo de novo
Como um móbile solto no furacão”²

Saltamos de ilha em ilha sem sair do lugar. Os horizontes se parecem com os abismos. A inovação é a palavra de ordem porque a crise continua. Criar se confunde com reproduzir clichês. Surpreendentes novos recordes. Uma série de planos a curto prazo. O apático fim do mundo. Quanto maior a altura maior a queda e mais profundo o abismo nos encara. A paisagem muda rápido. São muitas as fotografias das paisagens mundanas. O cenário que des-habitamos: uma produção acelerada de signos concomitante a uma escassez de sentido existencial.

...

¹ Agualusa, 2020, p. 25.

² Duas músicas de Paulinho Moska (2003; 1999), “Tudo novo de novo” e “Um móbile solto no furacão”.

A fim de capturar os acontecimentos de toda ordem no multi-interligado tempo político-econômico, conjuntos de representações são produzidos a todo instante. Noticiários, centenas de revistas de pesquisas científicas e artigos, diversidade de bens de consumo, conteúdos de todos os tipos nas mídias sociais, especialismos de toda ordem. No processo de captura do acontecimento, aquilo que é singular é imediatamente traduzido em um conjunto de códigos para fins de reconhecimento lucrativo. Quando diante da singularidade, coloniza-se o sentido: reduzimos o irreconhecível à imagem de reconhecimento antes de experimentarmos a novidade de seu acaso. O regime da repetição reduz a poética dos signos. Há e não há algo novo. Qual é a saída dessa contradição?

Canoas da lembrança se aproximam pelo fluxo da memória: cheguei em casa da rua e coloquei o saco de pão na mesa. Ao olhar para a janela da sala, havia um estranho, belo e raro passarinho azul cinzento atento a tudo e um cado indiferente a mim. Espreitava-o com a diligência de não espantar o convidado. Recolhi os braços junto ao corpo e o contemplei. Ficamos juntos por instantes raros. Interessei-me muito por ele, na gentileza do encontro. Também eu fui observado. Após uns segundos, decidi tirar uma foto com o meu celular. Mas tive dúvidas. Quero habitar esse tempo. Quero também registrá-lo, tê-lo como imagem, guardada no celular. contei o tempo. Concluí que havia sido o suficiente. O limiar entre nós poderia ser imagem a guardar o instante. A imagem capturada, a prova da verdade, a evidência de um encontro postada em alguma rede. Com lentidão apressada, retirei o celular do bolso. Olhava a tela e o companheiro passarinho. Abri a câmera. Através da câmera pela tela, olhei para a janela. Voou o passarinho. Não estava para gaiolas.

Show do Gilberto Gil, 2022. Num fluxo de intensidades, multidão cantando, coral de toda gente se movimentando junto ao show, pensei: um bom artista é um mestre das intensidades, tal como um xamã. Eficácia intensiva. Gil iniciou uma música que deixou tudo muito potente. Senti algo imenso, emocionante e alegre, pleno em meu corpo que estava além de mim. A música era de ativação ontológica. Momentos que o coletivo em Espinosa é muito vívido, muito real, muito claro. Num instante saquei o celular para filmar tudo aquilo. Esforcei-me para uma boa filmagem, imaginando postá-la no instagram. Enquadramento, tempo de vídeo, zoom in, zoom out, momento da música. Percebi que havia gravado minutos. A música era outra, igualmente boa para uma gravação. Eu já não dançava, preocupava-me com a imagem; tampouco sentia o transe anterior. Senti um desconforto e parei de gravar. Uma tristeza de quem perdeu o fluxo. Olhei para o lado, eu estava sozinho na multidão. Havia outros braços segurando o celular, frente a sorrisos divididos e olhos dispersos atentos à

cinematografia particular. Balanço o corpo para acompanhar a música enquanto guardo o celular no bolso. Por um tempo vagueio num abismo de ideias. Só por esquecimento me reconectei com a intensidade eficaz daquele potente, alegre fluxo. *Fogo eterno pra afugentar; O inferno pra outro lugar; Fogo eterno para consumir; O inferno, fora daqui*³.

Há uma convocação para traduzirmos os fluxos de signos e de imagens em movimento em representações estereotipadas. Convocação inseparável das tecnologias midiáticas do engajamento. Durante a contínua captura, padecemos do descuido em relação à experiência singular. Por excesso de captura do acontecimento através de um conjunto padronizado de códigos, o problema do sentido insiste: deslizando no montante das representações, a sensação é que se repetem os clichês.

Transformações ocorrem a todo instante. “Em vinte minutos, tudo pode mudar”: esse foi o primeiro chavão da rádio BandNews. Hoje, “em um segundo, tudo pode mudar”. O chavão pega, o chavão vende, o “chavão abre porta grande”⁴. Há uma mudança de fato? Qual é o sentido da mudança anunciada? Sob que regime se muda?

Por excesso e por escassez, vemos-nos na problemática da inconsistência de sentido na vida coletiva. De captura em captura, saltamos entre acontecimentos sem experienciá-los, fazendo tudo se tornar uma diferente repetição. Buscando um lugar de real sentido diante de uma falta permanente, a pergunta socrático-platônica atinge as pessoas no domingo à noite: *qual é o sentido verdadeiro? quem sou eu verdadeiramente? onde é o meu lugar de verdade?*

Será que são esses os problemas que devemos seguir? Devemos buscar essa verdade? Ou então o problema é anterior à busca e, essa busca, um sintoma do problema?

A imagem do contemporâneo é dupla e paradoxal. Ansiamos entre arrastões de mares de fluxos e pedras ilhadas dos blocos da verdade do eu e do mundo. O medo da tempestade nos motiva a permanecermos na ilha. O tédio do mesmo nos motiva a nos aventurarmos pelas águas extasiantes. Há dois destinos perigosos, ambos suicidários: prender-se à mesma ilha ou jogar-se nas águas em dia de ressaca. Seca e enchente, a lógica do padecimento é a mesma do deserto sertanejo:

“não é só falar de seca; não tem só seca no sertão
quase acabava o meu mundo
quando o Orós empanzinou
se rebentasse matava

³ Gilberto Gil, 1981.

⁴ Itamar Assumpção, 1983.

tudo o que a gente plantou
se não é seca, é enchente
ai, ai, como somo sofredor”⁵

No modo de vida dominante que deseja a representação, os devires são receados. Um não saber como lidar com o acaso. Recuo às representações, a defesa possível. Apego às identidades exaustivas e solitárias:

““nos últimos dias não tenho conseguido ser senão eu”, queixou-se Fernando Pessoa, em carta ao poeta Mário de Sá Carneiro, no dia em que este cometeu suicídio, ou seja, a 26 de abril de 1916. “Sou apenas eu dias inteiros. Venho morrendo de solidão””⁶.

Ao avesso da vontade estática, as mudanças não cessam. Experimentamos colapsos ambientais, econômicos e civilizatórios. Entre chistes e silêncios angustiados, meditamos sobre o futuro incerto. A vontade de verdade nos subjetiva. Subsiste ainda nos mais críticos a crença na essência universal. É comum buscar um lugar seguro nos absolutismos, quando tantos acasos e violências atingem o pouco de vida. Deseja-se o absoluto discurso, a absoluta identidade, o absoluto verdadeiro mundo. Se não nos encontramos definitivamente onde podemos nos ilhar, flutuamos para outra ilha. Se não nos identificamos mais com uma imagem, apostamos na originalidade de uma outra identidade nas telas e vitrines, noutros tipos de espelho. Quando arrasados, porém, cansados e revoltados com os nossos contrêncios e com Deus, porque não encontramos a tal terra prometida, a única sina aparentemente possível é a da destruição: então que tudo pereça. Envelhece-se aceleradamente no pior sentido, o da desistência.

Colonizadores cruzaram os desconhecidos mares. Ao verem tamanha singularidade das américas esticam os braços, apontam a paisagem e dizem: *um recurso sem tamanho para a Europa!* Como Robinson Crusoé que, naufragado sozinho em uma ilha deserta das américas, naturalmente a toma por propriedade⁷. Crusoé resiste aos devires selvagens e pecaminosos da ilha. Insiste ao máximo em ser o homem inglês que um dia foi convencido de ser. E desse jeito a ilha se torna a sua propriedade ordenada por leis de Estado que regulam a sua vontade. Torna-se governador e dono de terras. Acumula grãos, contabiliza lucros. Toda a

⁵ Orós II - Fagner (1982).

⁶ Agualusa (2024).

⁷ Cf.: Robinson Crusoé (Defoe, 2019).

sua existência se organiza no governo e na extração de lucro. Somos tão diferentes de Crusoé?

Parece-nos a repetição de um ciclo, recaídas serviçais ao anel do capital. Das variações dos signos e dos fluxos de potência, nas viagens entre ilhas, congelamos as diferenças em representações ideais e vontades transcendentais lucrativas. Toda ilha parece ser igual porque não se altera o modo de perceber, agir e sentir as relações. Na obsolescência de uma realidade, a fuga pelas brechas do momento. Novamente a fruição nas correntes dos rios. Voltas e voltas, não se sai do lugar. O ilhamento capitalista é como a realidade do Show de Truman⁸. Altera-se o cenário, mantendo um modo de produção de cena. Altera-se o conjunto das novidades, das imagens dos perfis e do mundo, dos conteúdos em sua dimensão estética e política, sob um mesmo plano de consumo. Mas não há, como no final do filme, um verdadeiro mundo lá fora, separado pela porta de saída.

Qual é a medida dos movimentos advindos das forças do lucro e do medo do acaso? A vida capitalista é o único sentido do real da existência? É o fim deste mundo que tememos? De que maneira é possível criar movimentos que não se capturem por essas forças que esvaziam o sentido?

“Nem rede telefônica, nem internet. Nada. Nu, levanta-se e sai do quarto, evitando fazer ruído. Grilos no quintal. Apoia uma escada de madeira na parede e sobe ao terraço. O céu sobre a ilha está limpo.

Há ainda uma ou outra estrela desgarrada, que se esqueceu de seguir as restantes e desfalece, enquanto o sol preguiçoso começa a erguer-se sob uma escura barreira de nuvens. A tempestade não deixa ver o continente”⁹

Estranha dinâmica a de um apetite ilimitado concorrer com um vazio impreenchível. A vontade da nova tendência, da verdade urgente que desvanece a outra de agora, renegocia a dívida com a moda perdida. Dispersos e perdidos, guiamo-nos por um céu cheio de estrelas nunca vistas – deparamo-nos tão logo que já estão mortas.

...

Nesta dissertação, pesquisaremos uma ética do sentido. A análise de que o excesso de signos concomitante ao vazio de sentido é o produto e o combustível da máquina de

⁸ Niccol (1998).

⁹ Os vivos e os outros - Agualusa (2020, p. 30).

subjetividades capitalista contemporânea. Experiências de excessos de clichês e de escassez de singularidade. Como funciona a máquina capitalista que produz o sentido da vida vazia e como produzir outros modos que façam da vida um encantamento singular? Um problema que não é novo, mas que trabalhamos para tentar responder fora da senha e da sanha do clichê.

Pretendemos demonstrar que o diagnóstico de que hoje *tudo está perdido* se baseia em um falso problema. Queremos situarmos a dimensão ético-estético-política da cosmologia que produz esse modo de viver e do modo de viver que reproduz essa cosmologia. A prioridade é exercitar o cultivo de outros modos de vida na relação com o sentido. Experimentar a fundação de cosmologias diferenciadas.

As palavras que não há muito tempo expressavam o pensamento no campo da filosofia da imanência são reproduzidas no regime de sentido capitalista: mudança, novidade, multiplicidade, invenção, diferença. Conceitos precisos para a filosofia da desobediência, da disrupção afiada e perspicaz contra os poderes, têm sido capturadas por significações que enfraquecem a sua ética propositiva. Em alguma medida as estratégias estéticas e políticas de resistência ao capitalismo o reforçam. Apostamos nessas filosofias o equívoco do sentido e a alteração radical do significado de termos hoje tão clichês.

Iniciamos a próxima seção situando a gênese do problema. Relatos que cartografam acontecimentos que produziram os problemas de pesquisa. Em seguida, trabalhamos nos conceitos de sentido, afecção, afeto, encantamento, acontecimento e devir para formular a ética ecológica dos arquipélagos do sentido. Na segunda parte da dissertação, esforçamo-nos para compreender a dinâmica de funcionamento da máquina capitalista atual, a partir da filosofia política de Deleuze e Guattari. Avaliamos a quase onipotência dos dispositivos digitais e suas dinâmicas de produzir aparição e desaparecimento de mundos e modos de existência de forma ainda mais sofisticada com a economia algorítmica. Na terceira parte, analisamos o diagnóstico do fim do mundo para pensar em novos inícios.

O movimento de escrita se fez por deambulações nos universos dos signos e do sentido. Devir personagens, autores e atores. Um empenho para produzir fissuras na máquina de clichê. Perceber o que escapa do mundo do capital e flutuar assim imperceptível nos rios a céu aberto. Revisitar as ilhas de sentidos nos arquipélagos que nos compõe e que nos são novos. Experimentação de práticas de liberdade em um preciso sentido: da possibilidade de novos problemas, novas maneiras de sentir, agir e pensar.

“Calma, gente! Não é o fim do mundo... Ou talvez seja – acrescenta. O mundo extingue-se em cada instante. E em cada instante recomeça. Por exemplo, desde há poucas horas há um princípio de mundo, ali, na Ilha, na vida dela, na vida de tantos que a cercam. Além disso, lembra-se de ter pousado os olhos no céu, a caminho do hospital, e de se surpreender com o vazio da noite. As estrelas estão a desaparecer, da mesma forma que os peixes no mar, os insetos e as aves no céu ou aquele estreito fio de terra, no horizonte, com a silhueta dos grandes imbondeiros, que todos nós julgávamos eterno. Ela não sabe o que está acontecendo. Um sonho magnífico. Um pesadelo. Uma ilusão prodigiosa. Tudo isso ao mesmo tempo, ou apenas o Universo exercendo seus mistérios. E há os personagens – continua Moira – há os personagens que estão saindo dos livros e ocupando as ruas [...] Somos nós que construímos os mundos! Somos nós! Os mundos germinam dentro de nossas cabeças e crescem até não caberem mais, então soltam-se e ganham raízes. A realidade é isso, é o que acontece à ficção quando acreditamos nela”¹⁰

Ecologia dos signos, encontros de composição, imagens das composições. Um exercício de reaprendizagem do encantamento com o divertimento da criação. O real da ficção.

¹⁰ Ibid., p. 145.



Lugares que falam

“Pedir que um escritor se autodescreva é ainda muito pior do que lhe perguntar: “Quem é você?”.

Muito antigamente – no tempo do caparandanda, como se diz em Angola –, quando duas quibucas (caravanas) se encontravam nos vastos sertões africanos, e se sentavam para conversar sob a copa frondosa de uma mangueira ou de uma mulemba, a primeira pergunta que o chefe de uma colocava ao chefe da outra era:

– Lá, de onde você vem, que histórias os corvos contam às pessoas?

As histórias que os espíritos dos ancestrais contam aos vivos, essas, sim, dizem muito sobre o lugar de onde cada um de nós provém, e sobre quem genuinamente somos.

Contar uma história, apenas isso, nos define. Em todo caso define-nos muito mais do que o gênero, o nome, o acaso genético [...]

Saber ouvir uma história, por outro lado, parece-me tão importante quanto saber contá-la. Saber ouvir o outro, é já aceitá-lo”¹¹.

presente pérola

O que crio

Vem de fora

Meu produto

Este dentro

A diferença me invade

Gera caos, alarde

e arde

Minha beleza

Nasce autêntica

Rara e bela

Presente pérola

¹¹ Agualusa, 2024.

que histórias as ostras contam às pessoas?

As pérolas são formadas em um peculiar processo. São o resultado da invasão de um corpo estranho no interior da ostra. Quando um parasita, fragmento de coral ou, mais raramente, um grão de areia penetra em sua concha, a irritação causada é neutralizada por sucessivos revestimentos de nácar. Ao longo dos anos, esse corpo estranho se transforma em um objeto precioso: a pérola.

fagocita

Final de 2015. A Universidade Federal Fluminense de Rio das Ostras é uma ilha. Ilha de encontros, experimentações, militância estudantil, estudos acadêmicos. Uma ilha em relação à cidade. Não são poucos os habitantes riostrenses que não conhecem a uff. Quem conhece é meio ressabiado em relação à universidade.

A uff ganhou fama no ano passado. Saiu no jornal, ganhou uma ilustríssima matéria da Veja: “Universidade Federal em tempos petistas: vagina é costurada num evento chamado “Xereca Satânik na UFF. Vocês estão lendo direito. Chefão do departamento diz que os críticos da festa são “conservadores e defensores do estupro”. Veja como a coisa toda foi duplamente financiada com o seu dinheiro”.¹² A CartaCapital respondeu: “Xereca Satanik, liberdade e dignidade: evento em que mulher teve a vagina costurada causa polêmica, mas o direito de liberdade é garantido também para proteger decisões estúpidas”.¹³ Motivo de ódio para alguns e motivo de orgulho para outros. A excêntrica uff rildas é uma ilha de singulares tribos.

Semana de recepção dos calouros. Encontrei meus novos amigos para irmos ao Jamelão, bar da velha guarda. Professores e veteranos estão juntos, em volta de uma grande mesa, plena de garrafas de cerveja e cinzeiros. Fumam cigarros de palha, contam histórias e piadas. Inesperadamente levantam uma reflexão filosófica. Riem e se divertem.

O oásis das novidades e das práticas libertárias encanta a existência dos estudantes. Exceto dos que se assustavam com isso. Eu fui um desses. Cheguei animado para viver a liberdade de estar em outra cidade, morando sozinho. Deparei-me com o ambiente Xerek

¹² Como mudam os ventos: na época, não houve surpresa quanto a autoria do artigo (Reinaldo Azevedo, 2014).

¹³ Carta Capital (2014).

Satanik. Uma galera doida. Eu queria uma doideira, mas isso aqui já é demais – eu dizia. Jeito de falar, de se vestir, de pensar, de se relacionar. Era estranho e bom.

Tive a sorte de me conectar com isso em pouco tempo. Quem vivia essa diferença com antagonismo comparecia na universidade apenas para bater ponto. Colocar o nome na chamada, fazer as provas e sair com o diploma o mais rápido possível.

Primeira choppada. Barimar. Em frente à praia o sol já nascia no horizonte do mar. Era o fim da festa, mas *a sua própria manhã, sua redenção, sua aurora*¹⁴. Alguns mergulhavam no mar, contemplavam a manhã louca pela areia, outros dançavam. Parece clichê, mas aconteceu: toca Caetano Veloso (“você produz raiva, solidão, tristeza e dor. Mostra que o ciúme é o estrume do amor”). Dançamos em um movimento circular, sob o sol manso da manhã. “É, é aqui que eu estou agora. Então vambora”.

“Fagocita!”. A regra é clara. A palavra tem um comando: criar uma roda de pegação. Fagocitar, no contexto da biologia, é o processo pelo qual uma célula do sistema imunológico reconhece e elimina um corpo estranho, como um possível patógeno. Ao identificar essa partícula, a célula estende sua membrana e a envolve, englobando-a em seu interior. Em seguida, a partícula fagocitada é digerida, num mecanismo de defesa que resulta na destruição do patógeno.

Fagocitar, na uff rildas, é criar uma roda de beijos. Ao invés da destruição do corpo estranho – em outras palavras, da destruição da diferença – trata-se da destruição do estranhamento em relação ao outro, sem que com isso se degradasse a alteridade. O outro da alteridade é incluído, beijado, digerido. Digere-se a representação do indivíduo. Roda eroticamente antropofágica.

...

Na recepção dos calouros, os veteranos se interessam por uma série de designações sobre quem tá chegando: idade, signo astrológico, orientação sexual, de onde veio, estado civil. Os héteros e os compromissados são recebidos com uivos e provocações: “por enquanto!”, “espera até o segundo período!”, “até a próxima chopada!”.

De diferentes maneiras, somos todos da jovem-esquerda. Há um plano de experimentação estética. Formas outras de expressar e produzir a realidade. Nesta ilha todos nos conhecemos. Muitos de nós somos estrangeiros: viemos de outras cidades e outros

¹⁴ Nietzsche, 2016, p. 9.

estados, não conhecemos nada nem ninguém. Esse estrangeirismo comum estreita os laços entre nós e a universidade. Mesmo sem intimidade acompanhamos uns aos outros até o caminho de casa para que o trajeto seja mais seguro. Os casos de assalto e estupro não são poucos.

...

O campus tem seis cursos que se dividem em dois institutos: o IHS (Instituto das ciências humanas e da saúde) com psicologia, produção cultural, enfermagem e serviço social e o ICT (Instituto de ciências e tecnologias) com ciência da computação e engenharia de produção. Os dois institutos estão em um mesmo prédio. Prédio, inclusive, construído para ser uma escola municipal. A princípio, a uff residiria ali temporariamente, mas se tornou permanente. Apesar de estranha para aquela cidade, a uff se comporta nos desenhos arquitetônicos de suas escolas.

Do outro lado da rua há um outro prédio, novinho. Construído para ampliar os espaços da universidade. As obras estão finalizadas, mas sem autorização para o uso. O governo federal está devendo dinheiro à empresa de energia elétrica. São muitos alunos. Não cabem apenas nas salas de aula do prédio-escola. Seguindo a nossa singularidade, nossa escola-uff tem em seus jardins uma série de contêineres espalhados. Salas de aula improvisadas. Temporárias...

Há muito problema estrutural. Sala de aula sem ar-condicionado. Banheiro sem sabonete. Bandeirão? Nunca teve, duvidamos que um dia tenha. Os pólos de interior são os primeiros a sentir o corte de verbas.

Vasos sanitários fazem a decoração da área externa. Pintados à mão, foram transformados em vasos de plantas ou banquinhos. Estão por todos os cantos. Irene Bulcão, a professora responsável por esse feito, dizia: “porque até da merda nasce flor”. A precariedade faz parte do dia a dia. O trabalho de singularização de nossas vivências também. Criar com gambiarras é a nossa alegria. Afirmação de ser da uff rio das ostras, nossa afirmação do trágico.

Quando chove, poças enormes cobrem as ruas. Chegar ao campus é atravessar um campo minado de pequenos alagamentos. A foto de capa do grupo do facebook é o reflexo da uff numa poça d’água. Nessa estranha vivência, cantamos mais do que murmuramos lamentos. Não porque nos alienamos ao que ocorre, mas porque percebemos que a alienação é o lamento como resposta final. Que nada pior que a impotência para agir, pensar e sentir. O

destino é outro: criamos a partir do problema com o que podemos. Rildas ousa a seu modo transvalorações estéticas. Cuidar ao reparar o irreparável. Com as calças molhadas de chuva e as camisas de suor, reivindicamos o cuidado do espaço que habitamos.

...

Os primeiros períodos nos introduzem aos pensadores tradicionais da academia: Sócrates, Platão, Descartes, Durkheim, Weber, Marx; Freud. Aulas encantadoras. Modificam uma vida. Thoreau, Fenomenologia, Nietzsche e física quântica são assunto de bar. Tive ali maravilhosas aulas. Nos cursos de Percepção, Linguagem, Motivação e Emoção e Pensamento e Inteligência, o pragmatismo e a filosofia da diferença conquistou o coração. Deleuze, Espinosa, Nietzsche, Guattari e Foucault.

O passar do tempo fez iniciar as distinções acadêmicas. Começamos a nos dividir. De um lado, aqueles da neurociência ou do tcc (desejantes das verdades universais, caretas, despolitizados, exalam um discreto charme direitista – assim dizem os opositores). Do outro, os da filosofia (desajeitados, meio maconheiros e subjetivistas – replicam). É engraçado. Nada disso cria uma rixa muito forte. É mais um estilo, disputa de grupo, formação de bandos entusiasmados. Na hora das festas isso não é importante. Fagocita Freud, Deleuze, Marx, Foucault, Skinner e quem mais vier.

Há um espaço progressista comum em meio a cidade conservadora. Os rastros de conservadorismo se reproduzem, é claro, dentro da uff. Mas nos colocamos em um contínuo ato de percepção e de desconstrução.

...

2016. Golpe contra a presidência da república. Iminente prisão de Lula. Não bastasse a ferida, a sensação de impotência, de luta perdida e de descrença, o corte de verbas ocorre de forma ainda mais violenta. PEC do teto de gastos, conhecido por aqui como PEC do fim do mundo. Muitas escolas públicas estão ocupadas pelos estudantes como resposta ao projeto de destruição da educação pública.

As universidades públicas seguem o exemplo. Após uma assembleia relâmpago, foi declarada a ocupação da uff rio das ostras. Fizemos a assembleia sentados no chão do hall. Inscrição de falas, debates e votações. E assim foi decretado, de repente. Olhamos uns para os outros, tentando entender como seria isso. Empolgação de coisa nova. Saí da assembleia

improvisada direto pra casa. Comi algo e peguei a roupa de cama. Entrei no auditório: o dormitório geral. No dia seguinte havia uma fotografia da nossa assembleia no G1.¹⁵

O ICT já está instalado no prédio novo. A uff agora está dividida em dois prédios. Após a assembleia, ocupada majoritariamente por estudantes dos cursos do IHS, a rua que conectava e dividia os dois prédios virou palco de uma racha. Discutem a legitimidade da ocupação. Muita gente do ICT protesta. Dizem que não estavam presentes na assembleia feita às pressas. Não vão parar as atividades acadêmicas. É preciso que as aulas continuem, pois precisamos nos formar. Não podemos manter o estudo durante muitos anos. Passamos por dificuldades financeiras. Entendemos a gravidade da PEC, mas a decisão de vocês foi arbitrária. O pessoal do IHS responde: é preciso ver o todo, sair do problema individual. É difícil para todo mundo cessar as atividades acadêmicas, mas a universidade pública também é um espaço de luta e sempre foi. Se não houver resistência hoje, a universidade pública vai acabar. E ninguém mais vai poder se formar aqui como tantos de nós podemos. Todas as conquistas da universidade pública são conquistas do movimento estudantil. Ser contra a ocupação é ser a favor do neoliberalismo. É reforçar as escolhas individuais acima do coletivo. É privatizar o problema da educação pública para acabar com ela de vez.

O prédio-escola do IHS é o centro da ocupação. Prédio com pichações, frases de protesto nas paredes, jardins, intervenções artísticas. No prédio novo do ICT, todos os ar-condicionados funcionam. As paredes são brancas e recém pintadas. Somente os avisos previamente autorizados pela secretaria podem estar nos murais. Há mais ordem e silêncio.

O campus está dividido.

De um lado, os favoráveis à ocupação, à mudança política. Do outro, os contrários à ocupação, os conservadores hipócritas. Esse é o quadro que se pinta no IHS. As assembleias foram todas lá. Alguns estudantes do ICT participam ativamente. São vistos com bons olhos, como refugiados políticos, os bons desviantes – “você nem parece ser de exatas”.

As ocupações estão modificando o sentido da uff. É muito bom estar aqui. Viver juntos, decidir juntos, fazer comida juntos, dormir no mesmo espaço, montar as programações do dia. Criamos um bandeirão! Todo dia temos o que comer a partir de doações. Fazemos a comida ali mesmo. Também temos feito reuniões para pensar em maneiras de derrubar os muros que separam a universidade da sociedade riostrense. Oficinas, exposições e ocupações na rua que apresentem aos habitantes da cidade a importância da universidade pública, a necessidade de unir a classe dos estudantes com a classe dos trabalhadores.

¹⁵ G1, 2016.

Criamos então a “uff de portas abertas”. Há uma cogestão sendo experimentada com muito gosto. Uma pequena treta aqui e ali, mas o movimento tá rolando. A autonomia dos estudantes tem tomado o espaço dos poderes instituídos deste prédio. Correm pelos corredores movimentos instituintes: as salas de aula são dormitórios, o hall é ao mesmo tempo centro das assembleias diárias, bandeirão, a sala de cinema, espaço para oficinas de criação de cartazes de protesto, sala de aula pública, além de outros improvisos que funcionam. Hoje o professor Marcio Miotto deu uma aula sobre o fascismo ali no Hall. Foi muito boa.

Nas programações do dia estão as divisões de tarefas diárias: segurança, limpeza e cozinha. Meditação, oficinas, resenhas, música coletiva, alongamento. Protestos nas ruas, exposições, feiras, divulgação científica. Tour de apresentação da biblioteca e dos laboratórios aos estudantes das escolas municipais. Aulas abertas sobre a PEC do teto de gastos e a educação pública brasileira. Banho de mangueira.

Acompanhamos pelo facebook, instagram e twitter a ocupação de outras universidades. Também compartilhamos fotos, textos, reflexões, protestos. O G1 da Região dos Lagos vem à uff fazer uma reportagem. Reunimo-nos na assembleia para debater como apresentariamos a ocupação. Como fazer um bom uso da mídia sem cair em suas armadilhas.

As controvérsias são diárias. Estudantes têm barrado as aulas. Argumentam que quando um professor decide manter as atividades acadêmicas ele contraria as decisões coletivas tiradas nas assembleias estudantis e, conseqüentemente, embarreira a luta pela educação pública. Isso expressaria o autoritarismo da docência, desses mesmos que tanto falam de Foucault e Deleuze, de Guattari e de análise institucional. O que é pior, porque não se atentam às relações de poder, ao excesso de burocracia, à cegueira frente ao acontecimento. Barreiras de cadeiras e mesas, como trincheiras, são instaladas na rampa que dá acesso às salas de aula do segundo andar. Muita gente tem discordado, mas parece ser minoria. Não sei se são minoria ou se eles têm aparecido menos. Geralmente só aparecem para discordar, mas não sei se os dirigentes da ocupação aceitam diferenças de posições muito contrárias às deles. Daí, os críticos são estrangeiros em relação à ocupação. Há um ar de ‘nós’ e ‘eles’. À princípio, não era para ter dirigente. Não há dirigentes. Não nomeamos alguém assim. Explicitamente não há. Mas às vezes tenho a impressão de que há nomeações implícitas. São as mesmas pessoas ocupando os mesmos espaços de decisão desde o início da ocupação e elas possuem mais poder.

Enfim, há quem discorde das barricadas. Dizem que a aula é uma maneira de ocupar a universidade. Professores, mas não só, muitos outros estudantes, tem comentado nos

corredores que os alunos estão concentrando muito poder. Inclusive, que estariam indo contra a luta pela educação, pois habitar a universidade pública também é pesquisar, estudar, ler, o que cada vez menos se vê acontecer entre os estudantes. A aderência ao ataque às instituições públicas de ensino, pesquisa e extensão estão ocorrendo dentro das universidades. Por exemplo, quando os discentes reproduzem o anti-intelectualismo; negam estudar autores que não se identificam, carecem de rigor em suas críticas e reproduzem uma série de moralismos. Um professor comentou, sabendo que poderia dizer isso para o meu grupo de amigos sem o risco de ser cancelado, que tem percebido um autoritarismo nas organizações estudantis. Não sei o que pensar sobre isso. Tudo tem acontecido muito rápido. As discussões correm quente e vejo uma galera tomando posição rapidamente.

Há silêncios amargos, sobretudo na rua que une e separa os dois prédios, o IHS e o ICT. Surgiu há pouco a página UFF Livre, no facebook, dedicada aos estudantes de direita, que são contrários à ocupação. Nome muito semelhante ao MBL, o Movimento Brasil Livre. Uma das principais lideranças no movimento de impeachment contra a presidência da Dilma. Eles têm se apresentado como a nova direita brasileira. Não sei se é realmente nova, mas muita gente nova tem ido na onda deles.

medo de vencer o medo de ser¹⁶

2017 - 2018. Tem sido tenso. Do ponto de vista político-afetivo, as coisas têm mudado muito rapidamente. Queda do Partido dos Trabalhadores, a permanência de Temer, ascensão da extrema direita. A vida universitária está meio estranha. Medo, ódio e desesperança se tornaram afetos comuns. Entre estudantes e professores, entre estudantes, entre professores. Coletivos de luta estudantil ganharam espaço, sobretudo após a ocupação. Fizemos outra ocupação para reivindicar um bandejão no nosso campus. O deputado Glauber Braga destinou uma emenda parlamentar de 1 milhão de reais para a uff rildas. Se não usarmos o dinheiro de alguma forma, perderemos a verba no final do ano.

Pois bem. Nem bandejão, nem dinheiro. Perdemos. Quando a nossa segunda ocupação foi declarada, senti uma alegria. Tenho boas memórias de 2016. Dessa vez o clima de derrota fluía nos corredores.

Os coletivos reúnem forças e as direcionam para a luta estudantil. Organizam os protestos na cidade, na reitoria da UFF, em Niterói e no Rio de Janeiro. Se juntam a outros

¹⁶ Arnaldo Antunes, 2018.

coletivos e partidos políticos. Sintetizam formas de resistência. Discutem sobre a violência racista e machista, a luta de classes, a universidade pública brasileira, a importância do movimento estudantil, a necessidade de se re-aproximar da classe trabalhadora. Há uma controvérsia sobre o apoio às candidaturas para presidente. É tempo de críticas ao PT? Votar em Ciro como voto útil? Votar em Boulos por ideologia? Não sabemos.

A eleição de Trump em 2017 expressa um novo regime político. Falamos de neofascismo, microfascismo, extrema direita...

Uma atmosfera diferente pesa os ares da uff. Estou fazendo uma disciplina optativa que une o curso de psicologia e o de serviço social. Vamos estudar a ditadura civil-empresarial-militar no Brasil. A professora Alessandra Daflon quem teve a ideia. Achei bem legal. Geralmente não trocamos muita ideia acadêmica com o pessoal de serviço social. Sei que isso me afastou do marxismo. Não temos contato com esse pensamento nas disciplinas de psicologia, só em raros casos. Aliás, um pessoal da esquizoanálise critica o marxismo e a psicanálise sem estudar nem um nem o outro. Sabem que Deleuze, Guattari e Foucault fizeram críticas à psicanálise e ao marxismo. Mas sei lá, não conheço o debate. De toda forma, eles devem ter estudado muito para embasar as suas críticas. E criticaram o que exatamente? Tudo? Acredito que não, mas também não estudei para saber.

A sensação de ditadura dura nos limbos da universidade. O ar se densifica nas reuniões de luta. Há um compadecimento por estarmos juntos enfrentando o mesmo problema, lutando contra o inimigo comum. Por sermos vítimas de um mesmo ataque. Há desavenças por não estarmos juntos no mesmo problema, porque cada um sofre de um jeito diferente. Cada um é potencialmente violento segundo a sua posição social. As vítimas são relativas. Entre nós há amizade contra a opressão e inimizade por conta da opressão.

“Ele foi abusivo no relacionamento”; “ouvi que ela foi racista”; “esse posicionamento é burguês”; “a monogamia é uma forma de violência”; “isso não é libertário, você tá sendo opressor, sim”; “esses autores são coloniais”; “são transfóbicos”; “não me relaciono nem converso com quem pensa assim”; “não atendo gente fascista no consultório”; “nem todas as siglas do lgbtiqia+ sofrem do mesmo jeito”; “o relacionamento aberto deles era super abusivo” “ela foi muito escrota (mas olha, te falo isso no off, ela é uma mulher trans, e sabe como é, se me ouvirem falando isso...)”.

Criaram uma página de escraço no facebook para denunciar casos de abuso. É ao mesmo tempo mural de acolhimento para as vítimas e mural da vergonha para os acusados. Já

rolou muita polêmica e fofoca. Tem sido reconhecida aí uma importância política. As mulheres podem ter um espaço de voz reconhecida contra os abusadores. Voz que frequentemente é invalidada. Ali podem dizer, se apoiar, ganhar força.

É um tanto frágil, ao mesmo tempo e perigoso. Fica entre um dispositivo de cuidado e de vigilância. Acusações implícitas, nomes parcialmente citados, impossibilidade de defesa. Uma pessoa conhecida aqui no campus teve esse problema recentemente. Ele foi acusado, condenado e absolvido na mesma semana. Suas amigas não acreditaram no relato que alguém postou contra ele. Agiram na boa para descobrirem qual foi a real situação. Por fim, a acusadora apagou o post. Comentaram que ela inventou tudo por questões pessoais com ele. Complicado... Temos debatido sobre isso. A voz da vítima é geralmente descredibilizada. Um acusado pode ser condenado sem direito de defesa. E aí? Como colocar isso em questão publicamente nesse clima de cancelamento? Ninguém quer. Nem eu.

Temos usado muito mais as redes sociais. Conversei com amigas sobre isso. Muito facebook neste período de eleições. Muito compartilhamento, briga nos comentários. Tem gente enlouquecendo, só pode. Postam coisas absurdas. Gente próxima apoiando o Bolsonaro, transformando-se em figuras estranhas e desprezíveis. Há uma guerra no feed. As reações “Amei” e “Grrr” concorrem nos posts. Discussões, brigas, inimizades, reconhecimentos. Artistas ganham e perdem fãs por conta de seu posicionamento político. As relações se fazem ou se desfazem a partir do critério de reconhecimento.

...

Hoje eu bebi com colegas de infância. Não éramos amigos na época, mas nos encontramos e foi agradável. Ninguém ali era bolsonarista. Talvez isso tenha nos unido. Entre conversas e copos de cerveja, recebo uma mensagem. Uma amiga da uff acaba de ser expulsa de casa por causa de brigas sobre política com os pais. Isso me entristeceu de imediato. Ela comentou que ia dar um jeito, que estava voltando pra rildas e que depois a gente se falava.

Fui para outro bar encontrar outra galera da época da escola. “Você é Haddad ou Bolsonaro?” um amigo ri e debocha. Faz essa pergunta pra todo mundo. Eu não consegui rir. Olhei, fiz cara séria. Fiquei com desgosto, na verdade. Minha amiga estava sem casa pela mesma razão. Isso acabou de acontecer.

Devemos rir de vez em quando? Deixar as desavenças de lado por uns instantes? Ou devemos levar isso à sério por que não estamos passando por nenhuma brincadeira? Sei lá. Nem nisso há consenso.

...

Montamos um “grupo secreto” de leitura do livro *A Revolução Molecular*, de Félix Guattari, após participarmos no mês passado de um curso de introdução à esquizoanálise. Esse curso pareceu o início de uma seita. A ‘seita da afirmação do desejo acima de tudo’. O devir, os fluxos... tudo isso sendo dito sem ficar claro o conceito de desejo, devir e fluxo. Como se diz, “foi um surto”.

A esquizoanálise. O que é isso? Por que parece que isso tem se transformado em uma escola? Em uma identidade? Num conjunto de palavras superbacanas, mas meio vazias?

Eu me apresentei no CRAS no dia dos idosos, num bairro afastado da uff. Toquei e cantei algumas músicas. Faz parte do projeto que sou extensionista, o CURO (Campus Universitário de Rio das Ostras): Informa. A ideia é conectarmos a uff com a cidade de rildas. Convidei uma amiga para participar da apresentação também. Na saída, conversamos sobre como estavam as coisas na uff, nas amizades, na psicologia. Compartilhamos a sensação de um mal-estar comum. Daí surgiu a ideia do grupo de estudos. Entendemos que seria legal criarmos autonomia e liberdade crítica. Combinamos que seria fora da uff. Que seria um grupo de leituras meio fechado. Que vamos comentar com um amigo ou outro de confiança.

O grupo foi muito legal. Fizemos, de fato, um espaço de confiança. Tínhamos entalado uma série de críticas aos movimentos de esquerda da uff que ali pudemos dizer. Percebemos que a sensação de inimizade é epidêmica. Geral tá meio brigado com alguém. Está insuportável participar das reuniões dos coletivos de luta estudantil. O entristecimento e a ira não estão nos ajudando politicamente. A experiência de paranoia não é incomum. Geral tá ressabiado.

Nosso encontro nos fez bem. Pudemos desabafar, estudar, analisar. Coletivizar o afeto e a palavra. Deu para entender melhor a atmosfera afetiva do momento. Fizemos algo meio paradoxal. Fechamo-nos das alteridades para permitirmos o aparecimento da alteridade. Como em uma clínica de grupo. O livro ajudou bastante com os conceitos de micropolítica e de devir. Entendemos como conceitos práticos que operam um contra-poder. Um amigo chamou a atenção para o fato de que o livro foi publicado no Brasil em 1981. Precisávamos situar o problema atual. Como utilizar esses conceitos tais como foram criados, como ferramentas para operar no presente? Como encarnar esse modo de vida que estudamos? Como não ficar apenas na postura professoral de reprodução de conceitos da filosofia da diferença? Como isso concretamente nos potencializa e nos desvia dos microfascismos? Microfascismos: é isso que estamos vivendo.

...

O texto “para uma vida não fascista” de Michel Foucault, prefácio da versão estadunidense do Anti-Édipo de Deleuze e Guattari, foi trabalhado hoje em uma disciplina. Fomos ao bar com a professora depois da aula. Ela compartilhou que sentiu medo de trabalhar esse texto. Medo de haver represália, medo de que algum estudante gravasse a aula para postar na internet e acusá-la de cometer doutrinação ideológica.

O conceito de microfascismo faz muito sentido para pensar no que estamos vivendo. Essa tristeza que nos envolve, as amizades se desfazendo, autoritarismos e as palavras de ordem vestidas de libertação e de luta contra o fascismo.

O clima tá pesado nas famílias, nas ruas, na universidade, nos coletivos. Tristeza, autoritarismo, medo, culpa, vigília, cancelamento, reatividade, discursos prontos. Estou incomodado com essa narrativa do lado certo da história, do Bem e do Mal. Geral quer lacrar. Como os aplausos que se espera após um espetáculo, lacrar é a graça do debate. Dar a verdade final, definitiva. Lacrar a possibilidade de divergência, deixar o outro calado. Ser reconhecido pelos pares como aquele que está do lado do bem e da verdade. De quem falou e disse. A reconhecida verdade. Geral tá com medo nessa porra. Medo de ser atacado pelos fascistas na rua, medo de se pronunciar nas reuniões e assembleias, medo de falar besteira, medo de não ser compreendido, medo de não ter um posicionamento bem definido, medo de não saber o que está acontecendo, medo de ser lacrado, medo de cancelado, medo da exposição. Medo do espaço público. Ódio latente contra todos. A ameaça pode vir de qualquer lugar. Inclusive de si mesmo. Se tem medo, tem desejo. Desejo de lacrar, desejo de vigiar, desejo de atacar, desejo de se posicionar, desejo de saber, desejo de se expor, de ser curtido, de ser compartilhado, desejo de ser seguido de volta.

Geral sente a incerteza do futuro, mas geral tá com dureza nas palavras.

...

Estamos assumindo o compromisso de fazer da filosofia e da clínica uma prática de vida. Se Deleuze, Guattari e Foucault, e em extensão Nietzsche e Espinosa, já nos encantavam por nos fazer perceber a vida diferente, por nos fazer viajar na onda do pensamento e da arte, tomar uma coisa nova, uma droga que produz uma onda muito maneira, hoje esses mesmos autores retornam com mais força. Com tudo isso que já experimentamos, acrescentamos a urgência de levar a sério a ética desse pensamento.

Passamos a perceber os riscos e a sutileza da vontade de poder. O reencantamento como resistência ativa que os estudos desses autores provocam tem sido uma fonte de nossa alegria. A estética da existência, o cuidado de si. Necessidade prática para não adoecer profundamente. O pensamento da diferença ligado às práticas de composição coletiva têm sido uma resistência real, caminhos às margens da tristeza negativa do microfascismo, essa força cultivada nos implícitos consentimentos.

...

2019. Congresso nacional de psicologia social. Três amigas sofrem uma situação de racismo durante sua apresentação no GT. Sentiram-se invalidadas pela maneira constrangedora que a mediadora da mesa direcionou as perguntas a elas. Foram as únicas a serem tratadas dessa forma. Também eram as únicas mulheres negras. Após o incidente, ocorreu uma mobilização geral no congresso. A situação foi criticada por palestrantes de uma das principais mesas do dia, cujo tema era racismo no Brasil. A organização se manifestou, lamentou o ocorrido e publicou nota.

Hoje caminhamos na avenida paulista. Um domingo de sol. De repente o nosso passeio fez vizinhança com uma manifestação bolsonarista contra o STF. Fiquei curioso. Entrei na manifestação. Bandeiras nacionais e camisas da seleção fazem as cores da avenida. Churrasquinho de gato, cerveja, bandeira de Israel, vuvuzelas, trio elétrico, cartazes de apoio ao juiz Sérgio Moro, bonecos infláveis dos ministros do STF e do presidente vestidos de presidiários. Tudo isso ao som de *Brasil, mostra a tua cara, quero ver quem paga, pra gente ficar assim; Brasil, qual é o teu negócio, o nome do teu sócio, confia em mim*. Cazuza, de esquerda, representante do sex, drugs and rock n' roll dos anos 80, bissexual, usuário de drogas, pedia que o Brasil mostrasse a sua cara. Só não disse qual. Ali se mostraram as caras da extrema direita brasileira atual, pró ditadura militar.

Soubemos pelo jornal, eu e minhas amigas, no final do dia, que um menino negro de 12 anos foi agredido por manifestantes ali mesmo na avenida. Aqueles que o agrediram acusavam-no de ser bandido.

Duas semanas após o congresso, um dos palestrantes da mesa sobre racismo no Brasil, um homem negro, professor universitário, foi vítima de violência na rua. Foi agredido por um desconhecido, “sem causa aparente”. A violência tá se expondo sem ressalvas, demasiadamente aparente. A barbaridade está institucionalmente autorizada.

Um professor me contou que nesse congresso teve outro caso bizarro: um coletivo do movimento negro se manifestou durante uma apresentação dizendo que a reparação histórica deveria ser reproduzida nos brancos de hoje; que a violência sofrida pelas pessoas negras durante toda a época da escravidão até os dias de hoje é uma dívida que os brancos de hoje deveriam pagar, tal como a súplica. Pessoas da sala aplaudiram. Inclusive as autodeclaradas brancas.

“Não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias, e é isso que é necessário explicar, essa perversão do desejo gregário”.¹⁷ Por que se deseja o fascismo? A identidade tem sido reforçada na disputa política: identidade a se defender e a identidade a se atacar. Se alguém hoje grita fagocita, o resultado seria desastrosamente outro: destruição do corpo estranho.

reparar, re-parar

Tenho me aproximado dos professores que gosto. Isso também tem a ver com os estudos que eles têm feito. Sou monitor bolsista das matérias de Linguagem e de Motivação e Emoção. Na primeira, lemos Saussure, Nietzsche, a abordagem pragmática da linguagem, Austin e Silvia Tedesco. Na segunda, lemos Didi-Huberman, William James e Virginia Kastrup. Perguntei ao Christian Sade, professor responsável por essas disciplinas, se não seria interessante criarmos um projeto de experimentação corporal nas aulas. Porque lemos conceitos muito vivos, carregados de experiência. E só estou entendendo e vivendo esses conceitos de forma mais encarnada porque tenho feito terapia corporal.

No primeiro semestre, convidamos a Juliana Félix, psicóloga formada pela uff de rio das ostras. Inspirada nos trabalhos da Lygia Clark, no movimento autêntico, nas performances de Marina Abramovic e em suas aulas da Angel Vianna, suas proposições entrelaçam clínica, pensamento, coletivo e experimentação. No mais sutil cuidado. No segundo semestre, eu e Iris Pimentel inventamos a proposição. Foi forte. Produziu sentido no que estudamos. Uma singularidade nas relações entre estudantes, professores, sala de aula e uff. Muito, muito especial.

Iniciei o estágio supervisionado no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Fazemos atendimentos clínicos e supervisões coletivas. A equipe toda é composta por pessoas queridas. Somos todos amigos e temos a alegria de estarmos trabalhando juntos. Passei a

¹⁷ Deleuze; Guattari, 2011, p. 47.

integrar o grupo de pesquisa sobre os efeitos do Modo Operativo AND (MO_AND) na experiência. Trata-se de um jogo-dispositivo que performa o problema do viver juntos, como compor, como adiar o fim, como sair do protagonismo, como viver sem ideias, como habitar e jogar com a diferença. A base teórica do jogo é a filosofia da diferença. Sua singularidade está na maneira como coloca esses conceitos em prática. Em jogo, literalmente. Praticamos a ética do reparar sem seus múltiplos sentidos. Perceber, parar de novo, fazer reparações. Essa prática tem nos ajudado a viver esses dias agitados. Tem servido também como direção clínica nos atendimentos. Muita gente da supervisão participa da pesquisa. O professor Iacã Macerata é o coordenador dos dois projetos. “Clínica de território” e “A dimensão do cuidado no Modo Operativo AND”. A pesquisa contribui com a clínica e a clínica contribui com a pesquisa¹⁸. Assim fazemos a nossa esquizoanálise. No linguajar uffiano, assim fazemos a abordagem transdisciplinar da clínica. Plano comum de pensamento, clínica e amizade.

A pesquisa prática do MO_AND nos coloca em análise. Somos pesquisadores e pesquisados. Jogamos e discutimos a relação (DR) após o jogo. As DRs servem para elaborar a experiência. Isso é matéria prima de pesquisa. Cartografamos o efeito do jogo na experiência – tem aparecido muita coisa! Como o poder nos atravessa, como viver juntos é difícil e necessário, como o desejo de protagonismo nos separa no movimento coletivo, como uma ideia pode obstruir a percepção das composições imanentes da relação.

A força amorosa do grupo nos reúne. Não é o poder, as palavras de ordem, o entristecimento microfascista, as hierarquias, o protagonismo. É a crítica, a bobeira, a experimentação, a clínica, o ridículo, a piada, o cuidado. A alegria é mais forte. Nos une e nos modifica.

“como certas imagens ou certas músicas que permanecem sempre indissociáveis dos momentos de vida em que as descobrimos, os livros que lemos são permanentemente tingidos pelas situações e emoções através das quais vivenciamos”¹⁹

Não existe Deleuze, Freud, Ferenczi, Rolnik, Guattari, Foucault, Nietzsche, Espinosa e Bergson sem essa galera.

informe o seu cep

¹⁸ Macerata; Rocha; Albuquerque; Bergantin; Climas, 2024.

¹⁹ Didi-Huberman, 2024.

2020. Lugar de fala.

A fala de alguém tem um lugar. Ou melhor, diz de um lugar. Isso é interessante porque desestabiliza a ideia de que pode haver uma fala absoluta que poderia expressar verdades universais. Nenhuma fala exprime o mundo iluminado das ideias puras. Ao pôr um lugar a elas, dizemos que elas partem de perspectivas singulares. Isso desierarquiza o discurso e faz aparecer diferentes perspectivas. O dito é a expressão de uma vivência, uma história e um tempo presente. Expressão mesma dos atuais encontros que fazem a fala existir. Ou seja, toda fala é uma multiplicidade de encontros que ali se expressam.

Esse termo está ganhando outros sentidos. Está surgindo em um tom diferente. Uma melodia de ordem e de culpa. Um uso que contradiz essa primeira definição.

Não têm sido poucos os casos em que escuto alguém dizer “eu posso falar sobre isso, porque eu tenho lugar de fala” ou “você não tem lugar de fala para falar sobre isso”. Geralmente, essas colocações são seguidas de constrangimento. O que define o lugar de fala nesse tipo de situação? Quem ou o que autoriza ou desautoriza uma expressão e o seu reconhecimento? Ou ainda, como pode a fala se tornar um lugar privado em que alguns a possuem e outros não? Que lugar é esse que dá condição política de um dizer?

...

2020, pandemia. Um pessoal da psicologia acusou um professor de ser nazista no twitter. O motivo: o professor utilizou um texto de Heidegger em sua disciplina. Esse mesmo professor havia criado uma disciplina sobre saberes indígenas e africanos. Cada aula tinha uma pessoa convidada para compartilhar suas pesquisas, vivências e saberes. Outro professor foi apontado como sendo conivente com o racismo, também pelo twitter. Textos de Hannah Arendt, uma mulher branca e europeia, compõem a bibliografia obrigatória de sua disciplina.

O assunto foi levado para a reunião de departamento. Muito se debateu sobre a exposição, o medo e os ataques por todos que os professores têm sofrido. Foi reforçada a necessidade de nos cuidarmos para não reproduzirmos os ataques que a extrema direita tem feito à educação. Um professor criticou o pressuposto pelo qual esses tweets se apoiavam. Um saber não preexiste ao uso que dele fazemos, ele disse, e identificar o indivíduo-autor com o pensamento que ele expressa é um erro. “Podemos utilizar o pensamento de autores contra eles mesmos”. Cada autor expressa o seu tempo e simultaneamente pode expressar um futuro outro a depender de como ele é usado e interpretado. Por exemplo, encontramos passagens machistas nos textos de Freud. Podemos utilizar o pensamento de Freud contra

essas mesmas passagens machistas. Fazendo um uso interessado de um pensamento, podemos ultrapassá-lo. Fazê-lo contemporâneo, fazê-lo dizer mais. Perderemos muito se excluirmos tudo aquilo que sem a leitura, o rigoroso estudo e a arte da interpretação fosse marcado como inimigo colonial, atrasado em si mesmo. Isso nos impede da possibilidade de criar aliados inesperados diante de problemas que evocam respostas também inesperadas.

O ideal progressista da modernidade – cuja origem é europeia – exclui saberes marcados como não científicos, irracionais, desatualizados, atrasados ou refutados. Saberes obsoletos e arcaicos. Enquanto a verdade absoluta ainda for algo a ser alcançado ou enquanto ainda se acreditar que a verdade preexiste aos arranjos políticos, o problema moral sobre o que se deve ou não estudar continuará. O modernismo branco europeu também é brasileiro e pode ser às avessas. Avancemos rumo ao progresso?

...

Em uma pesquisa, não temos tempo para ler tudo. Ver as referências bibliográficas de um livro é um facilitador enorme. Fazemos amizades com as referências que utilizamos. É comum nos aliarmos àquelas obras que fazem sentido à vida que se produz em nós. “Nos equipamos com aquilo que achamos ser o melhor, senão não o faríamos” comentou o Iacã. A relação com um determinado pensamento é inseparável do contexto que habitamos quando lemos este ou aquele autor.

Excluir um livro ou um autor do campo de possibilidades de estudos sem antes ter tido um encontro com o rigor que um estudo exige, é demais... Sempre haverá um grupo de livros na moda, mas não é disso que se trata. A exclusão tá na moda. O negativo tá na moda.

O CEP de um autor passou a ser o mais importante? Julgamos um trabalho como bom ou ruim pela origem da publicação? Onde ficam as experiências da leitura situada de um determinado saber? Novos lugares não são criados quando trabalhamos livros europeus no Brasil, por exemplo? Não se cria aí novos lugares de fala? Se nos relacionamos somente com aquilo que nos identificamos, é possível criar outros modos de vida? Uma mesma referência não pode soar diferente a cada interpretação? Como Hannah Arendt e Heidegger poderiam ajudar a pensar problemas concretos das vidas presentes? Afinal, o uso ou o desuso de uma obra não deveria ser avaliado pelo problema específico de uma pesquisa?

...

Congresso Regional de Psicologia, 2023. Três pesquisadoras da UFRJ apresentaram um trabalho sobre um dispositivo clínico que elas participam no território da baixada fluminense. Empolgadas, nos contam como são os atendimentos, as demandas sociais dos sujeitos daqueles locais, os desafios e as bibliografias utilizadas para a realização da pesquisa. Ótima apresentação. Muito agradável. Estavam implicadas em seus trabalhos.

No canto da sala, um indivíduo levanta a mão para fazer uma pergunta: “não quero criar polêmica, mas...”.

No vão entre o “não quero criar polêmica” e o “mas”, sai a venenosa serpente rastejando entre os nossos pés. Ele continua, após inaugurar o desagradável: “não quero criar polêmica, mas – aliás, o trabalho de vocês está muito bom – mas eu não ouvi nenhuma referência bibliográfica de pessoas da baixada fluminense no trabalho de vocês. Fazer um trabalho na baixada sem ter referências de pessoas da baixada... Ou ainda ter mais brasileiras citadas... acho uma questão importante. Vocês chegaram a utilizar esses autores ou autoras brasileiras?”.

As pesquisadoras se olham. Compartilham o silêncio de não saber quem vai responder primeiro. Aos poucos, com um leve desconcerto, uma delas arrisca: “é verdade, é uma questão importante. Apesar de não termos citado, já estudamos outros trabalhos que nos ajudaram a pensar nisso ou naquilo. Mas não, não utilizamos referências bibliográficas de pesquisadoras dessa região ou mesmo de outros brasileiros...”. “Ok, ok, não, só pra saber, porque acho uma questão importante, mas parabéns pelo trabalho”, ele responde.

Fico incomodado. Faz tempo que escuto esse tipo de provocação escrota que não é feita pra ajudar. Só pra constranger. Estou à vontade. Já apresentei o meu trabalho e vou responder. A serpente do mal-estar não retorna ao buraco tão facilmente após a sua saída. É coisa demorada exorcizar maus encontros.

Decidi ajudá-lo a encontrar as referências brasileiras perdidas, pois quem sabe assim ele também não encontra o caminho para a sua maldita serpente.

– As pesquisadoras brasileiras estão aqui na sala. São elas que nos apresentaram as suas pesquisas. Pesquisa propriamente brasileira e da baixada; pesquisadoras que estão na baixada e concretamente criam alianças com sujeitos e instituições brasileiras; utilizam-se de referências bibliográficas de outros campos do mundo para escreverem e nos contarem em brasileiro. Elas singularmente cartografaram uma realidade brasileira.

Que alívio. Senti que não foi um alívio só meu, sinceramente. Tenho a impressão de que o pessoal está cansado desse tipo de situação, mas tem receio de problematizar. Pelo menos sinto isso.

...

2023. Pós-graduação. A proposta da disciplina é trabalhar a decoloneidade para uma psicologia brasileira. Citam o Bruno Latour. Identificam as ideias de Latour com aquelas tratadas em aula. Outros perguntam: “quem é Bruno Latour?”. A professora faz uma breve apresentação: “Latour é um pesquisador que nos traz colaborações importantes como a crítica da separação entre sujeito e objeto, sociedade e natureza... é legal, já estudei muito em outra época. Mas ele continua sendo um homem branco, europeu etc”.

Ah sim...

Não entendi qual foi a sua contribuição. Também não peguei a relação adversativa entre o seu pensamento e suas designações “branco, homem, europeu”. A ideia transmitida foi: Bruno Latour, apesar de tudo, melhor não.

...

Há uma cisão silenciosa na disciplina de metodologia. Ela ocorre por duas razões: o objeto de pesquisa de cada projeto – o tema e as referências bibliográficas – e o respectivo orientador. Por si só, utilizar autores brancos e europeus passou a traduzir a reprodução da lógica colonial das universidades. Utilizar autores brasileiros, mulheres e negros, passou a traduzir uma universidade decolonial. A novidade decolonial da uff contrasta com o velho e insistente inimigo europeu.

A obsolescência dos autores que davam o tom desse mesmo programa há não muitos anos se estendeu àqueles que são os seus representantes contemporâneos. Professores e pesquisadores brasileiros de Deleuze, Guattari e Foucault têm sido atacados covardemente.

Parece que a exigência é a de se atualizar dialeticamente. De negação em negação chegamos a uma nova consciência. Chega a ser bizarro. Dia desses ouvi uma crítica contra o Ailton Krenak por ele ser machista. O absurdo da constatação não será analisado aqui, mas sim o aspecto mercadológico da militância cristã: se Ailton Krenak é indígena e faz crítica ao capitalismo do homem branco, utilizamos Krenak, compramos, lemos e citamos os seus livros. Mas se Krenak é um homem machista, excluimos Krenak, compramos, lemos e citamos quem o critica, supostamente mais iluminada.

Ainda sobre a aula na qual citaram o Bruno Latour: a bibliografia da disciplina é toda composta por autores brasileiros e negros. As obras não brasileiras, quando citadas

publicamente, geram um *porém* de fundo. Um mal-estar, uma dívida mal-dita. A exclusão indica a necessidade de construir uma psicologia brasileira pura. “Subjetividade e exclusão social”: o nome da linha de pesquisa do programa nunca fez tanto sentido. Pergunto-me por que o signo da exclusão e não o da inclusão. Resquícios da falta sobre o rizoma. Subjetividade e forclusão social: antropofagia e esquizoanálise.

Saudades da época fagocita.

Nessa aula, eu estava no fundo da sala. Decidi sorrateiramente ler um livro comprado momentos antes. Tinha ali uma entrevista do Eduardo Viveiros de Castro. Lê-lo foi como um respiro, um espírito ecoando novas vozes oferecendo frescor ao meu espírito:

“Você tem o pessoal que está interessado em pensar o mundo, não em pensar “o Brasil”. Você pensa *no* Brasil, você está aqui, não tem como não pensar no Brasil, mas você não precisa pensar *o* Brasil, pensar no Brasil já basta, está ótimo. Há duas maneiras de conceber a questão da “brasilidade”: ou você acha que ela é causa do que você faz (e de causa se chega rápido a desculpa, a princípio sagrado, o diabo); ou então você percebe que ela é apenas consequência, você não pode não ser brasileiro, não tem como não ser. Não tem jeito; a não ser que você se exile ou troque de língua, mas enquanto isso, tudo que você fizer é brasileiro. Relaxe e goze”²⁰.

Não poderia haver melhor coincidência. O lugar de fala enquanto lugar da polissemia se reafirma no que diz Viveiros de Castro. O Brasil – o ser brasileiro – é um ser produzido pela multiplicidade. Estranho a qualquer purismo – o desejo de pureza sempre sustentou as práticas coloniais. Brasil tropicália, brasil antropofágico, brasil oswald de andrade.

...

Congresso image-conference, 2024. Conferência final de um congresso sobre imagem e ecologia. O tema é sobre diferentes modos de vida possíveis de serem pensados e experienciados em uma ecologia das imagens. O evento, de grande produção, contava com um grupo médio de pessoas. Hoje é o terceiro dia e basicamente todo mundo já se conhece. Alguns participantes assistem à conferência pela transmissão online.

Finalizada a fala da conferencista, abrem o espaço para as perguntas. Duas, três perguntas. Alguém toma o microfone para fazer a quarta pergunta. Diz com sorriso amarelo:

²⁰ Viveiros de Castro, 2009, p. 85.

bom, vou aproveitar antes, não sei se alguém fez, mas acho importante, mas farei a minha autodescrição antes da pergunta: sou uma pessoa assim, isso e aquilo, estou me vestindo dessa maneira, etc...”.

Sinto uma coisa estranha. Foi como escutar: “ninguém aqui fez o obrigatório, né? mas assim eu farei; darei o exemplo aos pecadores que ainda querem e podem se redimir”. Um mal-estar. Escuto ao meu lado dizerem baixinho “não aguento mais essa coisa perversa de gozar com o mal-estar alheio”. Alguém ao seu lado responde: “fosse há poucos anos, o pessoal iria aplaudir – é verdade! justo! muito bom! amém! glória! – Gozam com a culpa”. Não fui só eu que senti algo estranho na fala. Um alívio: perceber que o sentimento crítico é compartilhado, em sussurros, é verdade, ajuda a espantar o rastejante mal-estar e mal-dito, implícito, silenciador, perverso.

A prática da autodescrição se tornou implicitamente obrigatória. Ou ainda explicitamente exigida em uma série de eventos. Na Flipetrópolis, feira literária, Itamar Vieira Junior fez um elogio a esta prática: “é bom que estejamos fazendo a autodescrição, pois nos faz afirmar as nossas identidades”. Meses antes li uma crônica de outro escritor, José Eduardo Agualusa:

“Suponho que a autodescrição tem por generoso objetivo ajudar pessoas cegas. Creio, porém, que quem decide assistir à palestra de um escritor não está muito preocupado com o seu aspecto físico ou com a forma com que ele apresenta vestido. A autodescrição pode fazer sentido numa conferência de cosplayers, por exemplo, mas não num debate literário. Pedir que um escritor se autodescreva é ainda pior do que lhe perguntar “Quem é você?”²¹

Parece que há duas versões sobre o lugar de fala que se distinguem eticamente e ontologicamente. Em uma dessas versões a fala expressa um lugar-identidade. Noutra versão a fala afirma e expressa a multiplicidade de territórios existenciais. Na primeira, o terreno do clichê. Na segunda, uma desterritorialização contra-clichê.

eu amo o longe e a miragem²²

2024-2025. Muita coisa desta dissertação foi escrita antes de existir a seção “Lugares que falam”. Na qualificação, fui convocado a algumas modificações. As que mais me

²¹ Agualusa, 2024.

²² José Régio, 1955.

marcaram: situar melhor a pesquisa, ampliar o campo de comunicação com o leitor, direcionar o problema às questões éticas e confiar nas escritas da experiência, porque ali cintila poética. Entendi isso da seguinte maneira: situar o clichê, a experiência da ecologia dos signos e a ética contra-clichê no próprio fazer da pesquisa. De onde surge esse problema? Quais foram as condições de possibilidade para que uma pesquisa sobre o clichê como um problema da subjetividade contemporânea fizesse sentido? Por onde chegam os clichês e como resistir a eles? Dei um passo atrás.

Foram três meses sem escrever. Precisei navegar nas ilhas da memória. Redescobri as ilhas com outras paisagens. Havia novas histórias. Seus habitantes me contaram causos de maneira que eu não havia antes escutado. Histórias do clichê e das linhas de escape.

O esforço para situar o problema me levou a diferentes lugares. Novos agenciamentos se fizeram. Profusão de histórias, lembranças, reflexões e referências. Parte do trabalho foi o de criar um singular arquipélago de maneira que os capítulos e suas seções sejam a expressão de uma ecologia: que todas possuam relações necessárias entre elas e consistências estéticas próprias. Que cada uma se atualize na outra compartilhando um campo virtual.

A elaboração realizada nesta sessão veio ‘só depois’ de trabalhar uma série de conceitos filosóficos. Na primeira versão do texto, os conceitos flutuavam etéreos e reivindicavam corpos que lhe dessem a superfície. Onde aterrar? (pergunta Bruno Latour).

Percebi durante esta escrita que os conceitos expressam histórias e as histórias expressam conceitos. Na retomada dessas histórias me dei conta de que não há um autor, mas uma autoria diversa. A elaboração coletiva a partir dos acontecimentos políticos recentes foi a real possibilidade deste trabalho. Análise, conversas francas, estudos e sussurros. Tentei afinar polifonias. Digam-me como está soando.

Há um outro aspecto decisivo para esta elaboração final. Com esta dissertação está sendo possível não só analisar politicamente determinados aspectos da contemporaneidade, mas torná-los públicos. A orientação e a banca de qualificação foram indispensáveis nas afinações das cordas para que o texto, antes muito abstrato, pudesse ganhar a coragem do dizer. Inibição, ressabiamento e receio de se posicionar frente aos microfascismos que atravessam os espaços comuns a nós, da academia universitária, foi uma das razões da abstração da primeira versão. Isso se modificou. Há um gesto de se lançar, de transitar nômade entre ilhas, descrever o pato e o leão. Efetua-se aí uma cartografia que assina o trabalho. A dissertação que se segue não é sobre os acontecimentos aqui narrados, mas uma resposta ao problema que esses acontecimentos suscitam. Só assim o texto se aterrou um pouco mais no plano concreto, experiencial e ético.

por uma cuidadoria dos signos

A montagem cartográfica que se segue é o resultado da cuidadoria realizada nos últimos dois anos e meio. Na rede de referências que utilizo, proponho-me a conceituar o clichê e a experimentar alguns modos de resistência à vontade de clichê. A eficácia do trabalho se medirá no ato de escrita e no ato de leitura de cada um. Todas as referências são rastros de pessoas, seres e ideias que passaram em minhas mãos, olhos e ouvidos. Lugares falam na escrita. Criam-se e deslocam-se. Incorporação de agenciamentos coletivos; acontecimentos se expressam através de mim: e se sou algo, sou aquilo que media e seleciona as palavras e os afetos, também sou aquilo que por isso é produzido. Histórias produzem e reposicionam a ecologia de sentido do texto na medida em que se elaboram no presente e extemporâneo leitor. Derivas em territórios transversais.

...

Durante um período estudei livremente o historiador de arte e filósofo Didi-Huberman. Encontrei no youtube o trecho de uma entrevista. Ele diz: “não estamos em uma sociedade das imagens, mas em uma sociedade dos clichês”²³. As falas da entrevista fizeram muito sentido para mim ainda que eu não soubesse dizer exatamente o que eram os clichês e o que sustentava o diagnóstico feito por Didi-Huberman. Fiquei ativado nisso. Parece que a sua constatação se conectou com algo que estava à minha espreita, que eu também espreitava. Algo que fazia sentido em mim talvez desde o final da escrita da monografia de conclusão de curso em psicologia. Não há precisão possível. As pesquisas daí em diante se direcionaram deliberadamente para essa questão. Descobri que Gilles Deleuze, anos antes, disse a mesma frase no livro *Imagem-Tempo*²⁴. Sem me deter profundamente no que Didi-Huberman dizia sobre o clichê e sabendo que há proximidades e distâncias filosóficas entre ele e Deleuze, resolvi me deixar afetar pelo pensamento cruzado e criar caminhos para pensar a partir deste problema.

Não pesquisei diretamente o que Deleuze diz sobre o clichê em *Imagem-Tempo*. Também não estudei a *Lógica da Sensação*, recomendação do Danilo Melo, amigo e professor de rildas. Duas obras que certamente renderiam contribuições ao trabalho. Uma das

²³ Didi-Huberman, 2017.

²⁴ Deleuze, 2018a.

razões para não as utilizar foi o tempo. Dois anos voam em um mestrado. Outra razão foi o desejo de dizer do sentido do clichê através do pensamento de Deleuze sem necessariamente reproduzir as passagens em que ele já dissertou explicitamente. Há ainda uma terceira razão. Fluí nas correntes que pareciam levar a bons lugares, além de ser levado por outras sem nem perceber.

Parte da pesquisa é um trabalho de montagem. Combinação e edição como um filme que é ficção e documentário ao mesmo tempo. Ou então o trabalho de curadoria. História contada através da exposição de signos. Curador pela curadoria: ao invés de eliminar os desvios sobre a norma, inclinar-se às diferenças dos modos de existência de cada signo, as companhias que lhe interessam, suas transformações possíveis, seus efeitos em nós.

Tenho em meus cadernos anotações oriundas de aulas, cursos livres, grupos de estudo e leituras. Diversas frases que se formaram após ser tomado pelo pensamento estão às soltas em um grupo de whatsapp que criei para a pesquisa. Tendo a mim apenas como integrante, o grupo se chama *Anotações de Pesquisa*. Há músicas, reflexões acerca de alguma obra; fotos de páginas de livros; rascunhos sobre a estrutura da dissertação; recomendações; relatos de experiências etc. Arquivos transversais sob o problema do clichê. Rastros que demandaram montagem, tratamento e curadoria²⁵.

Acredito ser a potência do sentido de criar vidas e realidades o mais importante desta escrita. Que a montagem que aqui ocorre possa expressar um movimento clínico-poético. O que faz do problema da pesquisa uma ficção real, com certo drama e definitiva comédia, sugerindo o empenho de sempre nos colocarmos a questão: que mundo queremos?

Espero que o seu valor esteja no que pode o texto – o que ele faz expressar – e menos no que ele é. Pois já findando esta dissertação, ainda não sei ao certo o que é este texto, senão uma deambulação de sentidos.

²⁵ Planejava aqui escrever “tratamento” e “curadoria”. Percebi ter escrito curadoria. Tive o impulso de “corrigi-lo”: demonstração do controle sobre os sentidos. Percebendo o ocorrido, escrevo esta nota. Os signos pedem passagem, agem sobre nós, fazem surgir um sentido a partir da escrita. Cabe a mim dar continuidade. Assim se chama a metodologia do trabalho: curadoria dos signos.

Ecologia dos signos

“Houve um tempo em que se usava
nos livros
papel de seda para separar
as palavras e as imagens
receavam talvez que as palavras
pudessem ser tomadas pelos desenhos
que eram
receavam talvez que os desenhos
pudessem ser entendidos como as palavras
que eram
receavam a comunhão universal
dos traços
receavam que as palavras e as imagens
não fossem vistas como rivais
que são
mas como iguais
que são
receavam o atrito entre texto
e ilustração
receavam que lêssemos tudo
os sulcos no papel e as pregas das saias
das mocinhas retratadas
as linhas da paisagem e o contorno das casas
eu receava rasgar o papel de seda
erótico como roupa íntima”²⁶

Método e ética se confundem. Há um método na ética e uma ética no método.

O que comumente se entende por método de pesquisa é o conjunto de instruções bem definidas e delimitadas de um passo a passo a ser seguido para fazer uma ciência. Ideal formatado e aplicável universalmente.

Não houve antes um momento em que o conjunto de instruções foi escolhido como o mais indicado para a pesquisa em questão? A escolha é então parte da metodologia? E uma

²⁶ Papel de seda (Marques, 2015).

metodologia já carrega em si mesma pressupostos éticos e ontológicos, compreensões acerca do conceito da verdade? Se uma metodologia define uma posição ético-política, uma posição ético-política também define uma metodologia? Na base de uma pesquisa está o problema sobre o mundo que criamos, como criamos e a partir de que pensamento tecemos essas criações.²⁷

O que está em jogo quando nos sentamos em frente a uma tela ou folha de papel para escrevermos? O que aparece e como aparece? Como o múltiplo do corpo escrevente se expressa? O que se processa aquém e além do texto? Qual sentido une, separa e bifurca as proposições? Há sempre uma série de forças de criação que extrapolam as prescrições metodológicas. A maneira de fazer o trabalho é inseparável da percepção produtiva de mundos. Situar a poiesis de produção da pesquisa é definir o plano metodológico em um plano de imanência.

De direito, nenhum trabalho é o de comentador. Isso pressupõe que o objeto da escrita já estivesse lá, aguardando dentro dos livros um desbravador para descobrir os seus conceitos. Trata-se sempre de uma intercessão, de uma desmedida criadora entre o texto e o autor: como se lê? Por que esses textos? Quais linhas conectam e desconectam os textos? Como age o imperceptível? Nem sempre, no entanto, o exercício de tracejar os rastros de pesquisa, as marcas de suas das interseções, é explicitado ou assumido: disso nasce a ilusão do comentador.

O método cartográfico aposta na inventividade como método do método²⁸. Trata-se de uma metodologia em que se predomina o primado da experimentação. A caminhada é feita sem determinação apriorística por uma meta, ao contrário do que propõe a própria palavra método, cuja *meta* é primeira e o *odos* [caminho] é posterior²⁹. A metodologia cartográfica é um ato de criação – de um sujeito pesquisador e de um campo pesquisado que se imbricam em agências recíprocas, transformando em um mesmo tempo o campo e o sujeito, intercambiando campo em sujeito e sujeito em campo no limiar de novos possíveis.

Seguindo as indicações metodológicas da cartografia, experimentamos engendrar o texto justamente naquilo que ele quer performar: em seus conceitos próprios de ecologia dos

²⁷ Cf.: Latour (2016) “Não se trata mais de descrever o que é o universo, para em seguida extrair dessa definição regras de ação; mas trata-se de forçar cada parte a *explicitar* o seu – ou os seus – *cosmos*. É daí que vem a expressão multiversos [...] uma sobreposição de cosmogramas, que devemos aprender a descrever e a tornar públicos”; “encadeamento de seres diversos, a respeito dos quais dizemos serem mais ou menos compatíveis ou mais ou menos exclusivos de outras associações” (p. 160-161).

²⁸ (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015)

²⁹ “O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar que traça, no percurso, suas metas prefixadas, mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas [meta – reflexão, raciocínio verdade; hodos – caminho direção]” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 17)

signos, deambulação de sentidos, contra-clichê e devir arquipélago do mundo. Sendo a ecologia deambulatória o conceito envolvido neste trabalho, para fazê-lo apreensível e demonstrável, é necessário que a ecologia seja o método de pesquisa. Assim nos esforçamos para que ela não seja uma abstração sem agência de fazer sentir, pensar e agir diferente. Que reconheçamos aí suas forças de conceito. Conceituar uma ecologia dos signos consiste igualmente em pô-la em ação, caso contrário não funcionará como conceito.

Relacionam-se nesta ecologia dois elementos. A pesquisa bibliográfica e a elaboração de experiências. O primeiro elemento é composto por problemas-questões que nos levam aos rastros entretextos; faz derivas entre as ilhas de obras. Experimentamos não limitar o trabalho à reprodução das interpretações consagradas dos textos utilizados, sob o risco de nada investigar nas navegações e trilhas do pensamento ao seguir as rotas já mapeadas. Isso não significa que nas leituras que fazemos não haja pegadas, mapinhas, restos e presenças de outras entidades que ali habitam. São isso os comentadores: etnógrafos dos textos. A cartografia bibliográfica é a derivação entre ilhas e a coleção de conversações e artefatos reunidos nestas viagens. O sentido indefinido embarca e logo é percebido em sua qualidade de guia para a cartografia de arquipélagos, territórios comuns da pesquisa.

O segundo elemento, o das elaborações da experiência, é completamente confluyente ao primeiro. São narrativas da experiência que se ligam ao problema da pesquisa e aos conceitos. Ficções que dão vozes aos lugares, narrativas inesperadas que costuram o sentido. O sentido que dá voz ou melodia ao primeiro elemento.

...

O clichê. Nós o vemos por toda parte. Um modo de ser entristecido que reduz os possíveis de sentido. Modo de vida reduzido às soluções moralistas, vendidas nos centros e nas margens das ilhas. Poluição sonora e visual cuja brutalidade faz sumir os sons dos seres magníficos que ali também habitam. Estética de ordem, vontade de verdade, reprodução do dito: as máquinas colonialistas não param de produzir enunciados por essas forças. O clichê captura a multiplicidade. Reduz a diferença à identidade lucrativa. Circulação de apetrechos: apegamo-nos a eles, fazemos disso parte essencial de nós. Tornamo-nos comerciantes e comerciados.

Durante as nossas viagens, vimos o risco constante da captura do sentido. Há buracos de quase invisível saída. Esquecemos da viagem. Seduções neon, led e lcd na ilha escura

obliteram parcialmente as vistas. Máquinas cínicas desencantam a produção de sentido, essa luz que irradia em tudo o que existe.

O sentido: nossa inesgotável matéria prima, impossível de qualquer acúmulo. Aquilo que se expressa como lúmen dos modos de existência, que se produz num gesto ético contínuo. São quatro as formas de expressão do sentido: 1. expressão dos signos de afecção; 2. expressão dos signos de afetos; 3. expressão das noções comuns ou dos encantamentos; 4. expressão do devir.

Vamos nos utilizar da filosofia de Gilles Deleuze para experimentarmos uma semiologia partindo de sua intercessão com a filosofia de Espinosa e dos Estoicos. Deleuze não define assim o sentido: assim o definiremos a partir do pensamento de Deleuze. Primeiramente, faremos a distinção entre os dois primeiros tipos de signos: signos de afecção e signos de afetos. Em seguida, mostraremos como ocorre a remissão dos signos, antes de chegarmos à expressão das noções comuns ou dos encantamentos. Por fim, a expressão do puro devir, do sentido ele mesmo. As quatro formas de expressão constituem a semiologia das ecologias da existência.

signos de afecções

Os signos das afecções são efeitos do encontro entre corpos, as marcas de um encontro.

Uma fotografia feita por Sebastião Salgado de uma moça indígena, olhando para a câmera, exposta no museu. Fico diante dela. O coração bate diferente. Há compenetração dos olhos da mulher sobre mim. Tenho ideias da floresta envolta. Ideias do Sebastião Salgado e suas fotografias. Lembranças do livro do Didi-Huberman, “O que vemos, o que nos olha”. São afecções, marcas do encontro entre corpos: ideias, percepções e sensações que se sucedem. As afecções “exprimem nosso estado num momento do tempo”; são estados do corpo³⁰.

signos de afetos

Quando fui olhado pela mulher indígena na fotografia, paralisei-me – senti ao mesmo tempo um fluxo correndo manso pelo corpo. Emoção indeterminada. Um tipo de amor

³⁰ “Conhecemos nossas afecções pelas ideias que temos, sensações ou percepções, sensações de calor, de cor, percepção de forma e de distância” Deleuze, 2011, p. 178.

inquietante. Corriam movimentos em mim. Eu não consegui sair do lugar. Via a fotografia diferente – a fotografia me via, a mulher me olhava. O tempo passava como quem escuta o som do lado de fora de uma cápsula. Baixo, abafado, imperceptível. Meu corpo mudou.

Modificações do afeto: variações do modo de ser. Durações, flutuações da potência de perceber, sentir e agir de uma determinada maneira singular em contínua mudança³¹. Os signos das afecções são a fotografia, as formas, os olhos vistos por outros olhos, cada batida do coração: instantes, marcas, estados atuais. Os afetos são as variações que ocorrem entre os estados atuais. Intervalos que não se representam em uma forma. São o próprio movimento da potência do ser.

Um corpo em sua multiplicidade pode ter um encontro que ao mesmo tempo lhe potencialize uma parte e lhe despotencialize outra – ou seja, signos do aumento ou da diminuição da potência. Os afetos podem ser ambivalentes: diante da fotografia, ao mesmo tempo fico paralisado e correm fluxos de grandes mudanças emotivas.

Nem sempre precisamos viajar geograficamente para que o mundo seja outro. Viajar geograficamente não necessariamente produzirá grandes alterações de mundo. O ser pode se alterar alcançando o limite de sua potência no encontro com o vizinho desconhecido, e a mesma rua de sempre pode ser sempre outra. Ir à Amazônia com o olhar da fotografia turística não equivale a ser visto pelas imagens da Amazônia feitas por Sebastião Salgado. O olhar turista é recognitivo: reproduz clichês e os espera. Pré-estabelece o que deve ser visto e representa tudo aquilo que se vê. Sua posição no mundo e o próprio mundo são lugares dados, conferidos pelo olhar que busca reafirmar naquilo que vê a repetição de uma ideia de mundo, negando de princípio tudo o que lhe escapa.

Outro tipo de olhar é o encantado, estrangeiro. Olhar que também é olhado. Que se disponibiliza à percepção variante que se relaciona com o desconhecido novo mundo. O olhar encantado é o olhar recíproco: encantado por aquilo que olha, pois disponível ao encantamento da relação que produz o singular olhar. Inversamente, oferece os encantos que o olhar pode dar àquilo que contempla. (Estamos adiantando a expressão das noções comuns que retomaremos mais adiante).

A variação da qualidade da percepção é expressa como signos dos afetos, pois estes expressam justamente a variação do grau de potência de sentir, agir e pensar. Variações cujos signos são de aumento ou de diminuição, de composição ou de decomposição da potência: percebemos mais ou menos o mundo, temos um olhar mais ou menos encantado. Os signos

³¹ Ibid.

dos afetos enquanto signos das variações da potência de agir, sentir e perceber aumentadas ou diminuídas são signos que expressam mais ou menos encantamento no agir, no sentir e no pensar.

Se por um lado os signos das afecções são aqueles do estado do corpo, de um estado atual expresso pelas sensações, percepções e ideias no corte atual do tempo, os signos dos afetos são a expressão da duração mesma, em seu movimento de maior ou menor grau de potência – a condição de sentir, perceber e pensar. São dois signos cuja natureza se distingue, mas não se separam do ser. Uma imaginação só é possível pela potência de imaginar e essa mesma imaginação pode produzir uma diminuição da potência para outras imaginações. Ou seja, as afecções produzem afetos de aumento ou diminuição da potência, assim como essa variação determina a disponibilidade do corpo para ser mais ou menos afetado:

“A afecção, pois, não é só o efeito instantâneo de um corpo sobre o meu, mas também um efeito sobre a minha própria duração, prazer ou dor, alegria ou tristeza. São passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado a outro”³².

Há uma circularidade: as afecções determinam as variações da potência e a potência é o poder de afetar e ser afetado por outras afecções. Afecções boas são aquelas que nos aumentam a potência de ser afetado – agimos, pensamos e sentimos melhor; afecções más são aquelas que diminuem a nossa potência. Nisso se resume a seleção dos bons e maus encontros; seleção daquilo cujo efeito imanente é de composição ou de decomposição de nossa potência de existir, respectivamente.

Há casos de encontros que nos afetam a tal alto grau que experimentamos o nosso limite de ser afetado, sob o risco do maravilhamento ou da loucura, do limiar a uma mais alta potência do ser, ou do ultrapassamento de um limite para o abismo:

“A função da arte/I

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para
que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das
dunas altas, esperando.*

*Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de
areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta*

³² Ibid.

*a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu
ao pai: — Me ajuda a olhar!”*³³

São nas grandes variações afetivas que os sentidos se alteram radicalmente. É a expressão do devir arrastando signos, linguagens, formas, representações: fluxos que alteram toda uma realidade; expressão fora da linguagem.

Em sua forma representacional, a linguagem é da ordem das afecções. As ideias se expressam pela linguagem: *vejo um quadro fotográfico, sinto paixões, imagino aquilo que não aparece na fotografia, imagino o fotógrafo*. Percepções, sentimentos e ideias, afecções de um encontro.

A ideia, além de ser efeito de um encontro, é uma coisa que também nos afeta, nos faz sentir e perceber³⁴. Ler um livro, escutar palavras rudes, imaginar o melhor, lembrar do pior: são coisas com a qual nos encontramos que alteram a nossa potência. As ideias de um livro, o significado das palavras – todas elas pulsam, afetam, alteram a potência:

*“O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás da casa.
Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem”*³⁵

Um encontro se expressa em seus efeitos no encadeamento de ideias, sensações e percepções. Neste encadeamento a linguagem produz o campo significativo da experiência: *Vejo o sol, o mar. Sinto lábios de sal, o amor no peito. O silêncio me cai bem*. Misturam-se sensações, percepções e ideias umas nas outras e são todas causas entre si. O que nos acontece é expresso em representações inseparáveis das sensações que são inseparáveis das variações de potência. A linguagem compõe a potência e é parte da expressão da relação entre corpos. Não podemos pensar o discurso se não pensarmos os afetos de suas expressões.

³³ Eduardo Galeano, 2000, p.11.

³⁴ “Toda ideia é alguma coisa, não somente é a ideia de alguma coisa que nos afeta” Deleuze, 2019, p. 38.

³⁵ Manoel de Barros, 2015, 85.

Por outro lado, os signos dos afetos são irrepresentáveis. Eles são assignificantes pois expressam uma dimensão fora da linguagem³⁶, já que expressam uma variação de potência e não um estado de corpo. A variação em si mesma, por ser um movimento, é irreduzível aos encadeamentos significantes, pois o ato de nomear é produzir um estado, uma estática, ainda que articulada a várias outras palavras. Os afetos de composição aumentam o nosso grau de expressão linguística. E um bom encontro com as palavras compõe a potência para além da linguagem. Vale também o inverso: “algumas palavras duras, em voz mansa, te golpearam. Nunca, nunca cicatrizam”³⁷. Os signos das afecções são significantes; os signos dos afetos, assignificantes. Respectivamente, são signos das ideias e signos das potências.

a remissão dos signos

Seja na forma das afecções ou na forma dos afetos, os signos não são referentes diretos de um corpo individualizado, existente em si mesmo. Nem de um objeto em si, nem de um sujeito em si. Na perspectiva deleuziana-espinosista, todos os corpos são múltiplos. Todo corpo é uma composição de múltiplos corpos. A realidade se faz por múltiplas relações em movimento. Nada está dado ou existe isoladamente. Os signos são efeitos dessas relações. São signos de uma determinada multiplicidade de corpos, de agenciamentos específicos que constituem a sua consistência. Signos de um encontro e não de um indivíduo ou objeto, dado que inexistente um corpo que não esteja na relação com outro corpo³⁸.

Referentes a um estado de corpo (signos-afecção) ou à variação da potência (signos-afeto), ambos signos expressam uma singular relação. Expressam a mistura recíproca de afentantes e afetados e suas conjuntas modificações:

“os signos não têm por referente direto objetos. São estados de corpo (afecções) e variação de potência (afetos) que remetem uns aos outros. Os signos remetem aos signos. Têm por referente misturas confusas de corpos e variações obscuras de potência, segundo uma ordem que é do Acaso ou do encontro fortuito entre corpos. Os signos são efeitos: efeito de um corpo

³⁶ Silvia Tedesco chamará de “o não linguístico da linguagem” Cf. Tedesco (2008a; 2008b)

³⁷ Andrade, 2012, p.101.

³⁸ Cf. Curso sobre Spinoza (2019); Espinosa: Filosofia prática (2002). O corpo humano compõe-se de muitos indivíduos de natureza diferente, cada um dos quais é também altamente composto”. Cf.: Espinosa, ética II, postulado I (Spinoza, 2009). A noção de indivíduo para Espinosa pode ser entendida como corpo. Não se refere ao indivíduo estritamente enquanto indivíduo humano. Todo indivíduo é uma multiplicidade de indivíduos – é o mesmo que dizer que todo corpo é uma multiplicidade de corpos.

sobre o outro no espaço, ou afecção; efeito de uma afecção sobre uma duração, ou um afeto”³⁹.

Como poderia haver uma identidade senão enquanto um conjunto de afecções? Um conjunto de marcas produzidas pelo acaso dos encontros? A essência em Espinosa é referente à potência de um corpo afetar e ser afetado. Essência em movimento, situada e imanente. O essencial de um corpo não é o que ele é, mas o que ele pode – e o que ele pode é uma questão permanentemente aberta, dado que são os processos de suas composições e decomposições entre encontros que definem o corpo. Portanto, a identidade de um corpo só existe em um recorte no tempo e no espaço. O “eu” que se expressa é um conjunto de relações se criando e se desfazendo.

De direito, todas as expressões são invariavelmente coletivas. Ninguém fala a própria história individual, ainda que se queira e ainda que seja isso que se venda na literatura. O modo de dizer e o conteúdo que se expressa é uma multiplicidade de signos de afecções e de potência. Toda enunciação é, em sua base, um agenciamento coletivo. Os “lugares que falam” que tratei nas páginas anteriores são expressões das mais diversas afecções que indicam múltiplos lugares de relações. Ninguém detém o sentido como posse, nem a fala expressa um único lugar. Em toda enunciação lugares falam, relações se expressam, signos agem em nós. Quando os signos se tornam posse de alguém, testemunhamos os perigosos poderes pastorais. Transcendência que absolutiza verdades. Falar em nome de todos ou determinar a quem pertence um determinado signo é um falso problema, origem das muitas tristezas do poder. O desejo por verdades universais, os imperativos morais, a circulação dos clichês: eles fecham e impedem o sentido de novas composições. É preciso fazer o inverso. Aumentar a disponibilidade às expressões e percepções dos signos. Expressar e perceber as relações que de fato compõem e decompõem as nossas vidas. Fazer isso singulariza e situa a nossa existência sem a necessidade de privatizar os lugares e as falas. É dizer: ninguém fala por ninguém, mas ninguém fala sozinho – falamos com e a partir de determinados alguéns. Toda e qualquer expressão situada expressa múltiplas relações, múltiplos lugares. Coletivos, tempos históricos, diversas afecções e múltiplas potências. Falamos a partir de intercessores:

“a unidade mínima não é a palavra, nem a ideia, nem o conceito, nem o significante, mas o *agenciamento*. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, tampouco não se referem a

³⁹ Deleuze, 2011, p.180.

sujeitos como sujeitos de enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos. O nome próprio não designa um sujeito, mas alguma coisa que se passa ao menos entre dois termos que não são sujeitos, mas agentes, elementos. Os nomes próprios não são nomes de pessoa, mas de povos e tribos, de faunas e floras, de operações militares ou de tufões, de coletivos, de sociedades anônimas ou de escritórios de organização”⁴⁰.

A multiplicidade de signos que se compõem, se encadeiam uns nos outros, cortam raciocínios, derivam uma poética, tecem novas objetividades, traça e dispara devires: toda expressão é de direito uma ecologia de sentidos. Efetuá-la é tracejar as redes de corpos que mediamos através de nossas expressões. Perceber e selecionar as entidades, atores humanos e não humanos, toda série de existências vivas e não vivas que se expressam em nós – que nos fazem expressar. É avaliar os encontros que fazemos tendo em vista o efeito deles sobre nós. Que signos indicam a nossa potência de vida? Com quais encontros compomos a nossa potência?

os encantamentos das noções comuns

“somos escritores. nosso trabalho consiste em absorver a luz, como as plantas. Em transformar a luz em matéria viva. Consegues escrever sem primeiro te encanteres?”⁴¹

Diferente dos signos, as noções comuns expressam não a mistura de corpos, mas a apreensão da íntima estrutura ou do maquinismo do corpo em relação⁴². São as noções comuns que expressam aquilo que faz com que dois ou mais corpos sejam compostos um pelo outro. Um tronco, raízes fincadas na terra, galhos, folhas verdes, os fungos, os pássaros: a imagem de todos juntos formam o signo de uma árvore, um conjunto de afecções. As imagens são o efeito de uma série de encontros compostos – mas como e por que estes diferentes corpos se compõem? O que faz com que a raiz se componha com a terra e a água? que o conjunto da árvore se componha com o gás carbônico e com o oxigênio? O que liga o passarinho ao galho? Entre eles há uma noção comum: algo os encanta. Maquinismo particular que se combina e forma uma máquina de múltiplos agenciamentos (a árvore não

⁴⁰ Deleuze, 1998, p. 65.

⁴¹ Agualusa, 2020, p.42.

⁴² Deleuze, crítica e clínica, p. 181.

seria árvore sem os troncos, que só o é pelas raízes, que não poderiam ser sem o oxigênio, oxigênio que não poderia ser sem a fotossíntese dos vegetais, oxigênio respirado pelo passarinho que come o fruto e defeca as sementes de novas árvores etc.). Conhecer as noções comuns é revelar o maquinismo de uma relação a partir das características singulares de cada corpo relacionado: conheço o funcionamento dos olhos pois conheço a luz, conheço a luz pois conheço o funcionamento dos olhos – jamais concluo que a luz e os olhos sejam a mesma coisa, mas que conheço cada um a partir de um agenciamento entre eles e nunca isoladamente. Conhecemos através de uma composição, por algo que se afirma entre os corpos. A noção comum é a terceira forma de expressão do sentido, e o segundo gênero do conhecimento: o conhecimento das causas.

Concluimos por isso que a causa de um corpo é justamente a causa de uma composição, pois, como vimos, todo corpo é uma relação entre dois ou mais corpos:

“a estrutura ou objeto é formado por dois corpos pelo menos, sendo cada um destes formado por dois ou mais corpos ao infinito, que se unem no outro sentido em corpos cada vez mais vastos e compostos”⁴³.

Quando captamos os signos, efeitos de um encontro, sabemos apenas parcialmente sobre a multiplicidade que compõe o nosso corpo e sobre o corpo ou a ideia que nos afetou: palavras duras me golpearam – sei quais palavras (afecções), sei como me senti (afeto), mas por que estas palavras e por que este sentimento? Saber dos afetos e das afecções é o primeiro gênero do conhecimento: o conhecimento dos efeitos⁴⁴.

É preciso acessar o plano de composição para conhecermos verdadeiramente a estrutura singular das relações. Só assim saímos da passividade frente ao acaso dos encontros e deixamos de ser a expressão das marcas cujas causas são ignoradas. Através do segundo gênero do conhecimento, o conhecimento das causas, a construção das noções comuns, nos disponibilizamos à expressão da multiplicidade que somos – a razão de ser aquilo que podemos em tal ou qual relação. Saber que um encontro é estranho, que um livro apesar de muito bem falado nos faz impotente, ou que a reunião de departamento de colegiado da pós-graduação em psicologia é um mau encontro – isso já é importante. Mas conseguir construir a composição para conhecer as causas desse entristecimento é realizar a travessia ética. O conhecimento se faz positivamente: através de correntes de composições

⁴³ Deleuze, 2011, p. 182.

⁴⁴ Cf.: Deleuze, (2002; 2019).

conhecemos a estrutura dinâmica da relação: o funcionamento maquínico que produz os aumentos e diminuições de potência. O grau de veneno ou remédio de um *pharmakon*. É muito diferente da dialética negativa que para conhecer diz primeiro “não”, percebe antes de tudo as impossibilidades:

“Espinosa propõe o inverso: em vez de fazer a soma de nossas tristezas, escolha um ponto de partida local sobre uma alegria [composição] com a condição de que sintamos que ela nos concerne verdadeiramente. Sobre isto nós formamos a noção comum, sobre isto tentamos ganhar localmente, estender uma alegria. É um trabalho da vida”⁴⁵.

Desconhecendo as causas corremos o risco de ter uma série de encontros que decompõem a potência, sem nada poder fazer sobre isso. É não saber, de fato, a multiplicidade que somos e expressamos no movimento imanente. Desconhecemos a ecologia que nos produz vida e ficamos mais vulneráveis às vontades de poder entristecedora quando nos limitamos ao primeiro gênero do conhecimento. Conhecer as noções comuns dos sentidos que se compõem é cartografar a ecologia de sentidos: encantar uma vida. Captar na expressão dos existentes os signos que neles cintilam e aquilo que é condição de seus funcionamentos: como funcionam, como cintilam e em quais relações imanentes. Perceber as vias por onde as potências escoam para facilitar a ocorrência dos fluxos da expansão da vida enquanto acontecem. Fazer da expressão o meio de constituição de uma ecologia dos sentidos, praticar uma ética de inclusão dos coletivos que consistem em nós em constante experimentação nas relações. Nada somos além de consistências de sentidos de entidades diversas em devir contínuo.

...

Como passamos efetivamente do conhecimento dos signos ao conhecimento das noções comuns? Tudo ocorre primeiramente ao acaso: uma relação se compõe pelo rumo dos ventos.

No caminhar da exposição, vejo muitas fotografias. Mas vejo uma fotografia. Aquela fotografia da mulher olhando para a câmera. Uma composição acontece. Já sou outra coisa: uma coisa comum entre a foto, Sebastião Salgado, a mulher que me olha. Demoro-me. Sinto

⁴⁵ Deleuze, 2019, p. 65.

coisas que não havia sentido antes. Modificações me ocorrem. Conheço-me por diferenciação composta com novas entidades. Eu sou outro você e não somos os mesmos.

As noções comuns têm por condição um cultivo de percepção e de expressão. Através deste cultivo ético-estético fazemos a passagem de um gênero para o outro. Exercício de encantamento através das relações. Precisamos dos signos para irmos além deles, travessia dos efeitos às causas. A disponibilidade àquilo que compõem a nossa potência e nos transforma é o que permite sermos mais ativos para criarmos composições ilimitadamente, “até o único objeto da Natureza inteira, estrutura infinitamente transformável e deformável, ritmo universal [...], modo infinito”⁴⁶. Quanto mais potente estamos para pensar, agir e sentir, mais potência temos para afetar e ser afetado. Logo, mais composições podemos ter. O encantamento é a disponibilidade para novas composições diante daquilo que nos acontece aumentando a nossa potência de sentir, pensar e agir. É perceber, expressar e selecionar a multidão que somos:

“da minha aldeia vejo o quanto da terra se pode ver do universo... Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer. Porque eu sou do tamanho do que vejo. E não do tamanho da minha altura [...] Tornam-nos pequenos porque nos tiram todo o tamanho que podemos olhar”⁴⁷.

Os devires são as passagens diferenciadas próprias das noções comuns; produzir encantamento é produzir devir que nos põe viajantes íntimos do mundo: não são isso os nômades?

...

Vemos novos mundos a cada vista, produções de diferenças tornam-se as paradoxais imagens em movimento do mundo.

O olhar que já sabe o que vai ver é arrogante. Triste, tomado pelo poder. Não dá chances a si mesmo e desistiu do mundo por supor que já o conhece. Olhar dos clichês, das paixões tristes: expressa decomposições, desencantamento, descrença. Desconhece a magia das novidades alegres, pois a tudo nega disponibilidade de afetação. Pensa, age e sente na mesma monotonia. A contradição do nostálgico: o mundo já não é o mesmo de antes, nada de

⁴⁶ Deleuze, 2011, p. 182.

⁴⁷ Alberto Caeiro – Pessoa, 2022, p. 28.

novo há. A indisponibilidade para a diferença é necessária ao clichê, na medida em que ele é a negação às diferenciadoras composições. Ser clichê é o diagnóstico da vida padecida por um mundo solitário. A indisponibilidade à diferença impede o cultivo de ecologias de sentido porque se indisponibiliza à intimidade da estrutura de suas relações. Tudo em volta morre ou escapa, pois não se sabe como funciona: e como nada vive sozinho, morre-se também. Praticar o segundo gênero do conhecimento é o mesmo que povoar a existência de múltiplas entidades que se reúnem por encantamentos recíprocos. Seleccionamos assim as entidades que melhor compõem nossas expressões. Seleccionamos as ecologias que produzem sentido de vida compartilhada. Permanecer no primeiro gênero, conhecer as marcas, é arriscar-se ao acaso dos encontros dentre os quais aqueles que nos enfeitiçam de tristeza. O olhar triste e arrogante do clichê é produto do poder. O clichê expressa o máximo enfeitiçamento do capitalismo: nos faz desejar a repetição desencantada pelo lucro.

...

Revisão das paisagens: todo corpo está em relação com outros corpos. Dessa mistura se expressam dois tipos de signos. Os corpos têm por efeito composições e decomposições de sua potência. Alguns encontros entre corpos aumentam a potência de agir, sentir, pensar (signos de composição da potência), outros encontros diminuem a potência de agir, sentir, pensar (signos de decomposição da potência). Seguindo o exemplo: meus olhos veem a tela. Olhos e tela são representações de um encontro. São marcas: efeitos de inúmeros processos que ocorrem para que a tela seja algo visível para o olho e para que olho seja algo que vê uma tela. Estamos no campo das afecções. Ideias dos encontros, representações dos corpos que se encontram: olho e tela são significados (uma ideia sobre algo que vê, algo que é visto – linguagem encadeada entre percepções e sensações formando significantes). A variação da potência é irrepresentável, pois a sua natureza é o movimento. As variações dos afetos são imanentes a cada encontro múltiplo e incontável, ou ainda, não-totalizável e não-numérico.

Os movimentos podem ser traduzidos por imagens estáticas. As imagens da tela (afecções) me estimulam (afeto – variação de potência), mas com o tempo, a tela cansa (variação de potência) os meus olhos (afecção). Os verbos traduzem uma variação de potência, mas não representam a variação ela mesma. A variação é vivida através do corpo.

No momento em que tomei o café me senti mais disposto para trabalhar; o trabalho me faz sentir menos disposto para passear na cidade. Café e trabalho são imagens dos encontros, são representações. Na medida em que o café potencializa uma ação (trabalhar), o

trabalho despotencializa outra ação (passear na cidade). A variação afetiva é traduzida pelo signo “disposto”, uma afecção-ideia, e expressa a variação de potência: antes do café, depois do café, antes do trabalho, depois do trabalho. As conexões possíveis de aumento ou de diminuição de potência são ilimitadas: o café, a temperatura do café, a qualidade do grão, a noite de sono anterior, o salário na conta, a exploração do trabalho. A variação ela mesma não se representa. O movimento dos múltiplos encontros pode apenas ser fracionado em algumas representações (antes do café, durante o terceiro gole do café, após fechar o computador do trabalho) que não são a mesma coisa que o intervalo incapturável entre elas – o signo-afeto de composição ou de decomposição. Entre um gole e outro a variação da potência é constante, ilimitada, não capturável pela linguagem.

O cinema nos ajuda a perceber essa diferença das formas de expressão destes dois signos: os vídeos que assistimos nas telas nada mais são do que uma quantidade imensa de frames (imagens) por segundo que, colocadas em rápida sequência, produzem a sensação de movimento. Diante do real movimento, a câmera captura milhares de estáticas imagens por segundo. Quando colocadas em sequência em alta velocidade, as imagens produzem um movimento aparente. Entre uma imagem e outra, há um espaço sem imagem. Não vemos o intervalo entre as imagens, mas não podemos com isso negar a sua existência. O intervalo sem imagens é condição para o movimento e é aquilo que une uma imagem à outra, aquilo que garante a sua sequência. O intervalo distingue uma imagem da outra e também as une quando faz a passagem entre elas.

A imagem é equivalente às afecções e o intervalo é equivalente à variação da potência: as afecções se sucedem umas às outras e as ideias suas representações. A variação da potência é irrepresentável e ocorre entre as afecções. Durante a sequência das imagens estáticas em um filme temos variações de sentidos: clímax, tédio, amor, horror, humor. Alegrias e tristezas inseparáveis das imagens em movimento. Após o filme, quando rememoramos algum afeto específico, podemos nos lembrar de cenas que nos fizeram sentir algo semelhante. Ligamos os afetos às imagens, às cenas que fluem num específico sentimento, mas os afetos são eles mesmos sem imagens. Dizemos da imagem que nos fez sentir amor: e o amor é sem imagem, ainda que evoque uma série delas. Signos de diferentes naturezas convivem e expressam o movimento do ser.

Por combinações singulares das imagens dos encontros e dos encontros com imagens, jamais vemos o mesmo filme duas vezes. A variação da potência é a repetição da singularidade. Um livro lido outra vez é sempre outro: a citação tem a dizer coisas novas. É preciso vê-las, percebê-las, expressá-las. As singularidades persistem: “ninguém lê o mesmo

livro duas vezes. Um pouco mais tarde, haveria de perceber que ninguém lê os mesmos livros – lendo os mesmos livros”⁴⁸. Logo, a identidade é uma repetição aparente.

...

Chico César quando vinha ao Rio ficava na casa de Paulinho Moska, em um apartamento próximo à Lagoa Rodrigo de Freitas. Em uma dessas vindas, Moska percebeu que havia algo de estranho em Chico.

– O que houve, Chico? Está tudo bem?

– Sabe o que é, Moska? À caminho daqui, de dentro do táxi, passando pela lagoa... vi a lua. Pela janela vi a lua, a lua refletindo na lagoa... Me deu uma saudade...

– Saudade de quê, Chico, de quem?

– De nada, de ninguém... Só a saudade.

– Que coisa bonita! Vamos fazer uma música!

– Maria Bethânia vai adorar.

*Saudade, a lua brilha na lagoa; Saudade a luz que sobra da pessoa; Saudade igual farol, engana o mar, imita o sol; Saudade sal e dor que o vento traz.*⁴⁹

Afeto da saudade percorre as evocações de tantos signos de afecções... A lua, o farol, a luz que sobra. Assim, dois músicos compõem um afeto sem imagem no encadeamento de signos diversos, fazendo até uma imagem da própria saudade: a lua na lagoa. (Maria Bethânia de fato adorou e gravou uma versão com o Lenine).

Chico e Moska encantam os signos, compõem musicalmente demonstrando a ética das composições. Criam uma noção comum que expande o sentido da saudade: uma lua na lagoa não é só uma lua na lagoa, com ela vem o sal, o sol, a *saudade, eterno filme em cartaz*. Ecologia própria deste afeto que faz quem escuta atravessar por muitos lugares. A música é uma ecologia, signos de encantos, noções comuns compostas em melodias.

⁴⁸ Agualusa, 2020, p. 70. “Uma coisa que é importante de ser dita: também são os jornalistas, ao fazer-nos perguntas, e o público, quando nos faz perguntas, os leitores, no fundo são eles que nos ajudam a compreender os livros [...] Só começo a aprender, aprendo a fazer isso a ouvir os leitores, escutando os leitores escutando, os outros jornalistas. Eu realmente acredito nisso: eu acho que um livro só existe a partir do momento em que começa a ser lido, porque são os leitores também que criam o livro, é a maneira como os leitores o leem é que vão criando o livro” – diz o escritor José Eduardo Agualusa, em entrevista (Silva; Teles, p. 4).

⁴⁹ Paulinho Moska; Chico César, 2010.

lógica do sentido: devir e acontecimento

Até aqui, vimos três formas de expressão: afecção, afeto e noção comum através do agenciamento Deleuze-Espinosa. Para compreendermos a quarta forma de expressão, o devir o acontecimento ou o sentido ele mesmo, será necessário navegarmos pelo agenciamento Deleuze-Estóicos. Navegações que balançam.

Na *Lógica do Sentido*, Deleuze descreve o círculo da proposição dividindo-o em três dimensões: designação, manifestação e significação⁵⁰. A designação é a relação da linguagem com o objeto referente: *cidade, copo descartável de café, o mar, o barco*. São objetos singulares, estados de coisas, imagens particulares designadas pela linguagem: “a designação opera pela associação das próprias palavras com imagens particulares que devem “representar” o estado de coisas”⁵¹. Logo, dependem de uma rede de significados. A manifestação é referente à “relação da proposição ao sujeito que fala e que se exprime”⁵². É o sujeito que expressa os signos de um estado de coisas, um manifestante qualquer. Personagem, narrador e objetos que dependem, por sua vez, que haja designações para manifestar. A significação, terceira dimensão do círculo da proposição, trata da relação “da palavra com conceitos universais ou gerais, e das ligações sintáticas com implicações de conceito”⁵³. Intervém como um elemento de demonstração da proposição, o conceito que demonstra a relação entre as proposições e as imagens que elas expressam. O conceito tem o seu valor lógico enquanto designa um estado de coisa: o significado é verdadeiro quando designa uma relação entre os corpos existentes; e um significado é absurdo quando designa uma relação inexistente. Um conjunto de corpos pode ser expresso pelo significado ‘*uma cobra de vidro*’ como pode também ser expresso por ‘*enseada*’⁵⁴: “a significação não fundamenta a verdade, sem tornar ao mesmo tempo o erro possível. Eis porque a condição de verdade não se opõe ao falso, mas ao absurdo: o que é sem significação não pode ser verdadeiro nem falso”⁵⁵. Nem cobra de vidro nem enseada são erros: ambas são verdadeiras pois designam um encontro atual de corpos. Assim como a cobra de vidro de Chico Buarque já designa uma outra coisa: a periculosidade própria do tempo da ditadura brasileira de 68⁵⁶. Determinar erros e acertos é uma disputa sem síntese, pois os significados são a expressão de

⁵⁰ Deleuze, 2003.

⁵¹ Ibid., p. 13.

⁵² Ibid., p. 14.

⁵³ Ibid., p.15.

⁵⁴ Ver p. 48.

⁵⁵ Deleuze, 2003.

⁵⁶ “Aos quatro cantos suas tripas, de graça de sobra. Aos quatro ventos os seus quartos, seus cacos, de cobra. O seu veneno arruinando a tua filha, a plantação. Presta atenção” (Chico Buarque, 1973).

perspectivas. O inverso de suas verdades seria uma expressão delirante que em nada designa: o não sentido do sentido.

O círculo da proposição é, portanto, o círculo 1. da designação de estados de corpo, 2. do manifestante que faz a designação e 3. dos significados que demonstram a relação entre a realidade corporal, o designado e o manifestante. Deleuze se questiona quanto ao primado da linguagem. Interessa-o saber qual dimensão do círculo da proposição é a sua gênese. Ele demonstra que todos são co-dependentes e não poderiam separadamente ser fundantes da própria proposição. A partir dos Estoicos, Deleuze identifica então uma quarta dimensão, a gênese do próprio círculo: “este incorporal na superfície das coisas, entidade complexa e irreduzível, acontecimento puro que insiste ou subsiste na proposição”⁵⁷. Essa gênese é o acontecimento puro do sentido.

Há, essencialmente na física dos estoicos, duas espécies de coisas: as coisas corporais e as coisas incorporais. Os corporais são as misturas dos corpos, corpos que são causa um do outro. Gramaticalmente, são expressos por substantivos e adjetivos: árvores, pessoas, alma, fogo, frio, belo, vivos, mortos etc. Não há causas e efeitos entre os corpos, mas causas uns dos outros, causas de afecções, de ações e paixões infinitamente. Sol que causa uma luz, luz que causa um broto, broto que causa uma árvore, árvore que causa o belo; livro que causa uma aula, aula que causa um pensamento, pensamento que causa uma escrita... As ideias enquanto signos são efeito das misturas de causas de corpos. O corpo de múltiplos corpos é o corpo de múltiplas causas. Expressá-lo por signos é expressar o efeito de suas múltiplas causas misturadas: geram-se percepções, sensações e ideias.

A outra espécie de coisa são os incorporais. São os efeitos dos estados de corpo. Estes, expressamos linguisticamente com os verbos. O brotar é um efeito de uma mistura de corpos: causas entre a luz do sol, a terra, o adubo, o oxigênio, o gás carbônico, a água. O pensar é um efeito de uma mistura de causas: aula, livros, encontros, conversas, colapsos. Uma faca corta uma carne. Faca e carne são corpos, estados de corpo. O cortar é incorporal, um efeito, verbo infinitivo que se expressa desse encontro.

Enquanto os estados de corpo ‘existem’ (a faca, a carne), os incorporais ‘subsistem’, ‘insistem’ (o cortar). Possuem um mínimo de ser – é uma entidade ‘não existente’ que se atribui aos corpos que existem. Uma espada contra a outra produz uma faísca: duas espadas, uma faísca – três corpos que existem, causa um do outro. O faiscar, esse efeito do sentido, é incorporal. Não existe, mas subsiste ou insiste como efeito dos corpos, verbo infinitivo, pura

⁵⁷ Deleuze, 2003, p.20.

expressão – “o sentido é o expresso [...] um impassível, um incorporal, sem existência física nem mental, que não age nem padece, puro resultado...”⁵⁸. A árvore é verde, mas o verdejar é o sentido, o acontecimento expresso. Seu atributo:

“este atributo lógico não se confunde de forma alguma com o estado de coisas físico, nem com uma qualidade ou relação deste estado. O atributo não é um ser, e não qualifica um ser; é um extra ser [...] não é uma qualidade na coisa, mas um atributo que se diz da coisa e que não existe fora da proposição que o exprime designando a coisa [...] Não se confunde nem com a proposição que o exprime, nem com o estado de coisas ou a qualidade que a proposição designa. É exatamente a fronteira entre as proposições e as coisas”⁵⁹.

Vimos que a palavra também afeta. Há uma torção, um paradoxo. Por um lado, temos os corpos em relação de causa. Por outro, temos a expressão incorporal como efeito das misturas de corpos. Como o sentido nos afeta se ele é um efeito?

O sentido é uma coisa quase-corporal que nos é quase-causa. Se o sentido fosse um mero efeito, o mundo não mudaria ao ouvir sentenças. Não se trata de simples constatação quando o Google nomeia o Golfo do México de Golfo da América após a eleição de Trump. Ele expressa o acontecimento da eleição de uma política fascista e colonialista gerando um outro sentido do mundo quando o nomeia. O Google não poderia renomear o Golfo se não houvesse um acontecimento fascista em curso. Ou se assim o fizesse não funcionaria: seria sem sentido. O juiz quando profere uma sentença: a sentença é expressão do acontecimento do julgamento, mas determina um sujeito em estado de liberdade ou condenação. Ela expressa uma rede que lhe é anterior – as acusações, as defesas e o júri –, mas tudo muda quando a sentença é proferida. Um juiz fora de seu cargo não carrega poder algum de quase-causa jurídica sobre a realidade. Ele é efeito de uma rede e o sentido não é a sua propriedade. São palavras delirantes e sem sentido aquelas que não são efeito de redes concretas. No Brasil quase todo juiz é meio delirante por achar ser a causa e o detentor dos sentidos da realidade: “você sabe com quem está falando?”. O sentido é quase-causa nas situações em que de fato ele expressa um acontecimento. A assembleia que determinou a ocupação da *uff* de rio das ostras em 2016 produziu um novo sentido para a universidade. “*Aprovada a ocupação da uff de rio das ostras*”. O sentido mudou: a universidade se tornou também um dormitório. Sem a votação da maioria, uma causa entre corpos produzindo um

⁵⁸ Ibid., p. 21.

⁵⁹ Ibid., p. 22-23.

acontecimento, nenhum sentido determinaria mudança se não a expressasse agindo como quase-causa.

A imagem da fita de moebius representa a diferença e a relação dessas duas dimensões da proposição. Um lado da fita é o da proposição que designa estados de corpo; do outro lado da fita, o acontecimento, essa coisa incorporal que é a gênese da proposição. Mas como é próprio da fita, não há um lado de dentro e um lado de fora. Dentro e fora se entrecruzam, dada a torção da fita. O plano corporal e o plano do sentido⁶⁰.

É preciso sair da colonização dos sentidos que sobrepõe as designações aos acontecimentos. Definir um acontecimento é negá-lo. Não se define algo enquanto classificação do que ele é. As próprias definições só valem enquanto expressão da relação concreta; senão falamos sem sentido, palavras soltas, representações que em nada são efeito dos estados atuais. É diferente quando habitamos a potência do corpo para daí devir uma linguagem encantada. É um trabalho de sintonia: sintonizar-se com o acontecimento naquilo de inesperado que o define, a variação de potência a partir das relações ali compostas, e daí dar passagem para um encadeamento linguístico. Isso expressa o sentido.

Há diferentes modos de expressão: científico, filosófico, clínico etc. Uma cobra de água não expressa a mesma potência que uma enseada. São diferentes produções de sentido, pois são acontecimentos distintos. O menino não é o mesmo quando tem o seu mundo desencantado por aquele que lhe corrigiu imputando-lhe outra palavra. Um acontecimento lhe ocorreu, e fazer poesia disso foi a sua maneira de produzir sentidos novos, verdades que lhe são mais potentes. Não se trata de delírio. Precisamos avaliar qual é o sentido que se expressa naquilo que dizemos, percebemos e expressamos. Qual sentido articulamos diante de um acontecimento.

Se até aqui vimos que o sentido se expressa por signos e noções comuns, temos agora o sentido expressando o puro acontecimento. O sentido se define pela expressão dos signos, das noções comuns e do puro devir enquanto criação de um novo mundo.

O devir é a gênese do novo sentido. Expressão do acontecimento puro e gênese absoluta de todas as formas de expressão. Nesse ponto escrevemos deleuzianamente: ou seja, não o citamos, mas criamos com ele. Entre o linguístico (signos) e o não linguístico (noções comuns), duas formas de expressão do sentido, há a gênese que os modifica intensamente. Esta é a quarta forma de expressão do sentido: a expressão do puro acontecimento que

⁶⁰ “O acontecimento subsiste na linguagem, mas acontece às coisas. As coisas e as proposições acham-se menos em uma dualidade radical do que de um lado e de outro de uma fronteira representada pelo sentido. Esta fronteira não os mistura, não os reúne (não há monismo tanto quanto não há dualismo), ela é, antes, a articulação de sua diferença: corpo/linguagem)” (Deleuze, 2003, p. 26).

também chamamos Sentido, dessa vez além e aquém dos signos e das noções comuns – mas a gênese mesma destas formas de expressão que ocorrem após o seu colapso diante de um acontecimento, fazendo-as absurdas ou sem sentido. A quarta expressão do sentido é a expressão de um outro sentido do sentido.

literatura e clichê

Mia Couto esteve recentemente no Rio de Janeiro para participar de um bate papo. O escritor contou que há, em Moçambique, 28 línguas ativas além do português. São as línguas maternas, existentes antes da colonização portuguesa. A língua portuguesa, considerada a oficial do país, não é falada por muitos moçambicanos.

Frente a um rio, Mia conversou com uma mulher de um povoado de língua materna. Ele quis saber qual era o nome do rio na língua de seu povoado. *Fonte que engravida*. Mia se interessa em descobrir as línguas pelos intercâmbios. Disso surgem palavras novas. Ele conta outra história: “eu havia esquecido meu bloco de anotações num hotel. Entrei em contato com a recepção e recebi uma resposta em sms de alguém dizendo “sim, você esqueceu no seu arrumário”.

Na seção de perguntas, recordei ao Mia Couto de uma entrevista que ele e seu amigo José Eduardo Agualusa, escritor angolano, participaram. Em um dado momento da entrevista, eles falam sobre a relação da identidade com a literatura:

“Agualusa – Na minha família, toda a gente contava histórias. Toda a gente queria contar as melhores histórias. Mia, esperavam de si grandes histórias?

Mia – Eu era o mais desvalido da casa. Era o pasmado, que não sabia fazer coisas práticas. Tinha de haver um território onde dissesse – onde disséssemos – que somos visíveis.

Agualusa – [Contar histórias] é uma afirmação identitária. O que é importante no nosso caso, tu como moçambicano, eu como angolano, é que na escrita há uma afirmação identitária.

Mia – Começa por ser isso. Depois já não queremos saber disso.

Agualusa – O meu primeiro livro, *A conjura*, um romance histórico sobre o século XIX, é claro para mim que surge como afirmação identitária. Depois é como o Mia diz. A gente toma gosto naquilo e vai.

[Entrevistadora] – Resolver e afirmar uma identidade, através da escrita é também uma maneira de suturar feridas?

Agualusa – Afirmção identitária mesmo. Um modo de dizer: “Estou aqui neste país e sou angolano desta maneira”⁶¹.

Nos livros de Agualusa cruzam estrangeirismos o tempo todo. Há intercâmbios entre personagens de diferentes países de língua portuguesa. Suas histórias perseguem enigmas, encantamentos, criações de passados, sonhos, futuros e palavras. Não formam jamais uma síntese. Em um evento também recente no Brasil, Agualusa manifestou que seus livros contam outras histórias sobre Angola. Criar versões do seu país para enriquecê-lo de sentidos descolonizados.

Há um outro conceito de identidade em jogo em sua literatura: “sou angolano desta maneira”. É completamente diferente de dizer “sou desta maneira porque sou angolano”. A identidade é antes uma diferença, uma singularidade que não se molda por identidades transcendentais sobre o ser da nação angolana ou o ser angolano. A essência é aqui mais espinosista: um modo singular de ser.

Há uma personagem em *Mulheres de Cinzas*, romance de Mia Couto, chamada Imani. Seu nome expressa o paradoxo do ser em um território colonizado:

“Este nome que me deram não é um nome. Na minha língua materna “Imani” quer dizer “quem é?”. Bate-se a uma porta e, do outro lado, alguém indaga:

– Imani?

Pois foi essa indagação que me deram como identidade. Como se eu fosse uma sombra sem corpo, a eterna espera de uma resposta”⁶².

Imani tem dois irmãos, sendo ela a filha do meio. O irmão mais velho é guerreiro de Ngungunyane, o último dos imperadores do território de Moçambique. O irmão mais novo é afeito aos portugueses. Gostaria de ser igual a eles. Ambos se associam a impérios que exploram e matam na terra de Moçambique. A filha do meio é a expressão deste paradoxo da identidade com a qual escrevem: quem é este país? Em sua negatividade, nada o expressa realmente.

Perguntei ao Mia Couto se em sua literatura a identidade é um paradoxo, como um ser que não é o do nome próprio, mas dos neologismos. Se ele e o Agualusa, em estilos diferentes, partem de um problema comum, o da criação literária de uma identidade em países colonizados – mas a criação de um país e de um ser enquanto neologismo, um

⁶¹ Couto; Agualusa, 2019, p.151-152.

⁶² Couto, 2015, p. 15.

cruzamento paradoxal, disjunções inclusivas; ficções criadas. *Sim, acho que entendi a pergunta*, responde.

Mia continua dizendo que as viagens que eles estão a fazer juntos em seus países, na miragem da identidade, não ocorre por mérito próprio. *Sou mais velho que o meu próprio país e participei da escrita de seu hino. A identidade é uma construção. Não temos um nome, mas mil nomes. E nos perdemos nesta busca da identidade única. O que nos ajuda é que nas línguas de Moçambique não há, por exemplo, a palavra raça; uma palavra que diga religião; que toda palavra que quer dizer de uma baliza, que seja o conceito de baliza ou fronteira que marca a diferença, não existe.*

Eis um modo de produção de sentidos diante dos acontecimentos que escapa aos identitarismos, sem com isso escapar do problema da identidade. O identitarismo enquanto transcendência sobre o sentido solapa a criação, pois a identidade dá a ilusão de que ela é a autora da criação, e não o seu efeito. A rede coletiva do acontecimento de um sentido é ignorada pela ilusão individualista do sujeito ser a causa própria do sentido.

A diferença entre uma literatura que põe o problema da identidade enquanto um problema e aquela que quer afirmá-la, é radical: entre os livros “Torto Arado” e “Salvar o Fogo” De Itamar Vieira Júnior e “As areias do imperador”, “Milagrário pessoal”, “Terra Sonâmbula”, “O vendedor de passados”, e “Sociedade dos sonhadores involuntários”, uns de Mia Couto, outros de Agualusa, há uma diferença de natureza. Não são a mesma literatura. O primeiro tipo afirma a identidade em sua transcendência, enquanto o segundo afirma o paradoxo da identidade e seu problema ético.

Entre a crítica da ideia de raça e a acusação de racismo aos seus críticos, há um abismo ético-estético-político. Foi assim que o escritor laureado pelos dois últimos prêmios Jabuti na categoria romance recebeu a crítica de Ligia Diniz⁶³ aos seus romances e assim respondeu a defesa que Agualusa faz ao direito da boa crítica⁶⁴. Vieira Júnior atrai o risco do

⁶³ “De modo geral, é este o problema do romance — problema que aparecia de modo mais inventivo em *Torto arado*: a abordagem maniqueísta das relações sociais e raciais, que parte do princípio, implicitamente acordado com o leitor, de que, nessas páginas, por uma questão de justiça histórica, os negros e indígenas estarão do lado certo e a elite branca estará do lado não apenas errado, mas diabólico. Não se trata aqui de duvidar dos referentes sócio-históricos que fundamentam essa polarização — eles são muito concretos —, e sim de questionar a forma ficcional dada a esses elementos. São muitos os personagens rasos, como o hediondo abade Tomás, que, em vez de suscitar uma reflexão a respeito da dinâmica do racismo e do domínio eurocêntrico, levam a uma interpretação do processo colonial e de suas consequências como uma mera empreitada de homens doentamente maus. É aquela velha questão: caso nossa história criminosa houvesse sido fruto da ação de monstros, seria mais fácil emergir dela. Infelizmente, ela é feita por seres humanos [...]” (Diniz, 2024).

⁶⁴ Carta a um escritor que aprecio”: este é o primeiro texto que o escritor publica em defesa das boas críticas: “o combate anti-racista, e o combate contra a extrema direita em geral, sai prejudicado sempre que alguém na tua posição — relembro: uma posição de grande poder e privilégio — lança acusações deste gênero, absurdas e levianas, para responder a uma opinião discordante” (Agualusa, 2023a).

clichê, seja em seus livros, seja na sua postura enquanto escritor: “fiscais de raça: a insistência do escritor Itamar Vieira Junior em classificar qualquer crítico como racista desvaloriza a luta antirracista e ele próprio”⁶⁵.

A diferença essencial entre as duas literaturas é seu ponto de partida ético, estético e político radicalmente distinto. Expressar o paradoxo do sentido nos faz pensá-lo em suas condições de potência de devir e encantamento. Os romances de Mia Couto e de Agualusa são povoados por entidades e línguas novas. Não há metáforas em seus mundos encantados. Há de fato outro mundo em produção. Representar a realidade para que ela seja reconhecida é fazer operar o clichê sobre o sentido: “a alta rotatividade constitui necessariamente um mercado do esperado: mesmo o “audacioso”, o “escandaloso”, o estranho etc., são moldados segundo as formas previstas do mercado”⁶⁶.

Sobre os livros do premiado escritor brasileiro, Ligia Diniz escreve em sua crítica:

“O autor parece não acreditar no poder da ficção e da imaginação, e quer garantir que os leitores recebam seus recados. Nenhum detalhe é lançado apenas para que o leitor capture sozinho a deixa; nenhum gesto de opressão passa sem ser destrinchado [...] Talvez, no entanto, a literatura de Itamar Vieira Junior encarne, mais do que qualquer outra no país, o espírito do tempo, e isso as vendas mostrarão melhor do que uma resenha. É mesmo um mérito saber sintetizar assim uma tendência. Para a literatura brasileira, porém, esse sucesso aponta o status enfraquecido da ficção imaginativa e o triunfo da narrativa didática e moralizante, que se esquia da complexidade humana e finca o pé na prescrição de como o mundo deve ser encarado”⁶⁷.

Sabemos: vendeu bem.

⁶⁵ Agualusa escreve esta coluna como resposta à acusação de “whitesplanning” que o escritor brasileiro designou à “Carta a um escritor brasileiro que aprecio” escrita pelo angolano. Após pôr o problema da raça como uma vivência situada que não é a mesma a depender do território em que se habita, ele diz: “lembrei-me dos fiscais de raça-sul africanos depois de ler uma entrevista de Itamar Vieira Junior ao Metrôpolis, na qual ele me acusa de ter cometido “*whitesplanning*” – expressão do inglês americano que não tem tradução para a nossa língua, o que já diz muito sobre os perigos de tentar aplicar conceitos criados para uma determinada realidade, no caso a americana, a contextos culturais completamente diferentes” (Agualusa, 2023b).

⁶⁶ Deleuze, 2013, p. 164.

⁶⁷ Diniz, 2024.

é necessário sair da ilha

“é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós”⁶⁸.

“amar o próximo não me parece difícil — difícil é amar o distante”⁶⁹.

Deleuze formula a esquerda de duas formas. A primeira, como uma questão de percepção: “não ser de esquerda é como um endereço postal. Parte-se primeiro de si próprio, depois vem a rua em que se está, depois a cidade, o país, os outros países e, assim, cada vez mais longe”⁷⁰. Ser de direita, ou não ser de esquerda, é partir da percepção da individualidade mais próxima, do reconhecimento de si próprio e do mundo que menos lhe é distante e se expressar segundo essa referência. A percepção do mundo parte da inflação do eu. Deleuze continua: “ser de esquerda é diferente, é perceber primeiro o contorno, começar pelo mundo, depois o continente, depois o país, até chegarmos à rua [...] Não em nome da moral, mas em nome da percepção. Ser de esquerda é começar pela ponta”⁷¹. Trata-se de um problema ético e de forma alguma moral. Ser de esquerda é ativar uma percepção da diferença, das composições da existência desde sua ecologia mais heterogênea.

Significa, por exemplo, perceber a proximidade da floresta amazônica em nós, antes que as fumaças das queimadas produzidas pelo agronegócio escureçam a cidade de São Paulo⁷². Não basta que alguma rede social nos jogue imagens de desmatamentos e genocídios contra povos indígenas e palestinos, se isso não alterar o nosso campo de afecção radicalmente. A dispersão de imagens pode gerar efeitos contrários ao da esquerda: ver um mundo tão distante na tela, ainda que diante dos nossos olhos protegidos pela facilidade de rolar o feed. A depender da política das imagens, estas podem nos aproximar do distante. Sentimos a imediatividade de Gaza e da Amazônia por uma alteração de percepção. Quando a extensão do corpo é expandida por agenciamentos mundiais e os signos são percebidos como efeitos de uma grande ecologia.

Já a segunda forma da esquerda segundo Deleuze é o devir minoritário:

⁶⁸ Saramago, 2006, p. 41.

⁶⁹ Agualusa, 2025.

⁷⁰ Deleuze, 2021.

⁷¹ Ibid.

⁷² “Fumaça de queimadas da Amazônia encobre São Paulo em dia seco” (Garcia, 2024).

“a esquerda nunca é maioria enquanto esquerda por uma razão muito simples: a maioria é algo que se supõe pelo padrão. Irá obter essa maioria aquele que, em determinado momento, realizar este padrão. Mas posso dizer que a maioria não é ninguém. É um padrão vazio”⁷³.

Forma contígua da primeira, ser de esquerda é produzir alteridade. Há um ato de descrença no padrão – ele age sobre nós, pondo-nos o desejo de realizá-lo, mas constatá-lo vazio é retirar a sua força pela secreção do devir minoritário. Mesmo diante da insistência do padrão, algo inevitavelmente falha, expõe o simulacro. São linhas imperceptíveis que levam o possível para mais longe⁷⁴.

Se a maioria não é ninguém, devir minoritário é a condição do próprio ser: “todos os devires são minoritários. A esquerda é o conjunto de processos de devir minoritário. A maioria é ninguém, a minoria é todo mundo. É aí que acontece o fenômeno do devir”. Em uma aula, Deleuze afirma: não somos pessoas, mas acontecimentos⁷⁵.

São por essas mesmas vias que Deleuze e Guattari definem a literatura revolucionária. Diferente da vanguarda como forma de revolução, pois toda vanguarda – ainda que um novo modelo – é ainda um modelo. A revolução está no devir minoritário – o fora do modelo e a condição de novas modelizações. Em Kafka: por uma literatura menor, Deleuze e Guattari escrevem:

“As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual ao imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. É o mesmo que dizer que o ‘menor’ não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)”⁷⁶.

Vindo de uma posição de minoria tcheca judaica no Império Austro-Húngaro, Kafka faz uso do alemão, uma língua maior, pois oficial e hegemônica no campo político econômico, para reativar nele seu devir minoritário. A língua maior não se impõe

⁷³ Deleuze, 2021.

⁷⁴ Guattari é se presentifica nesta proposição quanto a ideia de um alargamento de possíveis, especialmente no livro *Cartografias Esquizoanalíticas*. Apesar de não poder, pelo tempo que me cabe, incorporá-lo nesta escrita, faço a referência ao seu pensamento que percebe as linhas de fuga em tudo o que há na vida. Efetivamente, Guattari sempre trabalhou percebendo a singularização.

⁷⁵ Deleuze, 2018.

⁷⁶ Deleuze, Guattari, 2022, p. 39.

“sem ser ao mesmo tempo afetada por múltiplos vetores de transformação que atestam os efeitos produzidos *nesta língua* por movimentos geográficos e migrações humanas, relações de forças sociais, deslocamentos e desestabilizações dos equilíbrios políticos”⁷⁷.

O devir minoritário é então imanente à língua maior, pois secreta dela suas desterritorializações internas. Reinventa a língua aquém e além de suas fronteiras e nacionalismos, reencontrando na língua os estrangeiros de dentro que a colocam na relação com o fora.

Fazer literatura de esquerda tem menos a ver com a representação de identidades ou biografias autocentradas do que colocar em expressão o fora de si:

“todo escritor, todo criador, é uma sombra [...] A partir do momento que escreve, a sombra é primeira em relação ao corpo. A verdade é da ordem da produção da existência. Não está dentro da cabeça, é algo que existe. O escritor emite corpos reais”⁷⁸.

Imani, angustiada por sua condição, “como se eu fosse uma sombra sem corpo, a eterna espera de uma resposta”⁷⁹, é na verdade o duplo paradoxal da criação. Ela é o intervalo entre as maiorias de um império português e outro moçambicano. Seu nome, “quem é?”, traduz a irredutibilidade da minoria: ela é ninguém enquanto representação, no entanto é todo mundo.

Às margens dos discursos moralizantes que definem a literatura como o reflexo de uma vivência individual, Agualusa enfatiza o exercício da alteridade como a condição mesma de liberdade para o fazer literatura. O clichê do “lugar de fala” produz um sistema de julgamento sobre as obras que não se produzem por esse regime, pois confunde o exercício de devir minoritário com biografia narcísica (“o narcisismo dos autores é odioso porque não pode haver narcisismo de uma sombra”⁸⁰). Diz o escritor angolano:

“esse modismo intelectual que está condenado a desaparecer, porque não faz sentido nenhum, é uma atitude antiliterária. O lado mais bonito da literatura é convidar o leitor a ser outro por algum tempo. Um escritor que não é inteiramente livre já não é mais um escritor. Não se pode escrever sob pressão ou com medo. Um autor é uma entidade múltipla, que precisa o tempo

⁷⁷ Sibertin-Blanc, 2021, p. 125.

⁷⁸ Deleuze, 2013, p.172.

⁷⁹ Couto, 2015, p. 15.

⁸⁰ Deleuze, 2013, p.172.

todo saber ser outro e, em vez de reproduzir esse mundo, criar mundos novos que possa entregar ao leitor”⁸¹.

Por essas definições, ser de esquerda e fazer literatura revolucionária nada tem a ver com produzir reconhecimentos de identidade ou nação, já que reconhecer é, em princípio, um ato de reconhecimento: ver o que já se espera⁸². Trata-se de avaliar o que pode uma literatura: experimentar as forças moleculares no interior das línguas maiores ou, ainda, criar consistências minoritárias para novas sensibilidades.

os tempos do sentido

O tempo próprio dos estados corporais e incorporais é outra diferença física importante. Os estados de corpo ocorrem no presente de cronos: o sol, a luz, o broto se sucedem cronologicamente. Os incorporais são devires ilimitados de passados e futuros coexistentes. Seu tempo é de aion⁸³. Há a dança de alguém, mas há um dançar que expressa o acontecimento da festa. Muda-se a música e o ritmo. O dançar permeia os gestos de todos os tempos – dança-se a música anterior na música seguinte; modos de dança de outras épocas acontecem no presente e inauguram a dança do futuro; beija-se a pessoa seguinte no beijo que já ocorreu com outro – há tão somente um beijar sem sequência em que todos estão atribuídos em um beijo atual: o que já foi beijado e o que ainda não foi se encontram no devir da antropofagia erótica fagocitante⁸⁴.

Morre a árvore, assassinam povos quase inteiros. O sentido de ser de um povo persiste, o verdejar é infinito. “No Brasil todo mundo é indígena, exceto quem não é”: Viveiros de Castro diz de um sentido que se expressa no Brasil, de um modo indígena de ser que se produz também por devires⁸⁵. Ou Deleuze, que desde a década de 90, diz do sentido palestino:

⁸¹ Agualusa, 2024b.

⁸² Tal politização imanente dos meios de enunciação que a obra de kafka, em sua conjuntura própria, segundo Deleuze e Guattari, permite trazer à tona, não se confunde com as lutas das minorias nacionais, nem figura como instrumento ideológico (no sentido, por exemplo, em que a edificação de uma história literária pode intervir na luta ideológica para impor o reconhecimento de uma identidade nacional). Ela é condicionada por processos históricos que “minoram” um sistema de maioria, ou seja, que submetem as constantes normativas desses sistemas a variações ou desvios não codificados por esse sistema; e só pode se atualizar em uma apropriação prática desses processos por meio de agenciamentos aptos a experimentar suas potencialidades de transformação” (Sibertin-Blanc, 2021, p.126)

⁸³ Deleuze, 2003.

⁸⁴ Ver p. 19.

⁸⁵ Viveiros de Castro, 2005.

“será que existia um povo palestino? Israel diz que não. Sem dúvidas existia um, mas isso não é o essencial. Pois, a partir do momento em que os palestinos são expulsos de seu território, na medida em que resistem, eles entram num processo de constituição de um povo”⁸⁶.

É também a profundidade de Mia Couto: “morrer no rio é um modo de não morrer”⁸⁷. A morte do corpo é cronológica, ocorre no presente espaçado. Mas o sentido que passa por uma pessoa pode perdurar infinitamente: um alguém enquanto acontecimento é infinitivo, puro extra-ser que subsiste no devir do tempo. Morre-se alguém: seus atributos subsistem, ressoam infinitamente enquanto sentido que se atribui aos corpos. Um modo de falar, de agir e de pensar daquele corpo que morreu subsiste naqueles presentes. O sentido insiste como o fluir do rio que é e não é o mesmo.

...

Quando a realidade devém outra – quando as percepções, ideias, e ações se modificam – surge uma nova ilha na ilha que habitávamos. Modificação atômica dos sentidos, fundação de outro mundo. O sentido do acontecimento, plasmático mensageiro e transformador cósmico:

“[Robinson Crusoe] compreendeu a causa do seu tardio despertar: esquecera-se, na véspera, de guarnecer a clepsidra, e ela parara [...] preparando uma inversão do curso do tempo. Robinson estendeu-se voluptuosamente sobre a cama. Era a primeira vez desde meses que o ritmo obsessivo das gotas rebentando-se uma a uma dentro da gamela deixava de comandar o menor dos seus gestos com um rigor de metrônomo. O tempo suspendera-se. Robinson estava de férias [...] Refletindo, mais tarde, sobre essa espécie de êxtase que se apoderara dele e procurando dar-lhe um nome, chamou-lhe um *momento de inocência* [...] Apercebia-se agora de que a pausa feita tinha para toda a ilha um alcance maior do que para si. Dir-se-ia que todas as coisas, ao cessarem repentinamente de se inclinar umas para as outras no sentido de seu uso e da sua usura, tinham, cada uma por si, tombado de sua essência, exibiam todos os seus atributos, existiam por si mesmas, inocentemente, sem procurar justificação que não fosse a da própria perfeição. Caía do céu uma grande doçura, como se Deus, num súbito impulso de ternura, tivesse resolvido abençoar todas as suas criaturas. Havia, suspenso no ar, algo de venturoso

⁸⁶ Deleuze, 2013, p. 161.

⁸⁷ “– É verdade que minha mãe morreu afogada? Afogada era um modo de dizer. Ela suicidara-se, então? A Avó escolhe cuidadosamente as palavras. Não seria suicídio, também. O que ela fez, uma certa tarde, foi desatar a entrar pelo rio até desaparecer, engolida pela corrente. Morrera? Duvidava-se. Talvez tivesse se transformado nesses espíritos da água que, anos depois, reaparecem com poderes sobre os viventes (...) Quando entrou no rio, seu corpo já era água. E nada mais senão água” (p.105); “Morreu no rio que é um modo de não morrer” (Couto, 2003, p.196).

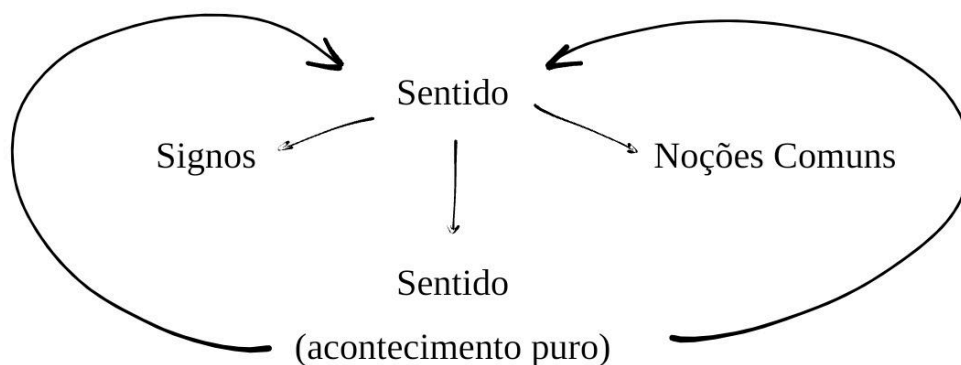
e, durante um breve instante de indizível alegria, Robinson julgou descobrir *outra ilha* atrás daquela onde há tanto tempo solitariamente penava, outra ilha mais fresca, mais quente, mais fraternal, que a mediocridade das suas preocupações normalmente mascarava⁸⁸.

O tempo cronológico desvaneceu-se em tempo aiônico. Mudanças intensivas, um acontecimento.

Produzir sentidos é habitar o acontecimento e ligá-lo a outros acontecimentos infinitamente através de sua expressão. O acontecimento ocorre nos corpos, aprofunda-se neles. Produzir sentido é colocá-los na superfície ligando-os uns aos outros, encadeando a diferença nela mesma. O colapso do acontecimento se transforma em fundação de outro mundo. Do colapso do tempo à expressão de uma nova vida – “Robinson julgou descobrir *outra ilha* atrás daquela”. Essa é a quarta forma de expressão do sentido: o sentido ele mesmo, o seu devir fundante de singularidades. Luz da univocidade sem sombras. Composição absoluta e não relativa.

Em suma, o sentido é um problema de expressão dos corpos. Se o corpo é uma multiplicidade, uma ecologia de corpos heterogêneos, o sentido expressa o múltiplo desta ecologia diferentemente em suas quatro formas já apresentadas. A multiplicidade do sentido é a re-produção da ecologia dos corpos. O puro devir, quarta forma de expressão do sentido, é a expressão de um acontecimento colapsante. Quando se expressa o colapso, reinicia-se o próprio sentido de todas as coisas. A expressão do devir é a afirmação do eterno retorno da gênese do sentido. É nesta quarta expressão que o sentido pode ser entendido não só como efeito (expressão) mas como quase-causa (produção). Enquanto o sentido expressa o acontecimento, logo, sendo seu efeito, ele produz um novo sentido ao acontecimento já passado, fazendo-o futuro. Portanto, a quarta expressão do sentido é o sentido ele mesmo, seu re-início.

⁸⁸ Conhecemos outra ilha e outro Robinson Crusoe com um outro romance primeiro contada por Daniel Defoe. Michel Tournier reescreve a história do naufrago de Crusoe sendo totalmente outra história. (Tournier, 2014, p. 84-86). Deleuze também analisa o romance na *Lógica do Sentido* (2003, p. 311)



No esquema acima, o sentido se expressa através dos signos de afecção e afeto, nas noções comuns e no sentido do acontecimento: este retorna ao expressante como o eterno retorno do devir de sentido produzindo-o diferentemente.

...

A razão desta dobra do conceito de sentido teve sua origem em um acidente durante a pesquisa. Iniciei esta seção com o desejo de conceituar o sentido de uma maneira própria. Baseei-me no texto *Espinosa e as três éticas* do livro *Crítica e Clínica* do Deleuze, em que ele apresenta “três gêneros do conhecimento, que também são modos de existência e de expressão”⁸⁹. Fiz a equivalência das expressões do sentido com os gêneros do conhecimento. Estava funcionando. Até me encontrar com a *Lógica do Sentido*, outro livro do Deleuze⁹⁰. O significado de “sentido” neste livro é diferente do significado daquele que proponho no início do texto (ou seja, um sentido que se entende a partir de suas quatro formas de expressão). Isso causou um impasse: dois nomes iguais, mas diferentes conceitos. Na *Lógica do Sentido*, o sentido é aquilo que se expressa de um acontecimento: o acontecimento está para os corpos como o sentido está para a linguagem em seu círculo da proposição.

A saída foi, a meu ver, fazer algo deleuziano: forçar o conceito para criar novos sentidos: compreender que a quarta forma de expressão do sentido é o sentido tal como ele aparece na *Lógica do Sentido*. Assim criamos um duplo da palavra, performando nela o conceito do eterno retorno do devir. O terceiro gênero do conhecimento como puro devir –

⁸⁹ Deleuze, 2011, p. 177.

⁹⁰ Deleuze, 2003.

conferido no texto sobre Espinosa (“puras figuras de luz”⁹¹) – é a expressão do devir como a Lógica do Sentido confere.

Havia duas soluções: mudar o nome do sentido no início do texto, ou fazer uma dobra sobre ele que produza na própria palavra o movimento do devir. A segunda opção ganhou força. Permanece então a quarta forma de expressão do sentido sendo o terceiro gênero do conhecimento (as Essências, as Singularidades, o puro devir) assim como sendo o sentido conceituado na Lógica do Sentido: expressão e produção do puro devir e seu eterno retorno. Concluo retomando a fórmula criada: a quarta forma de expressão é o sentido ele mesmo: o eterno retorno de seu devir expressivo⁹².

entre as palavras e os corpos

O sentido é imprevisível em sua dupla qualidade de expressão e de produção dos modos de existência. Afinar-se aos acontecimentos para bem expressá-los é uma arte da imanência. Quando aprendemos a falar, tornamo-nos músicos das palavras, maestros das forças entre as palavras e as coisas. As mais belas melodias são aquelas dos mais altos graus de noções comuns. Necessariamente não são palavras difíceis (“outrossim... outrossim... outrossim é a puta que o pariu!”⁹³). É preciso sintonizar, no intervalo entre as palavras e os corpos, as frequências de vibração de ambos. Habitar o espaço da força sem forma que invoca a plena palavra ressonante ao corpo. São, por exemplo, os momentos do ato falho quando seguidos de uma interpretação precisa sobre ele, fazendo-o de um ato falho a um ato pleno de sentido. A duplicidade do acontecimento com o sentido é a insurgência imanente da linguagem com o corpo. Habitar o intervalo é criar uma zona de inter-esse⁹⁴. As noções comuns, para conhecê-las, é preciso produzi-las. A palavra encantada é o berço da poesia.

...

Um grau zero de sentido é o não-sentido – proposição delirante, o não sentido do sentido. Seu grau máximo é o puro devir, terceiro gênero do conhecimento, a repetição do devir do sentido. Nossas expressões variam em graus maiores e menores. O sol descendo no

⁹¹ Deleuze, 2011, p. 188

⁹² A ideia do eterno retorno do sentido será retomada no último capítulo.

⁹³ Graciliano Ramos contra um jornalista (Oliveira, 2009).

⁹⁴ “O que chamamos de sentido de uma proposição é o interesse que ela apresenta, não existe outra definição para o sentido” (Deleuze, 2013, p 166).

horizonte pode ser *um pôr do sol, o fim do dia, o início da noite, aurora às avessas*. São sentidos diferentes, e suas consequências não são as mesmas.

Nunca ninguém havia me dito isso, diz o paciente após uma intervenção que fez do seu ato falho um ato pelo: segue-se um silêncio que se parece um não-sentido. No entanto, sua diferença é radical: é tanto sentido, preenchido e em cheio que não há mais nada a dizer. O mundo se desterritorializa e as figuras tomam formas dadaístas.

Por hábito, permanecemos nos graus médios. Comunicamo-nos, entendemo-nos uns aos outros. Expedimos palavras de ordem mais ou menos eficazes. Há quem passe por devires no fazer poesia e há quem faz da vida um devir artístico, nada confinado no caderno.

...

Há regimes de sentido que se diferem. Há os regimes gerais: selvagens, despóticos e capitalista, que veremos no próximo capítulo, e os regimes específicos, ligados a um conjunto de práticas e saberes. Os regimes de sentido específicos podem ser os científicos, artísticos, filosóficos, religiosos etc. Um psicanalista poderia dizer, diante de uma mulher cujos movimentos do corpo são interrompidos seguidos de convulsões, que se trata de um caso de histeria. Um pastor poderia dizer que se trata de uma possessão demoníaca. A mãe de santo poderia ver uma entidade incorporada. A especificidade de conceitos próprios em cada regime é o que justamente o define. Não se trata de quem está certo, mas do sentido apropriado por cada regime. As discordâncias são internas a cada regime. Outro médico psicanalista poderia discordar da hipótese de histeria: trata-se de uma psicose; ou então outro fiel da igreja discorda quanto ao demônio que o incorporou, diz que pode ser o espírito santo – ou ainda sobrepõe diferentes regimes: ela está com o demônio no corpo, mas por estar mais fragilizada, dada a sua doença autoimune.

O escritor precisa conhecer diferentes regimes de expressão para constituir os seus personagens. Mas não é só disso que se constitui um personagem: ele participa de um regime, mas o estilo que o emprega lhe é singular, e não é possível separá-los.

O modo de dizer, de se mover, o modo próprio de expressão singular é o estilo de cada ser. Captar estilos para incorporá-los é o que faz o ator, assim como o escritor se abre às inscrições de estilos para escrevê-los diferentemente em cada personagem circunscrito em seus conjuntos de regimes. O estilo não se resume aos regimes, pois é o modo que os expressa, reproduzindo-os e cortando-os. É o modo de executá-los, de sobrepô-los e até mesmo rompê-los.

Sérgio tem um jeito militar. O jeito que anda, a maneira como fala... Como silencia a sala no momento em que se afunda em seu atordoado silêncio após as refeições. É tão endurecido por não sabê-lo atordoado. Esse mesmo homem que não se permite ter dúvidas profundas e se esforça em pôr atenção a qualquer assunto que lhe pareça sério, tanto mais sério quanto mais alheio de sua própria vida imediata. Ergue a voz sobre quem dele discorda, pois se sente desrespeitado. Não sofreu uma vida para hoje, com idade para ser avô, sofrer as consequências de quem ousa gozar com a sua derrota. Esse mesmo homem tão sério e militar é ele desde sempre, exceto no carnaval. Quando chegam os primeiros blocos, Sérgio troca a sua fantasia e se torna Amélia. Adorável e colorida mulher, amante invejável.

É possível que devires artísticos atravessem um regime científico, assim como nem sempre se passam devires artísticos nos regimes da arte. É o que ocorre quando o crítico de arte é pesaroso: sua fala é cheia de conceitos, mas carece de um estilo próprio – carece em sua maneira de fazer a crítica da arte uma arte da crítica⁹⁵. Frases se seguem no mais tedioso desfile de mortas palavras como um chat gpt humano.

As melhores aulas são aquelas que, sem escapar de seus conceitos, transbordam potência nas proposições. Não é preciso compreendê-las completamente para sentir a alegria que as excede. O mais importante é captar o estilo que as expressam. Há aulas tristes porque nos dão a sensação de falta e de atraso: *falta-me tanto para entender tudo isso, falta-me referências e estudos; ainda não cheguei neste nível do saber*. O assunto pode ser o mesmo, compartilhar os conceitos a serem expostos, mas diferente das aulas que reproduzem as palavras com a mesma paixão que um sonolento padre na missa de sábado, ou um militar repetindo aos berros as ordens da burocracia, assujeitado que assujeita, há aquelas aulas outras que nos alegram o movimento pelo movimento. São aulas que geram vontades. Seu motor não é a falta, mas o pensamento que se afirma. Os alunos são tomados por forças afirmativas que expressam as suas conexões com os conceitos: atravessam enigmas, incertezas, travessias, bálsamos e desertos. O caminho para casa após uma boa aula nunca é um retorno: é a inevitável irreversibilidade evidenciada pelo silêncio povoado do pensamento.

Há uma circularidade produtiva da potência do sentido, seus regimes e estilos. Os regimes são conjuntos de signos e conceitos ordenados segundo a sua própria necessidade. São a linguagem de uma ilha, como na psicologia da uff havia um regime deleuziano, foucaultiano, guattariano. Os regimes se expressam singularmente através dos estilos de cada

⁹⁵ Cf.: Dramaturgias da crítica (Pessoa, 2021).

modo de existência, como os habitantes de uma ilha se diferem entre si e mudam seus modos de expressão segundo os diferentes acontecimentos que vivenciam. A singularidade de cada estilo é medida pela potência de sentido que cruza, habita, combina e desterritorializa diferentes regimes. É a potência do acontecimento expresso.

Uma vida com sentido é aquela que exercita um singular estilo – pois assume a tarefa de produzir o sentido da vida mais potente:

“o estilo tem necessidade de muito silêncio e trabalho para produzir um turbilhão no mesmo lugar, depois, lança-se como um fósforo que as crianças vão seguindo na água da sarjeta. Pois não é compondo palavras, combinando frases, utilizando ideias que se faz um estilo. É preciso abrir as palavras, rachar as coisas, para que se liberem vetores que são os da terra (...) a verdade é da ordem da produção da existência”⁹⁶.

Em suma, os regimes específicos se definem por seus conjuntos de conceitos relacionados à práticas e saberes, enquanto a singularidade de seu estilo se define pelos graus de sentido. Um singular estilo expressa sempre uma grande potência.

Fazer uma ecologia do sentido é atentar-se ao primado das relações. Expressá-los produzindo ao mesmo tempo novas atualizações. O sentido sendo o produtor de ecologias daquilo que ele expressa, expressando o passado de um futuro e o futuro de um passado: reinício das histórias em devir. Expressa-se o sentido sendo nômade, viajante entre ilhas. Assim se conecta as distâncias, fazendo-as falarem tão íntimas em suas diferenças que vemos um conjunto sem unidade $(n-1)$ ⁹⁷. Reunião de heterogêneos.

⁹⁶ Deleuze, 2013, p.172

⁹⁷ Deleuze e Guattari (1995): rizomática, multiplicidade de unidade subtraída, $n-1$ (“ n ” como a multiplicidade, e “1” a unidade); um encontro de disjunções inclusivas, conexões de indeterminados, “como uns” que se reverberam por dissonância; encontros em devir.

Máquina de clichês e ética contra-clichê

*Todo tiene logo
Ya tein, ya tein logo
Si no tiene logo, falta poco*⁹⁸

O crescimento da imprensa acompanha a revolução industrial. Reproduzir livros, revistas e jornais tornou-se mais fácil e menos custoso. Máquinas postas em série estriam o espaço das fábricas e organizam o formigueiro de trabalhadores. Máquinas e operários lado a lado repetem a atividade reprodutiva. Matéria prima na linha de entrada e produto na linha de saída. No meio, o processo de modelização. Máquinas e trabalhadores se mecanizam para reproduzir modelos. Máquinas e trabalhadores são eles mesmos engrenagens modelizadas da grande máquina capitalista.

No século XVI, Gutenberg criou a primeira máquina de imprensa da Europa⁹⁹. Pequenas letras móveis de metal são posicionadas em uma placa. Lado a lado, elas formam as frases da página que se deseja reproduzir. Uma bucha de tecido umedece as letras de tinta. Em uma outra placa, põe-se o papel que será impresso. As duas placas, a que dispõe do papel e a que dispõe das letras de metal com tinta, ficam paralelas uma à outra. Através de uma alavanca, as placas são pressionadas entre si como um grande carimbo. As letras banhadas de tinta marcam o papel, gravando nele a repetição do texto. Reduz-se o tempo de reprodução das páginas e a circulação de informações. Daí a origem da palavra imprensa – das placas que, pressionadas entre elas, reproduzem um texto ou uma imagem.

Nos séculos XVIII e XIX outras máquinas de imprensa foram criadas. Durante a vibração crescente dos tempos modernos que aqueciam as cidades europeias das fábricas aos corpos dos trabalhadores, houve também na imprensa a transformação do ritmo de sua atividade, acelerando-a numa produção em massa. Fluxo de folhetins, jornais, livros e manifestos correm pelas cidades. Bancas, muros, vitrines e mãos fazem circular os papéis que reproduzem séries de imagens e escritos. As máquinas fazem da imprensa uma máquina mais articulada e complexa, mais global e politicamente influente. Demonstam essa revolução dos poderes os romances da época: em *Ilusões Perdidas*, de Balzac, quando a imprensa desterritorializa os poderes da classe política hegemônica do século XIX. A nobreza é ameaçada e caçada pela velocidade de uma nova linguagem que manipula os sentidos

⁹⁸ Logo, música de Kevin Johansen (2007)

⁹⁹ Cf.: A Europa de Gutemberg (Barbier, 2018)

favorecendo quem paga mais¹⁰⁰. Ou ainda a passagem de A Cartuxa de Parma, de Stendhal, publicada no mesmo século:

O bom povo de Milão ainda era submetido a certos pequenos entraves monárquicos que não deixavam de ser vexatórios. Por exemplo, o arquiduque, que residia em Milão e governava em nome do imperador, seu primo, tivera a lucrativa ideia de comandar o comércio do trigo. Por conseguinte, houve a proibição aos camponeses de venderem seus grãos até que Sua Alteza tivesse enchido os próprios armazéns. Em maio de 1796, três dias depois da entrada dos franceses, um jovem pintor miniaturista, meio louco, chamado Gros, célebre desde então, e que viera com o exército, ouvindo contar no grande Café Servi (então na moda) as façanhas do arquiduque, que para completar era enorme, pegou a lista dos sorvetes impressa numa folha de papel pardo ordinário. No verso da folha desenhou o gordo arquiduque; um soldado francês lhe dava um golpe de baioneta na barriga, e em vez de sangue dali saía uma quantidade incrível de trigo. Essa coisa chamada de pilhéria ou caricatura não era conhecida nesse país de despotismo cauteloso. O desenho deixado por Gros em cima da mesa do Café Servi pareceu um milagre caído do céu; foi gravado durante a noite e no dia seguinte venderam vinte mil exemplares¹⁰¹.

Desta cena de desterritorialização do sentido centralizado do Estado para a linguagem dissipada da revolução industrial, nasce uma forma de reterritorialização parcial e contínua do sentido: o clichê. Clichê é o nome dado às placas da máquina de imprensa que servem para imprimir textos e imagens em uma superfície; é a matriz por onde saem as cópias. Placas com relevos formando letras e desenhos cuja função é carimbá-los repetidamente. *Clicher* é o ato de produzir a placa matriz, esta que será o “carimbo” de outras superfícies, chamada também de estereótipo¹⁰².

O sentido da palavra clichê vai ganhando novas direções. Há uma continuidade entre o clichê das placas de metal e o clichê enquanto a repetição de sentido. Ambos dizem do fenômeno de reprodução do mesmo, reprodução em massa inseparável da produção capitalista que desterritorializa o Estado. Serialização de sentidos por marcas-afecções de

¹⁰⁰ A adaptação cinematográfica de Ilusões perdidas (Giannoli, 2021), romance de Honoré de Balzac, apresenta esse cenário. A intensa movimentação das imprensas, os jogos de poder que determinam a publicação dos títulos, a teatralidade das relações da cidade parisiense; a invenção de técnicas e dispositivos de produção de sentido que expressam a quebra do mundo provinciano romanesco pelo espírito do capital das cidades.

¹⁰¹ Stendhal, 2012, p.33.

¹⁰² Tudo indica que a palavra francesa nasceu com inspiração onomatopaica, como imitação do som (clichhh) que fazia a matriz ao cair no metal fundido. No entanto, o Trésor de la Langue Française não recomenda descartar a influência – menos provável, mas nunca se sabe – de uma palavra também onomatopaica do alemão medieval, Klitsch, “massa mole” (Rodrigues, 2012).

placas sobre folhas, serialização de sentidos por marcas-afecções sobre subjetividades. Ainda que a técnica de imprensa mecânica persista, são outras as máquinas que dominam a circulação de discursos e imagens no corpo social hoje. As modernas máquinas informáticas não lidam somente com a modelização dos metais, mas com a modulação dos silícios. As redes digitais não são tão duras quanto o ferro das máquinas, mas possuem uma eficiência na função de imprimir informações que se modulam como ferros continuamente fundidos. Se a palavra clichê pode ter vindo da sonoridade da placa de metal em contato com o ferro fundido aquecido para gravar os moldes dos relevos, a fundição dos relevos nas máquinas digitais é muito mais voraz¹⁰³. Os algoritmos intensificam os clichês. Uma quentura constante, ao mesmo tempo fria, pois limita o sentido pela reprodução capitalista.

Clicher: fazer de uma placa lisa uma placa estruturada por significantes. Deleuze e Guattari conceituam duas formas de espaço e suas características políticas: o espaço liso, desterritorializante, nômade; e o espaço estriado, territorializante, sedentário.

“O espaço liso e o espaço estriado, – o espaço nômade e o espaço sedentário, – o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado – não são da mesma natureza. Por vezes podemos marcar uma oposição simples entre dois tipos de espaço. Outras vezes devemos indicar uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente. Outras vezes ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso”¹⁰⁴.

Na fabricação do clichê é necessária uma quentura inicial, um plano de alteração molecular para que haja a alteração molar da placa. Quentura que põe a matéria em estado liso e informe. O ferro quente sob a placa de zinco marca formas e relevos fazendo-a estriada. Esfriada e marcada com imagens e significantes, a placa de zinco reproduz as formas, os estriamentos, as leis do Estado, as moralidades em outros espaços lisos. Em *Ilusões Perdidas*, os representantes do Estado reagem: fecham a imprensa pirata, fábrica desterritorializante, composta por corsários da língua cuja navegação era o sentido espetacular das palavras. Não havia verdade a priori; o sentido pode ser moldado, conectado, manipulado. A motivação para criar mapas de sentido nas colunas dos jornais era o dinheiro: uma peça foi boa ou ruim? Qual é a qualidade do novo livro de tal escritor? Como anda a política parisiense? Os

¹⁰³ Sobre a possível origem da palavra, ver a nota anterior.

¹⁰⁴ Deleuze; Guattari, 2012.

colunistas fazem alquimia entre as palavras e as coisas formando perspectivas lucrativas. Não demorou para que a lisura determinada pelas definições de rota corsária não fosse combatida para este regime de sentido ser reapropriado pelo Estado.

“É um espaço liso que é capturado, envolvido por um espaço estriado, ou é um espaço estriado que se dissolve num espaço liso, que permite que se desenvolva um espaço liso?”¹⁰⁵. Toda estrutura é molar, efeito de resfriamento. As estruturas são o produto dos processos moleculares quentes, dos nomadismos, das rupturas e das construções. Entretanto, há uma circularidade: as molaridades também determinam eclosões de molecularidade. No interior das instituições e seus estriamentos, secretam vazamentos informes, indeterminados e nômades. Há na máquina de clichês um tipo de força ativa de modificação e um tipo de força passiva de reprodução de formas. Forças estruturantes e desestruturantes coexistem em seu funcionamento maquínico.

São apenas os estereótipos, os papéis e as máquinas digitais as engrenagens dos clichês? Evidente que seu alcance é mais amplo. A máquina de clichês é sobretudo uma máquina de subjetividades. Ela não se reduz à máquina de Gutenberg, nem se isola a um procedimento, mas se estende por toda uma rede que produz modos de vida. Todo o problema está em identificar em que medida somos capturados pelos processos estereotipantes. Como não se tornar uma placa que, como tábula rasa, recebe de fora as determinações sem nenhuma agência de autodeterminação, alienado das forças ativas de meta-modelização.

É próprio de toda máquina ter dois planos. Um intensivo e outro extensivo. Aquilo que ela pode fazer, seu grau de potência, é o seu plano intensivo – plano incorporal, dimensão do sentido. Ao plano extensivo são pertencentes as partes materiais que se conectam e criam uma relação de velocidade e repouso entre elas, as causas entre estado de coisas, as suas dinâmicas dos corpos engendrados. A relação entre as engrenagens, o clichê-estereótipo, o papel, a alavanca, as peças em relação e as tintas que ela imprime são processos extensivos, assim como o funcionamento da máquina, sua essência enquanto potência e o sentido que ela expressa e produz são processos intensivos. As engrenagens e os sentidos nelas expressos pertencem a diferentes planos: ambos podem criar mundos ou reiterar os existentes. Dois planos conjuntos e duas direções distintas: expressões que territorializam ou desterritorializam; codificam e decodificam. Seguem a tetravalência do agenciamento: incorporal/corporal e territorialização/desterritorialização¹⁰⁶. Combinações de linhas estriadas e lisas que podem tanto pôr repetições quanto diferenças.

¹⁰⁵ Ibid., p. 192

¹⁰⁶ Cf.: Deleuze, 1998.

A placa clichê produzida pela máquina é predominantemente estriada. As intensidades livres que corriam no indeterminado espaço liso anteriormente à sua marcação se comportam no relevo das marcas. O conjunto de marcas é uma organização sobre os sentidos: local por onde se expressam os signos de afecção. As marcas não são apenas marcas, as tintas não são borrões: quando os olhos a veem, signos cintilam, devires são produzidos ou obstaculizados.

Na escrita da placa está inscrita uma estrutura que delimita o sentido das proposições: a dimensão estrutural do regime do sentido. O clichê é avaliado pela sua potência de repetição, de organização que delimita os fluxos de expressão a uma determinada direção de significados, de relações corporais percebidas e expressas. O clichê expressa a estruturação do sentido. A máquina que produz os clichês é reprodutora de estruturas.

Retomamos a esquizoanálise de Deleuze e Guattari quando eles postulam que a máquina é anterior à estrutura e dela produtora¹⁰⁷. A matéria prima intensiva é codificada e o sentido da proposição é reduzido a sua potência lucrativa. O clichê tem por função principal reproduzir o direcionamento do sentido; fazer circular palavras de ordem na sociedade capitalista.

Os acontecimentos são intensidades que correm e energizam todo o espaço: desfazem estruturas e estriamentos. Não é possível reproduzi-los: fazer isso seria reduzir o seu grau de potência. Não há notícias de um acontecimento se em sua transmissão ele não for duplicado – essa é a diferença entre ler sobre um acontecimento e viver um acontecimento durante uma leitura. A padronização é a marca do clichê sobre o acontecimento, e ela depende de uma estrutura que comporta e direciona as intensidades do sentido ao seu grau mais reduzido. O estereótipo reduz o acontecimento a um fato sobre o acontecido, alterando assim a sua força que nos faz agir, sentir, pensar e imaginar o que nunca tínhamos vivido; escapa-nos a potência avassaladora e vital do acaso. O eterno retorno do devir é posto em grau menor a serviço da reprodução de estruturações que fazem mais valia.

...

Há nas margens dos clichês os espaços lisos por onde correm as singularidades, como Kafka, Mia Couto ou Agualusa que, em estilos muito diferentes, produzem línguas menores no uso de uma língua maior. Como há também diante do filme mais padronizado ou da

¹⁰⁷ Deleuze; Guattari, 2011.

literatura best-seller a possibilidade de encontrar as margens por onde correm o sentido. Por causa da força das marcas que o clichê imprimiu, tende a ser uma atividade mais difícil, mas o sentido sempre insiste em escorrer por entre os signos. Isso depende da duplicidade entre como vemos o que nos olha. Não são jamais os clichês as causas da singularidade, mas trata-se de extrair a singularidade no interior de um clichê. Fazer isso é assumir a ética contra-clichê; colocar a máquina contra ela mesma. Pois se há uma força de redução dos sentidos da existência que se põe contra nós, não há outra saída senão ativar um contra-feitiço que extraia dele sua dimensão do acaso, onde residem as multiplicidades do sentido.

Olhar durante muito tempo para o abismo tem os seus riscos. Se o clichê é a dimensão estética da moral, e nisso está todo o seu problema, é importante termos atenção para não nos envenenarmos com o objeto que trabalhamos: o veneno do moralismo percorre com frequência as críticas aos clichês. Há sempre o risco de ser moralista ao falar do clichê: que o clichê é a repetição e a repetição é o mau estético. O risco de se modular por aquilo que critica sem atenção às agências e determinações que estão em jogo: jogos de temperatura e de velocidade, de combinação das matérias, dos significantes e das imagens que se produzem com a alquimia da fundição, seus poderes e seus efeitos. Pode o clichê modificar as dinâmicas intensivas e produzir efeitos desestruturantes? Como fazer uso da máquina de clichê sem se tornar uma máquina de clichê? Essas perguntas nos põem em atenção à dinâmica reprodutiva que fazem das máquinas e dos trabalhadores das fábricas efetivas engrenagens, sem autonomia porque alienados de sua força criativa. É necessário um exercício de percepção ética: um cuidado com o *pharmakón*, atenção ao exercício das doses, à prudência necessária no uso dos clichês. Exercitar uma percepção cujo processo de autonomia crítica seja mais forte que a reatividade que o sentido de clichê costuma implicar. Como fazer justa distância transvalorativa, modular com artesanía? Nada disso está protocolado. Dizer que de direito *isso é* ou *isso não é um clichê* é perigoso e arrogante: baseia-se em um falso problema. Fazer isso implica perguntar sobre *o que é* uma realidade independente da especificidade das suas relações. Carimbar objetos como se em si fossem classificáveis de um tal título é se tornar um clichê: uma placa estereotipada que imprensa *sim! isso é um clichê! / não! isso é inventivo!* Ambas as frases gravam uma negação ao acontecimento. O clichê acaba com as questões.

Exercitar uma ética contra-clichê implica colocar novas questões, inclusive para problemas já conhecidos. Se a máquina de clichês é uma máquina de subjetividades – de desejos clichês – devemos seguir a pergunta – não sobre o que é clichê, mas – como o clichê opera em nós:

“a questão do desejo não é “o que isso quer dizer, mas *como isso funciona* [...] Funcionam como dócil engrenagem bem lubrificada ou se preparam, ao contrário, como máquina infernal? [...] Porém, que o sentido seja tão somente o uso, eis uma afirmação que só devém um princípio firme se dispusermos de critérios imanentes”¹⁰⁸.

Ato contra-clichê: habitar a tetravalência dos agenciamentos (intensivo e extensivo; territorialização e desterritorialização), seus estriamentos e lisuras e sua potência de diferença e repetição na criação de consistências; avaliar proximidades suficientes e intervalos necessários para inventariar com a máquina clichê sem dela se tornar um produto; não se confundir com o estereótipo. Perceber os processos de fundição, dos espaços lisos e estriados, suas vias inventivas e suas vias de reprodução na experiência. Perceber os avessos da placa extensiva, os processos intensivos que estruturam e desestruturam o clichê; perceber os engendramentos extensivos que se movem por intensidades e direcionam criações de sentido. Sair pelas energias dissipadas da máquina negativa. Alterar o sentido da palavra *contra*: converter o seu sentido energético negativo para o sentido energético gerador. Contra-clichê como contra-efetuação, como para-raios: atrair para desviar; processo das avessas; pensar através do acontecimento. Cuidadoria contra-clichê dos signos.

¹⁰⁸ Deleuze; Guattari, 2010 p. 149.

Desmontar as máquinas

*"I was hangin aroud, waitin for something to happen
When nothing happened at all
Until I found a trademark, a brand
I fell in love with
I fell in love with that lovely, big fat
It's the final logo*

*Recuerdo cosas de otros tiempos
De cuando el Almacén no tenía luces de neón
Cuando el paraíso no tenía marquesina*

*It's the final
logo!"¹⁰⁹*

"De todas as ilhas visitadas, duas eram portentosas. A ilha do passado, disse, onde só existia o tempo passado e na qual seus moradores se entediavam e eram razoavelmente felizes, mas onde o peso ilusório era tal que a ilha ia afundando no rio cada dia um pouco mais. E a ilha do futuro, onde o único tempo que existia era o futuro e cujos habitantes eram sonhadores e agressivos, tão agressivos, Ulisses disse, que provavelmente acabariam se comendo uns aos outros" ¹¹⁰

Os programas de vida e aquilo que a vida produz rapidamente se tornam obsoletos, alvo de dissolução para novos usos segundo uma economia de valores. Ao analisarmos o capitalismo como grande mercado de valores, tratamo-o por suas multi-transações de valores existenciais, pela função de equivalência total entre diferentes modos de vida que determina qual vale mais no acúmulo de capital. Os valores são inseparáveis da produção de subjetividade. O capitalismo explora sobretudo modos de vida. Vivemos flutuantes e segmentados em um mercado de modos de vida valorados e desvalorados, segundo as abstratas regulações que determinam ao sabor do mercado aquilo que vale ser. Ainda que os valores de uma sociedade estejam sempre mudando, o processo de re-investimento no modo de ser capitalista permanece. Por diferentes meios políticos e estéticos, o capitalismo é

¹⁰⁹ Kevin Johansen, 2007.

¹¹⁰ Bolaño, 2006, p. 379.

reintroduzido em nossas vidas. Localiza-se aquém dos valores morais, justamente na produção desses valores. Opera em mercados de todo novo tipo de produto – tecnologias, experiências e identidades – e ainda assim, temos sobre eles uma sensação de que não passam de novos clichês. Na dominância capitalista, as mudanças dos modos de vida se simplificam às mudanças das representações. Alteram-se as imagens dos valores instituídos, mas mantém-se a máquina abstrata capitalista que as produzem. As novidades que resistem contra os valores instituídos ganham rapidamente aderência do mercado nas redes sociais e em outras mídias. E se tornam novos produtos¹¹¹. Valores morais se modificam, mas nem sempre o regime de valoração que lhes é condição. Isso nos põe em contradição maníaco-depressiva, angustiante e paranóica: aceleração estimulante, promessa da revolução, falta de sentido e sensação persecutória de que o capitalismo está em tudo:

“Ninguém encarnou (e lutou contra) esse beco sem saída mais do que Kurt Cobain e o Nirvana. Com sua espantosa lassidão e sua raiva sem objeto, Cobain parecia ecoar a voz esgotada do desânimo de uma geração que tinha nascido depois da história, para qual cada gesto era antecipado, rastreado, comprado e vendido antes de acontecer. Cobain sabia que ele era apenas mais uma peça do espetáculo, que nada funcionava melhor na MTV que um protesto contra a MTV; sabia que cada gesto seu era um clichê, previamente roteirizado, e sabia que até mesmo saber disso era um clichê”¹¹².

No mercado de valores da existência capitalista, apesar de novos valores existenciais se propagarem em menos tempo, funcionando como motivador constante para que as nossas vidas continuem em frente na transformação, um déficit valorativo é imanente a esse processo, pois a experiência de crise é condição para esse regime de produção. Ele trabalha com a diversidade, suprimindo a diferença. A vontade do novo movida pela assombrosa falta: só se corre sentido ao progresso pois algo ainda está faltando. O niilismo é inerente ao espírito do capital. Os porta-vozes do progresso jamais deixam de repetir as palavras de ordem das leis do mercado: *é preciso produzir; independente de tudo, ainda não chegamos lá*. E novas metas são traçadas.

E se ativarmos a espreita sobre as novíssimas soluções para a vida boa ou a verdadeira revolução para a conquista da sociedade ideal? O modelo e o ideal são os obstáculos da

¹¹¹ “sabemos que até mesmo as ideias mais subversivas precisam manifestar-se através dos meios disponíveis no mercado [...] teremos todas as razões para acreditar que a sociedade burguesa gerará um mercado para ideias radicais” (Chauí, 2006, p. 28).

¹¹² Fisher, 2009, p.19.

produção singular. Sendo a descrença e a certeza um sintoma do niilismo, que se alternam seguidamente, melhor desejar a espreita e a confiança. Um problema de crítica e clínica para engendrar os possíveis.

A análise sobre o capitalismo que dedicamos a seguir é realizada através das interpretações que Deleuze e Guattari fazem sobre ele. Começamos na ontologia maquínica do primeiro volume de *Capitalismo e Esquizofrenia* para cruzarmos outras obras. Segundo os autores, o capitalismo contemporâneo destrói territórios e os reterritorializa, descodifica realidades e as recodifica segundo o surgimento de alguma nova ordem que melhor faz funcionar a máquina de produzir lucro. O mercado é operado por fluxos e os seus conteúdos são cambiantes, limitados e substituídos para que o poder capitalista possa se expandir de maneira ilimitada. Aquém de qualquer código rígido, faz uso dos códigos temporariamente e permanentemente para operar a sua expansão e o seu controle, reproduzindo-se por uma expansão permanente de seus limites. Quando não há mais espaços, expulsa habitantes de alguma zona, cria novas tecnologias de colonização, monta uma campanha rumo à Marte. Ou faz dobras em si mesmo – inventa um novo mercado; provoca guerras que aumentam o lucro com a venda de armas, destroem cidades e povos inteiros para tomar para si posteriormente a tarefa de reconstruí-los. É o que demonstra, por exemplo, a mensagem do vídeo postado por Donald Trump após as suas eleições: feito por IA, Trump e Elon Musk comemoram e ostentam notas de dólares em resorts na área que hoje é marcada por destruição e morte¹¹³.

É próprio de todo tipo de sociedade haver um regime de representação sobre o sentido. Deleuze e Guattari localizam o inconsciente como o “princípio imanente do processo de produção social”¹¹⁴. Portanto, é por ele que o sentido de uma realidade é produzido e, ao mesmo tempo, a representação do sentido é o resultado da sociedade por onde ele existe. O inconsciente é, ao mesmo tempo, produção e produto; espaço de força motriz e força capturada. Produção singular e reprodução reativa:

“trata-se de uma relação necessária entre forças inextricavelmente ligadas, sendo umas as forças elementares através das quais o inconsciente se produz, e outras as resultantes que reagem sobre as primeiras, conjuntos estatísticos através dos quais o inconsciente se representa, já sofrendo recalçamento e repressão de suas forças elementares reprodutivas”¹¹⁵.

¹¹³ Redação G1, 2025.

¹¹⁴ Barbosa; Lemos, 2022, p. 161.

¹¹⁵ Deleuze e Guattari 2011, 374.

Tomando o capitalismo como uma máquina social – uma máquina de clichês – o primeiro passo será entender como essa máquina funciona: como ela opera, o que ela produz, qual é a sua fonte de energia. Compreender, portanto, seu regime de representação. Para entender uma máquina, será preciso desmontá-la.

selvagens, déspotas e aliens capitalistas

Deleuze e Guattari montam a história dos regimes de produção social em três tipos: máquina territorial primitiva, máquina despótica bárbara e máquina capitalista¹¹⁶. Não poderíamos, no espaço deste trabalho, nos adensar em todas elas, mas iremos apresentá-las para situar a especificidade da máquina atual.

Codificar o desejo para se proteger dos fluxos descodificados é a função primária comum das primeiras duas máquinas sociais – “codificar o desejo – e o medo, a angústia dos fluxos descodificados – é próprio do *socius*”¹¹⁷. Os fluxos informes, desejantes e descodificados, se organizam pela lei codificadora. Há uma espécie de repressão em cada tipo de máquina social sobre os fluxos desejantes que torna possível a constituição de um corpo social. Codificar o desejo é uma forma de reprimi-lo, pois é a colocação de limites sobre a libido. O que são os fluxos descodificados? Devires, o sentido inapreensível pela representação, força abstrata que arrasta o conhecido em sua alegria trágica: nem bom, nem ruim, ele acontece impassível. É o meio de desfiguração e de novas figuras.

As máquinas sociais são máquinas literalmente. Elas transformam fluxos em produtos e os categoriza, se apodera de matérias abstratas para funcionar, tem uma entrada e uma saída, energias utilizadas e outras em dispêndio. Máquinas que fazem a extração dos fluxos de desejo, separação em cadeias, repartição das partes – “organiza as produções de produção, as produções de registro, as produções de consumo (...) fluxo de mulheres e de crianças, fluxo de sementes, fluxo de merda, de esperma e menstruações, nada deve escapar”¹¹⁸. Em um corpo social operado pela primazia codificante, tudo é na medida em que é codificado; tudo circula pelo primado da codificação: “a sociedade é um *socius* de inscrição onde o essencial é marcar e ser marcado”¹¹⁹. Disso advém as circulações de corpos, de objetos parciais, todas as

¹¹⁶ Deleuze; Guattari, 2010. Recordo-me da bela aula de Claudio Ulpiano sobre Espinosa: “há uma preocupação em qualquer campo social – em qualquer campo social – que você encontrar em produzir inconsciente” (Ulpiano, 2023).

¹¹⁷ Deleuze, Guattari, 2011, p. 185.

¹¹⁸ Ibid., p. 188.

¹¹⁹ Ibid., p. 189.

sexualidades e gêneros; as organizações produtivas e reprodutivas, as posições que cada um ocupa, as suas funções, os seus vínculos e parentescos.

A unidade maquínica do primeiro tipo de *socius*, a máquina territorial primitiva, é a terra. Dela advém as codificações de um corpo social: as leis que gerem esse corpo são leis imanentes às suas práticas, na sua relação muito concreta com a terra, com os modos de existência que compõem ou que ameaçam o corpo. As proibições de uma sociedade primitiva se traduzem simplesmente por aquilo que não é investido coletivamente. Tudo aquilo que no corpo coletivo não o compõe em sua consistência atual, não é investido por seus órgãos, e, portanto, não incide sobre as suas práticas de existência, expressa as permissões e os regimes de leis. Trata-se de um regime de leis diferente das que conhecemos no mundo jurídico moderno. Este é organizado por leis transcendentais escritas e concentradas em instituições que ditam códigos de conduta previstos e determinam as existências individuais; permite ou proíbe por antecipação as práticas cotidianas. Na máquina primitiva, as leis de um grupo não são códigos apriori que incidem sobre eles superiormente. São leis determinadas a partir de suas práticas, de seus trabalhos sobre si; leis que em um só tempo marcam os corpos de um grupo a partir de seu próprio modo de existir. Sentidos às práticas coletivas.

Outra característica essencial é o descentramento do poder. Os signos sociais são irreduzíveis aos seus indivíduos: “as unidades nunca estão nas pessoas, no sentido próprio ou “privado”, mas nas séries que determinam as conexões, as disjunções e as conjunções de órgãos [do corpo social]”¹²⁰; “essa experiência de uma consciência coletiva é o que orienta as minhas escolhas [...] Não conheço nenhum sujeito de nenhum povo nosso que saiu sozinho pelo mundo. Andamos em constelação”.¹²¹ Há regras matrimoniais, regras sobre a caça, sobre o tipo de relação com uma outra tribo – pode/não pode se relacionar. Elas são formadas a partir das alianças que se formam lateralmente entre os corpos de um corpo maior coletivo: “proibições (não ver, não falar) aplicam-se aos que, em tal estado ou em tal ocasião, não desfrutam de um órgão investido coletivamente”¹²². São regras que expressam os signos de um corpo social naquilo que determina a sua circulação de bens, que organiza, reprime e direciona a sua libido: “faz dos homens e dos seus órgãos peças e engrenagens da máquina social. O signo é a posição de desejo”. O desejo do corpo social é primeiro um signo da terra: “os primeiros signos são signos territoriais que fincam suas bandeiras nos corpos”¹²³. Significa então que os sentidos são primeiramente determinados pela terra, mas mantém uma

¹²⁰ Ibid., p. 189

¹²¹ Krenak, 2020, p. 39.

¹²² Deleuze, Guattari, 2011, p. 189.

¹²³ Ibid., p.193.

abertura de modificação nos deslizamentos entre as alianças do corpo social; signos abertos e finitos, determinados concretamente nas relações específicas, situadas no território. Regime autônomo na produção de sentido, porque descentralizado – e ativo na sua descentralização¹²⁴ – determinado pelo corpo pleno territorial, da terra que distribui os códigos fluidamente. A terra, esse corpo sobre o qual se opera a codificação, é a quase-causa do grupo: os sentidos são efeitos da relação primeira que o coletivo tem com ela:

“Quando os povos originários se referem a um povo como “uma nação que fica de pé, estão fazendo uma analogia com árvores e florestas. Pensando as florestas como entidades, vastos organismos inteligentes. Nesses momentos, os genes que compartilhamos com as árvores falam conosco e podemos sentir a grandeza das florestas do planeta”¹²⁵.

A produção desejante do grupo é organizada, codificada, pela terra, e parece que dela tudo advém. Por advir da constelação do coletivo codificado pelo corpo terra, há uma plurivocidade em suas produções de sentido. Os sentidos são inseparáveis das danças, melodias, vozes, olhares, grafias. De todo um conjunto de afecções e afetos que ocorrem sobre a terra cujas representações lhe são atribuídas. Por mais que sejam os fluxos de desejo codificados, os seus sentidos são plurívocos, pois indissociados do corpo: “as palavras não são signos por si mesmas, mas ao designarem uma coisa, esta se torna signo. Além disso, o signo então constituído não é lido, como num sistema de escrita, mas visto”¹²⁶. A relação entre os corpos e suas percepções conectadas com as grafias constitui o regime de representação das sociedades primitivas especificamente oral, independente de uma estrutura gráfica e sintática que os significaria: “o que faz delas formações sociais orais é a independência da grafia com relação à voz: trata-se de dois heterogêneos que este regime conecta, coordena, e cuja articulação constitui o signo”¹²⁷. A terra extrai da confluência dos fluxos da voz, do corpo e grafias seus sentidos, produzindo uma ecologia de signos em movimento.

Não se organiza a terra para conquistá-la, nem dela se vê apartado, como um sujeito que a pisa e a conhece como um curioso, estranho e extraordinário objeto. Os códigos não

¹²⁴ Cf.: A sociedade contra o Estado (Clastres, 2003). Clastres demonstra como havia em uma sociedade indígena sabedorias que impedissem a formação de um Estado. Havia, ativamente, organizações descentralizadoras que antecipavam a concentração de poder. Cai por terra, literalmente, a ideia moderna de que os indígenas ainda não evoluíram para o estado civilizado do homem, pois não negaram a natureza para fundar o Estado. Ao contrário, seus saberes antecipam os problemas do Estado.

¹²⁵ Krenak, 2020, p.52.

¹²⁶ Barbosa; Lemos, 2022, p. 170.

¹²⁷ Ibid.

marcam a terra, mas é justo o contrário: “não é a terra que pertence aos indígenas, mas são os indígenas que pertencem à Terra”¹²⁸. Da terra quase-advém os signos, pois é ela quem conecta a voz, a percepção e os grafos. É o regime de representação imanente que codifica e marca as relações: “a terra não é apenas o objeto múltiplo e dividido do trabalho, mas também a entidade única indivisível, o corpo pleno que se assenta sobre as forças produtivas e delas se apropria como pressuposto natural ou divino”¹²⁹. Um modo de vida imanente à terra, na relação com ela. Da terra tudo advém e para a terra tudo volta: sua quase causa e destino. Não há acúmulo de capital, nem abstração quantitativa. Se produz aquilo que se consome, se consome aquilo que se produz. “A terra dá, a terra quer”¹³⁰.

...

Montados em cavalos, avançam sobre a terra os representantes de Deus. Estranhos visitantes, tão outros, tão estrangeiros. São os homens do outro lado do oceano. Marcados com o emblema da coroa, estão encarregados pelo poder de representação do déspota: essa figura distante, quase mítica, é também a figura mais próxima da representação divina. Sobre as terras selvagens, eles dizem: *essa terra é de Deus, e assim também as suas criaturas e tudo aquilo que produzem. Por Deus, dizemos: por déspota*. Uma máquina de estrangeirismo radical, sob um outro regime de codificação, avança sobre a terra da máquina primitiva, reordena e substitui alguns dos símbolos da comunidade assentada sobre a terra. Instalam os seus próprios símbolos, aos quais todos os outros devem fazer referência direta. Os códigos da máquina primitiva que definiam as relações advindas do corpo pleno da terra são descodificados e a terra é desterritorializada. A máquina despótica reterritorializa e sobrecodifica os fluxos do corpo social primitivo; reorganiza a sua constelação descentralizada e suas relações laterais de filiação entre os grupos. Institui nele o centro e a verticalidade de todos os sujeitos: “o déspota recusa as alianças laterais e as filiações extensas da antiga comunidade. Ele impõe uma nova aliança e se coloca em filiação direta com deus: o povo deve segui-lo”¹³¹. Passa a haver uma centralização na produção de sentido. Um regime despótico de uma terra tão distante, mas próxima a Deus. Terra centralizada por uma torre,

¹²⁸ Viveiros de Castro apud. Barbosa; Lemos, p. 165.

¹²⁹ “A máquina territorial primitiva, com o seu motor imóvel, a terra, já é máquina social ou megamáquina que codifica os fluxos de produção, os meios de produção, os produtores e consumidores: o corpo pleno da deusa Terra reúne sobre si as espécies cultiváveis, os instrumentos aratórios e os órgãos humanos” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 187).

¹³⁰ Título do livro de Nego Bispo, pensador quilombola (Bispo, 2003).

¹³¹ Deleuze; Guattari, 2011, p. 255.

uma torre com uma boca que diz a todos as suas leis; uma torre distributiva de palavras de ordem. Boca que também se embebedada de todos os outros sentidos dos seres de seu reino como forma de apropriação. Apropria-se dos signos dos corpos, suas qualidades, grafismos, danças, cultivos, caças e outras riquezas. E os retransmite à sua maneira, dominando o sentido das coisas de seu reino. Embebedada-se do que escuta para expelir um golfejo significativo: *é isso que isso quer dizer*¹³². Os signos que são instaurados na relação heterogênea da voz, da percepção e das grafias são ressignificados segundo o sentido do déspota-Estado. O signo passa a ser signo do signo, pois seu sentido final depende da apropriação que o déspota dá sobre ele. O déspota passa a ser a quase-causa do sentido. As alianças lateralizadas dos primitivos, seu regime aberto e finito de circulação dos signos, são desterritorializadas em função do novo regime da máquina despótica. A segunda organização social – a fundação do Estado.

Tudo pertence à figura do déspota, acima de todos:

“em vez de destacamentos móveis da cadeia significativa, um objeto destacado saltou para fora da cadeia; em vez de extrações de fluxos, há convergência de todos os fluxos para um grande rio que constitui o consumo do soberano”¹³³.

O Estado se torna o corpo pleno de referência dos fluxos de desejo. Ser regulador externo que subordina as relações dos corpos no corpo social aos seus códigos abstratos, às suas leis de produção – produção desejante, produção de signos. Os sentidos da terra são sobrecodificados pelo regime da lei despótica, sua força de significante objetiva e burocrática sobre a terra.

Os regimes de sentido imanentes da máquina primitiva não são de todo substituídos ou suprimidos. Eles se mantêm localmente nas alianças de povos situados que produzem, inscrevem e consomem os fluxos desejantes. No entanto, os códigos das alianças da terra deixam de ser determinantes no corpo social – são reapropriados para funcionarem como

¹³² “O corpo pleno como socius deixou de ser a terra e deveio o corpo do déspota, o próprio déspota ou o seu deus. As prescrições e proibições que o tornam quase sempre incapaz de agir fazem dele um corpo sem órgãos. Ele é a única quase-causa, a fonte e o estuário do movimento aparente. Em vez de desligamentos móveis da cadeia significativa, um objeto destacado saltou para fora da cadeia; em vez de extrações de fluxos, há convergência de todos os fluxos para um grande rio que constitui o consumo do soberano: mudança radical no fetiche ou no símbolo” (Ibid., p. 257-258).

¹³³ Não precisamente o déspota, mas a sua figura que expressa “a megamáquina de Estado, pirâmide funcional que têm o déspota no cume como motor imóvel, que tem o aparelho burocrático como superfície lateral e órgão de transmissão, que tem os aldeões na base como peças trabalhadoras” (Ibid., p.258).

engrenagens do Estado. De determinantes operadores de sentido de existência, passam a ser continuamente determinados por ressignificações segundo o uso maquínico estatal¹³⁴.

No horizonte de seu poder, a terra e os indígenas pertencem ao Estado, pois compõem a sua máquina organizativa, instalam um corpo burocrático, administrativo e externo à terra: “a unidade imanente da terra como motor imóvel dá lugar a uma unidade transcendente de natureza totalmente distinta, que é a unidade do Estado”¹³⁵, “que divide a terra como um objeto e submete os homens à nova inscrição imperial”¹³⁶. A relação de pertencimento imanente à terra desaparece com a objetificação da terra como coisa separada, distribuída e dominada. A produção imanente de sentido se direciona à transcendência improdutiva abstrata. Passagem das leis imanentes do movimento produtivo de um corpo social às leis transcendentais que se apropriam dos movimentos. Isso inicia a relação de senhores e servos: os senhores são escravos dos signos de seus servos, pois necessitam deles para viver e significar o mundo, e os servos são escravos dos senhores, pois tudo o que produzem é por eles apropriado. A plurivocidade da representação dá lugar à bi-univocidade: do produzido sendo imediatamente reproduzido, fazendo dessa reprodução sua única significância possível. Sistema de subordinação.

O Estado, porque centraliza o poder, está sempre atento àquilo que pode vir a escapar de seu controle, a qualquer fluxo que não passe por seu regime significante, do qual tudo deriva. Essa característica, fez Deleuze e Guattari nomearem a máquina despótica como máquina paranóica. Trata-se de uma máquina repulsiva aos regimes de signos que lhe sejam estranhos, não-idênticos ao seu próprio sistema de referências estratificado e fechado. Estranho aos fluxos descodificados de sentidos. Tudo precisa advir dela que, de cima, observa o seu grande reino. Reino produtivo de uma multiplicidade de bens sob o seu controle centralizado:

“O que define a paranóia é esta potência de projeção, esta força de voltar a partir do zero, de objetificar uma completa transformação: o sujeito salta para fora dos cruzamentos aliança-filiação, instala-se no limite, no horizonte, no deserto, sujeito de um saber desterritorializado que o liga diretamente a Deus e o conecta ao povo. Pela primeira vez foi tirado da vida e da terra algo que permite julgar a vida e sobrevoar a terra, princípio de

¹³⁴ “Porque o que é suprimido não é o antigo regime das alianças laterais e das filiações extensas, mas tão somente o seu caráter determinante. Elas subsistem mais ou menos modificadas, mais ou menos arranjadas pelo grande regime paranóico, pois elas fornecem a matéria da mais-valia (...) O Estado só tem de ocupar-se com elas. As engrenagens na máquina de linhagem territorial subsistem, mas são apenas peças trabalhadoras da máquina estatal” (Ibid., p. 259).

¹³⁵ Ibid., p. 194.

¹³⁶ Ibid., p. 258.

conhecimento paranoico. Todo o jogo relativo das alianças e das filiações é levado ao absoluto nesta nova aliança e nesta filiação direta”¹³⁷.

Na economia dos fluxos, uma importante diferença em relação às sociedades selvagens: de um dispêndio de riqueza – consome o que se produz, produz o que se consome – à acumulação de riqueza. Através das taxas sobre tudo aquilo que os súditos produzem, o Estado é uma máquina improdutiva de perseguição às produções. O Estado nada produz, mas se apropria de todas as formas de produção do corpo social. Corpo pleno improdutivo que condiciona e determina a organização e o funcionamento das produções.

As vinculações sociais na máquina primitiva ocorriam a partir de relações lateralizadas de acumulações finitas. Imediatamente à sua produção há o seu consumo. Isso diz respeito aos alimentos e objetos, mas também às dívidas que cada sujeito possui em relação à terra. Entre as guerras e os rituais de passagem, as obrigações que cada deve responder não são cumulativas e se pagam pelo corpo. A dor em um ritual de marcação de um signo no corpo ou a morte em uma guerra: a dor paga a dívida do ritual, assim como a morte paga a dívida da guerra. São finitas e por isso não comportam vinganças e ressentimentos, mas por necessidade:

“O paciente nos rituais de aflição não fala, mas recebe a palavra. Não age, mas é passivo sob a ação gráfica, recebe o carimbo do signo. E sua dor, o que é senão um prazer para o olho que a assiste, o olho coletivo ou divino que não é animado por nenhuma ideia de vingança, mas apenas ele é apto a apreender a relação sutil entre o signo gravado no corpo e a voz saída de um rosto – entre a marca e a máscara. Entre esses dois elementos do código, a dor é como a mais-valia que o olho tira, apreendendo o efeito da palavra ativa sobre o corpo, mas também a reação do corpo enquanto age. É isso que é necessário chamar de sistema de dívida ou representação territorial: voz que fala ou salmodia, signo marcado em plena carne, olho que tira um gozo da dor [...] teatro da crueldade [...] tudo é ativo, agido ou reagido neste sistema, a ação da voz de aliança, a paixão do corpo de filiação, a reação do olho apreciando a declinação dos dois”¹³⁸.

¹³⁷ Ibid., p. 257.

¹³⁸ Deleuze Guattari, p. 250-251.

No Estado, suas dívidas são verticalizadas e infinitas. Os impostos são pagos eternamente para o Estado, que acumula as riquezas do reino¹³⁹. Ninguém nunca se livra do gozo do Estado, suas reações sempre são visadas e seu ressentimento lhe é eterno por sua paranóia. Saímos da crueldade da dívida finita selvagem para o terror da lei despótica que institui a dívida infinita de seus súditos.

Desta unidade transcendente há uma especificidade na produção dos signos que origina o estruturalismo sobre o sentido. Os signos imanentes da terra são desterritorializados e reterritorializados segundo o significante despótico, sistema objetivo que retira do corpo coletivo lateralizado a sua abertura de produção de sentido. A partir daí, ele tende a ser derivado do significante déspota, desta boca que sobrecodifica os sons, ruídos, palavras, cantos e silêncios, toda a produção imanente têm o seu sentido restrito à lei abstrata e à dívida infinita:

“Pois o que é o significante em primeira instância? O que ele é em relação aos signos territoriais não significantes, quando ele salta para fora das suas cadeias e impõe, sobrepõe, um plano de subordinação ao seu plano de conotação imanente? O significante é o signo que deveio signo do signo, é o signo despótico que substituiu o signo territorial, que atravessou o limiar de desterritorialização; *o significante é tão somente o próprio signo desterritorializado*. O signo que deveio *letra*. O desejo já não ousa desejar, deveio desejo do desejo, desejo do desejo do déspota”¹⁴⁰.

É da sociedade do Estado que surge a propriedade pública ou o bem público. É público aquilo que o Estado possui: terrenos, aparelhos jurídicos, exército, cidadãos. Inicia-se então a palavra, a imagem, o sentido público. Os sujeitos passam a se ver como sujeitos públicos, individuados em relação a um outro transcendente. A imagem de si quando transformada em imagem pública passa por uma negatização – ela passa a ser a imagem de um outro imaginado, pensada segundo uma imagem de um público que avalia essa imagem.

É o que pensamos quando nos atentamos à maneira como sairemos de casa; ao estilo da foto que compartilhamos; ao que escrevo publicamente em uma dissertação em uma universidade pública. A preocupação é a ocupação imaginária prévia desse outro público. Confrontando-nos com as decodificações que precisam se alinhar ao regime de signos

¹³⁹ “O dinheiro, a circulação do dinheiro, é o meio de tornar a dívida infinita (...) O credor infinito, o crédito infinito substituiu os blocos de dívida móveis e finitos. Há sempre um monoteísmo no horizonte do despotismo: a dívida devém *dívida da existência*, dívida da existência dos próprios sujeitos” (Ibid., p.262).

¹⁴⁰ Ibid., 273.

apresentáveis e permitidos em uma sociedade-Estado, nós, enquanto sujeitos de um Estado, exercitamos continuamente os nossos sentidos segundo o desejo público. A imagem de si e de mundo passa pela mediação da imagem ideal de um outro idealizado. Público que o observa e que é também a referência ideal de ser. Um pouco de máquina-paranóica em todos os habitantes da grande máquina paranóica; sujeitos máquinas-engrenagens.

Regime de servidão maquínica: os sujeitos são peças da grande máquina social, peças públicas de uma grande máquina do Estado que desejam o desejo da máquina, produzem sentidos existenciais segundo o seu regime concentracionário. A dívida infinita do sentido do ser.

...

As duas máquinas sociais, primitiva e despótica, partilham de um mesmo horror – o horror aos fluxos descodificados – e contra ele investem as suas codificações. Se por um lado, a máquina primitiva impede a concentração de poder, “mantendo os órgãos de chefia numa relação de impotência para com o grupo: como se os próprios selvagens pressentissem a escalada do Bárbaro imperial”¹⁴¹, pressentisse o ser despótico e externo que sobrecodifica seus códigos, também a máquina primitiva teme um outro perigo bem contrário a este. O horror aos fluxos descodificados, à dispersão do corpo social levada pelo poder dos fluxos indomáveis, descodificados que põem em risco a consistência do *socius*, o seu regime de representação. Seus fluxos de troca são desde já esquadrinhados, marcados e localizados, determinando a identidade do grupo; esconjura os fluxos que “venham a quebrar os códigos em proveito de suas quantidades abstratas ou fictícias”¹⁴².

Na máquina despótica, corpo centralizador que os selvagens contra-investem, há em comum a espreita sobre este risco: “o horror aos fluxos descodificados, fluxos de produção, mas também aos fluxos mercantis de troca e de comércio que escapariam ao monopólio do Estado, ao seu esquadrinhamento, à sua rolha”¹⁴³. Os fluxos livres descodificados destronam o monopólio do Estado, sua bi-univocidade; ou dispersam a unidade múltipla, a plurivocidade da máquina primitiva. Trata-se do horror às inundações: rios que o corpo terra não extrai ou que o corpo déspota não converge para si. Devires como causa de tragédia particulares. No Estado, a impotência de represamento dos significantes transcendentais que garantem a sua

¹⁴¹ Ibid., p. 203.

¹⁴² Ibid., p.204.

¹⁴³ Ibid., p.261.

existência: temem as fissuras da estrutura por escapes de sentidos singulares. Nas sociedades selvagens, temem o apagamento das marcas que fazem a alianças entre os corpos, a torrente que levaria ao fim da história comum: “A queda do céu”¹⁴⁴.

...

Nascentes criam aos poucos seus próprios rios. Às margens dos castelos, o comércio se intensifica. Comerciantes acumulam riquezas que fluem imperceptivelmente à burocracia despótica. Suas riquezas acumuladas e não capturadas são usadas para novos acúmulos: máquinas, ferramentas, instalações. Em suma, se apoderam dos meios de produção. Os artesãos ou camponeses dependem destes meios para trabalhar; vendem a sua força de trabalho em troca de um salário. Novos personagens habitam o mundo: a burguesia e o proletariado, resultados da sedimentação dos fluxos econômicos que vazaram da estrutura do Estado. Liberado das entranhas da terra, um espírito maligno, cínico e abstrato emerge nas fronteiras do Estado. Possui nome, mas não se codifica. O espírito do capitalismo marca o fim das máquinas anteriores e são a antinomia de todas elas¹⁴⁵.

Diferente das outras organizações sociais, o capitalismo se funda nos fluxos descodificados e precisa deles para se regular. É o resultado da conjugação de dois fluxos descodificados: o fluxo de trabalho descodificado e o fluxo de riquezas abstratas. O trabalhador que depende dos meios de produção tem a sua força de trabalho abstrata: ele vende a sua força independentemente daquilo que ela produzirá, já que é uma força separada daquilo que ela pode. Só quando vende a sua força de trabalho é que produz algo que lhe garante a sobrevivência e a produção de sentido de vida, pois dessa venda rende o seu salário e a sua posição social. É um trabalhador livre, nu, alienado, pois vazio das condições de produzir sem depender de algo que não pode apoderar.

A riqueza é abstrata pois ela é investida para se acumular infinitamente. Não se trata de produzir arroz em maior quantidade para vender o excesso da produção para comprar feijão. A lógica da direção de venda – de uma mercadoria para obter dinheiro suficiente que sirva para comprar outra mercadoria necessária sem gerar acúmulo – é pervertida. O dinheiro excedido é usado para comprar mais mercadoria para que o produto seja mais dinheiro. De M

¹⁴⁴ Kopenawa; Albert, 2015.

¹⁴⁵ “Se o capitalismo é a verdade universal, ele o é no sentido em que é o *negativo* de todas as formações sociais: ele é a coisa, o inominável, a descodificação generalizada dos fluxos que permite compreender *a contrário* o segredo de todas essas formações; antes codificar os fluxos, ou até mesmo sobrecodificá-los, do que deixar que algo escape à codificação” (Deleuze; Guattari, 2011, *Ibid.*, p. 204).

– D – M (mercadoria - dinheiro - mercadoria) zero excedente para D – M – D' (mercadoria – dinheiro – mercadoria para dinheiro – mercadoria – mais dinheiro).

Quando esse fluxo abstrato se conjuga com o trabalhador descodificado, a máquina capitalista começa a funcionar. O trabalhador vende a sua força de trabalho como mercadoria para o proprietário de grandes riquezas. E o produto dessa economia é mais riqueza, pois extrai-se do trabalhador sua mais valia, a parte de seu trabalho não remunerada que rende o lucro. Não há códigos da terra ou do Estado que determinam o corpo social: todo ele é determinado pela relação de compra e venda visando a produção de lucro. O Estado, de quase-causa, passa a ser subordinado à máquina capitalista, e ela, a atual quase-causa na produção dos sentidos. Como se organiza um corpo capital que não é determinado pelos códigos? E qual é a função das transcendências do Estado?

Fluxos de moedas correm em transições e câmbios, seus valores se atualizam a cada instante, um acontecimento global: fluxos econômicos abstratos, descodificados, quantitativos sem um valor prévio estabelecido. Quanto vale uma ação de uma empresa X agora? Qual é o valor do dólar neste exato instante? Os trabalhadores não são propriedades de um déspota, nem se definem pela ordem de uma tribo. Vendem a potência abstrata de seu corpo. O trabalhador cuja força é desterritorializada se adapta sempre às demandas do mercado. Seu fluxo de potência passa a ser produtivo quando ligado a uma máquina de produção de lucro. Aí está a sua alienação: alienado de sua força produtiva, pois improdutivo quando desligada da posição de trabalhador explorado pela mais valia. Sua produtividade é dependente de um trabalho que o codifica e extrai lucro sobre ele. *Faça isso e receba isso*: o cálculo de seu trabalho é adaptado frequentemente em vistas das variações financeiras.

A organização de um corpo social capitalista se faz por uma desorganização de base, variação constante de desterritorialização e descodificação: êxodo rural, do campo para as máquinas, de vales para centros urbanos – se necessário, retornos, dos subúrbios para a roça. O capitalismo “é um sistema que não mais governa por uma lei transcendente. Ao contrário, desmantela todos os códigos desse tipo, apenas para reinstalá-los ad hoc”¹⁴⁶. O sentido do ser se determina pela variação do capital:

“fluxos descodificados – quem dirá o nome deste novo desejo? Fluxo de propriedades que se vendem, fluxos de dinheiro que escorre, fluxo de produção e de meios de produção que se preparam na sombra, fluxos de trabalhadores que se desterritorializam: será preciso o encontro de todos estes fluxos descodificados, sua conjunção, a reação de uns sobre os outros,

¹⁴⁶ Fisher, 2020, p. 14-15.

a contingência deste encontro, desta conjugação, desta reação que se produzem uma vez para que o capitalismo nasça e que o antigo sistema encontre a morte que lhe vem de fora, ao mesmo tempo em que nasce a vida nova e em que o desejo recebe seu novo nome. Só há história universal da contingência”¹⁴⁷.

O capitalismo não se organiza por códigos, ainda que dele faça uso, mas por axiomáticas: o encontro entre os dois fluxos descodificados, capital abstrato e o trabalhador nu. A conjugação dessas duas séries é a axiomatização do corpo social capitalista, sua fonte de produção de *socius*, sua base genética.¹⁴⁸ Da máquina selvagem à despótica, passamos por um processo de alienação da relação com a terra, com as formas e as potências autônomas de produção da vida social corpo-terra. Alienamo-nos com a dependência de um terceiro termo que media a produção, corpo-terra-déspota. Trata-se de uma alienação intensiva: separação do produto e da produção; o estanque da subjetividade, separação da vida com sua produção diferenciante. De indígenas, palavra que significa originário da terra, passamos a nos inclinar aos alienígenas, ao fora da terra (o estrangeiro déspota, o representante de um extra-terrestre deus) para organizar os sentidos.

Na máquina social capitalista, tornamo-nos nós mesmos os aliens: alienados da terra e das leis. Separados dos meios de produção de singularidade e carentes de uma instância de superior ordem no mundo que seja a porta-voz do sentido. Aliens, ainda mais: pois já estamos a buscar no espaço sideral novos espaços para colonizar; pois o sentido da vida está sempre no além ainda a ser conquistado:

“Guerra diferente das tradicionais

Guerra dos astronautas nos espaços siderais

E tudo isso em meio às discussões

Muitos palpites, mil opiniões

Um fato só já existe que ninguém pode negar

Sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um, já!

Lá se foi o homem

Conquistar os mundos, lá se foi

Lá se foi buscando

A esperança que aqui já se foi

¹⁴⁷ Deleuze; Guattari, 2011, p. 297

¹⁴⁸ “Simplificando muito, podemos dizer que a máquina territorial selvagem partia de conexões de produção, e que a máquina bárbara se fundava sobre as disjunções de inscrição a partir de uma unidade eminente. Mas a máquina capitalista, a civilizada, vai estabelecer-se primeiramente, sobre a conjunção” (Ibid., p. 298).

*Nos jornais, manchetes, sensação
Reportagens, fotos, conclusão
A lua foi alcançada afinal
Muito bem, confesso que estou contente também*

*A mim resta disso tudo uma tristeza só
Talvez não tenha luar pra clarear minha canção
O que será do verso sem luar?
O que será do mar, da flor, do violão?
Tenho pensado tanto, mas nem sei*

*Poetas, seresteiros, namorados, correio
É chegada a hora de escrever e cantar
Talvez as derradeiras noites do luar”¹⁴⁹*

A falta do Outro é um efeito do capitalismo, assim como a eleição de um Outro é um efeito do despotismo. Em uma síntese possível, surge um novo Outro que diz para consumirmos e sermos consumidos pelo lucro. Já sem terra e sem pai, a colonização avança desvairada. Não devemos lamentar a falta do déspota, mas reativar as noites do luar e todas as outras fontes da estética da existência.

...

O capital abstrato, só aparentemente, possui valor em forma de código (o valor de uma mercadoria, o valor de uma ação). Sua base é virtual: os fluxos das transações atualizam os valores do mercado incessantemente. O mundo ideal é efeito de um lucro ideal. A virtualidade do capital também é a do trabalhador ‘livre’, pois este é portador de uma força que só se torna produtiva quando acoplada aos fluxos do capital abstrato: sua identidade depende daquela que é válida para o mercado. Essa conjugação de fluxos, capital abstrato e trabalhador livre, determina o ritmo, o tipo, o tempo e o valor de um trabalho, mas também do valor e do sentido de uma existência. As leis trabalhistas mudam, as profissões se alastram, umas se perdem, outras se criam, a nomeação se altera: indígenas são escravos, escravos são servos, servos são operários, operários são funcionários, funcionários são colaboradores, colaboradores são empreendedores, empreendedores são aliens. Nossa mais

¹⁴⁹ Gilberto Gil, 1967.

atual alienação: assumir a nossa descodificação, o nosso corpo nu, para empreender sua força no fluxo do capital abstrato, sem a postura crítica sobre o sentido submetido em nós. Trabalhador autônomo nada mais é que o trabalhador nu. Perder a artesanias de fabricar seus próprios sentidos tem sido o destino insistido para um mundo sem os trágicos poetas. Suas letras se embaralham a todo instante: se reorganizam segundo o mercado editorial. Se escreve o que se vende.

O capitalismo se funda logicamente por um som agramatical. Ficcionalmente, e só assim poderíamos dizer, não há voz nem tom, há um vulto sonoro. Sons atonais – um eco do eco, um fundo sem fundo – com a qual se fundam e se acoplam códigos e coisas, tons e representações flutuantes nessas monções intensivas. Forma uma melodia cujo efeito mais se aproxima ao jazz.

Os códigos são secundários em relação ao fluxo que é primário. Mas na experiência objetiva, os códigos são “primeiros”: sobre os fluxos se fundam as representações por onde nos guiamos habitualmente. Isso quer dizer que a percepção clichê vê os códigos, mas não os fluxos econômicos que os autorizam. Mas significa também que para ser capitalista é preciso atuar fora do clichê: vê aquilo que não está incorporado à máquina de lucro e incorporá-la. Perceber o que ainda não foi codificado e codificá-lo para render uma grana. Ou seja, o capitalismo se utiliza do devir para funcionar, assim como precisamos sair do clichê para percebermos a gênese de suas morais, leis e verdades. Manter-se à espreita sobre aquilo que se autoriza em uma sociedade organizada pela exploração e para a exploração.

Os códigos têm por função assegurar que a máquina capitalista mantenha o seu pleno funcionamento de acumulação de lucro, estabelecidos por sua axiomática. Eles são efeitos do regime lucrativo. Sua função é organizar os fluxos para que estes funcionem segundo a acumulação de mais valor. Daí que tudo vale e nada vale ao mesmo tempo. Sua efemeridade medida pela potência não do pensar, agir e sentir radicalmente diferente, mas do pensar, agir e sentir determinado pelo vício de comparação de valores. A obsolescência programada é, em última instância, a obsolescência dos programas. A obsolescência como o último programa. Se os objetos são fabricados com a sua obsolescência programada para que logo sejam substituídos por uma nova versão, o único programa do capitalismo é não ter programa algum, senão o seu próprio avanço. Programa de fabricar a obsolescência dos objetos, dos sujeitos, das matérias primas, da moda, dos programas políticos: para não perder sentido, valor de existir, é necessário servir à produção. Condenação cínica da liberdade capitalista.

vontade de poder e vontade de potência

O conceito nietzschiano de vontade de potência nos brinda como uma boa ferramenta para avaliar os diferentes regimes de sentido e a sua relação com o poder. Deleuze nos alerta que a vontade de potência pode ser mal compreendida se a potência for tomada como um objeto que a vontade quer: “querer potência”.¹⁵⁰ Fazer da potência um objeto é partir do entendimento de que a vontade quer algo que a ela falta; vontade do que não se tem em absoluto ou o que não se tem o suficiente. Enquanto a potência for um objeto que a vontade quer, o seu sentido é limitado às representações e o objeto da vontade é recognitivo, uma repetição:

“*Quem concebe a vontade de potência como uma vontade de ser reconhecido? Quem concebe a potência como o objeto de uma reconhecimento? Quem quer essencialmente representar-se como superior e até mesmo representar sua inferioridade como superioridade? É o doente que quer “representar a superioridade de uma forma qualquer”. “É o escravo que procurava sedutoramente obter boas opiniões sobre si; é também o escravo que em seguida se prosterna perante essas opiniões, como se jamais as tivesse provocado. – Seja dito mais uma vez: a vaidade é um atavismo”*”¹⁵¹.

Assim trabalha o modo de existência capitalista: em um sentido, a vontade de potência é traduzida por uma vontade de lucro – potência enquanto objeto abstrato quantitativo; em outro sentido, apropriado da máquina de Estado, a vontade de potência é traduzida pela vontade de identidade reconhecida pelo outro – potência enquanto objeto

¹⁵⁰ Deleuze, 2018b.

¹⁵¹ Ibid., p. 105. O sentido de escravo não se confunde com o sentido mais usual no Brasil daqueles escravizados na colonização. O termo “escravo” é um conceito utilizado por Hegel para pensar a relação da liberdade com a consciência de si. Segundo Hegel, quando um homem reconhece em outro homem o risco da morte diante da superioridade deste outro no caso de uma luta, ele se torna submisso a ele, fazendo de si escravo. O escravo é sempre atento ao senhor: seus olhos se fixam nos movimentos do senhor para obedecer suas vontades, sob o risco da morte diante de sua superioridade. O senhor, por outro lado, depende do escravo: a consciência que ele tem de si depende do olhar dos escravos sobre ele. Hegel dirá que o senhor tem uma falsa consciência, porque depende do olhar do escravo, enquanto apenas o escravo teria a verdadeira consciência. Além de não depender do olhar do outro, é o escravo quem tem consciência da morte. Nietzsche critica essa dialética da liberdade porque ela parte sempre da dependência de um outro negado e representado. A vontade de potência está aquém das representações e é a verdadeira senhora da liberdade. Ela é consciente de si enquanto uma diferença sem representação, enquanto pura atividade criadora. Também não há liberdade por consciência da morte: a criação é primeira e a destruição é segunda. A morte é a morte da representação. Sua destruição é um mero efeito, a positividade é primeira. “A mania de representar, de ser representado, de se fazer representar, de ter representantes e representados, é a mania comum a todos os escravos, a única relação que concebem entre si, a relação que impõem com eles, seu triunfo. A noção de representação envenena a filosofia: ela é o produto direto do escravo e da relação entre escravos, constitui a pior interpretação da potência, a mais medíocre e a mais baixa” (Ibid. p. 106).

qualitativo. Os dois sentidos se conectam: representar a si e ao mundo em uma identidade lucrativa, a mesma que localmente gera lucro e promete prestígios.

A potência enquanto objeto é sempre um conjunto: deseja-se um título porque com isso há promoções, garantias, seduções, companhias, views. O objeto da vontade pode ganhar várias formas a depender do tempo e do espaço elegido. Devíamos então chamar esta vontade não de potência, mas de poder. Sua especificidade está em ser interesseira: inclina-se a algo para fazê-lo objeto de posse. O poder como objeto corresponde às variações de sentidos instituídos de um corpo social. Querer o que o outro quer: a fórmula de que “o desejo é o desejo do desejo do outro”¹⁵² só é possível por uma máquina de Estado. A diferença do capitalismo é que os valores são mais cambiantes porque obedecem ao mercado variável. O objeto desejado traduz o conjunto de signos valorados nas telas e vitrines: é a representação da identidade reacionária, ainda quando pareça inovadora – os mais belos clichês. A vontade de poder no capitalismo é uma vontade de clichê.

Se fizermos a leitura deleuziana do conceito, temos vontade de potência como a vontade da imanência. Ou ainda, vontade imanente. A potência é um ato e a vontade é a sua efetuação imanente. Inversão dos termos: potência de vontade. Há um primado da produção, do ato, da diferença ativa. Primado do acontecimento. À vontade nada falta, pois sua ação é o movimento que afirma a diferença que lhe constitui, gesto imanente-criador de novas existências. Triunfo das forças ativas, do devir, do pleno encantamento vivido a partir do acaso. Vontade interessada: interesse no outro, nas outras entidades, na alteridade mesma; constitui agenciamentos novos. A expressão do valor é já uma transvaloração dos valores, uma força revolucionária por natureza.

Entre o sentido da vontade de poder e da vontade de potência há duas políticas. A vontade de poder é o triunfo das forças reativas, dos signos de poder, da vida tomada pelo niilismo. Tudo se nega em nome da repetição, da identidade a se reafirmar por razões do Estado ou do capital. Re-age: age sobre a ação singular para negá-la: representá-la, identificá-la segundo a lei do Estado ou compará-la segundo a equivalência da moeda. É assim no desejo do currículo, das trends das redes sociais, nos fascismos¹⁵³. Servidão pelas vontades alheias. Se o fluxo do devir é primeiro, ele age em afirmação de si próprio: o ser do devir. Nada nega nem negativa. O devir é o triunfo das forças ativas. Já a vontade de representação é aquela incomodada. Age em seguida para limitar o devir. São segundas:

¹⁵² Definição Lacaniana do desejo neurótico.

¹⁵³ Cf.: O currículo e seus três adversários: os funcionários da verdade, os técnicos do desejo, o fascismo (Veiga-Neto, 2019).

existem na negação da primeira, na diminuição de seu devir para constituir códigos, hábitos e identidades. Trabalha na eliminação do inesperado, condição dos conhecimentos encantados. Nenhum tipo de força é melhor que a outra: mas quando triunfam as forças reativas, formam-se todos os tipos de autoritarismo e sedentarismo. Precisamos dos hábitos para sobreviver, assim como precisamos da diferença para produzir vida.

Que solidão testemunhamos para criar tantos dispositivos de reconhecimento. Aplausos, vigilâncias e troféus... O poder é solitário porque faz dos corpos como desde sempre separados da coletividade: depende ser mediado pelo olhar de um outro que representa o regime político de transcendências. A participação em um grupo é inseparável da permanente dívida com os seus códigos. Ainda que autorizado pela ordem de ninguém que a todos determina, o pertencimento à coletividade está em revisão contínua, fazendo dos integrantes policiais e prisioneiros do sistema de eliminação da diferença. Pactos neuróticos.

É uma natureza completamente diferente daquela da potência. As noções comuns nos levam às conexões através do irrepresentável. Fluir no plano intensivo que desloca os valores para uma diferença sem referentes pré estabelecidos. Por isso seu caráter não é interesseiro, que usa algo para extrair mais valia e colonizar o seu sentido, mas interessado nos sentidos novos que podem advir da relação para criar relações.

Agora mesmo, por acaso, assisti uns episódios de encontros do grande mestre Dominginhos com diferentes músicos. Todos eles diziam algo em comum: Dominginhos é verdadeiro em sua música. Diz o Lenine: “ele tem uma generosidade musical, que é muito cativante. Isso faz com que a música dele se propague ainda mais. Independente da universalidade que a composição dele já tem”; “Dominginhos é o refinamento de uma simplicidade que é difícil de ver”¹⁵⁴. Yamandu: “é a pessoa que tem mais ligação mais direta que eu conheço com a deusa música. Quando ele abre o fole, vem aquilo, pá. O ego ta fora, ta longe dali, ele quer compartilhar aquilo com você e fazer a tua emoção ajudar ele”¹⁵⁵; Amilson Godoy: “vivemos em uma época em que infelizmente temos uma quantidade muito, muito, muito grande de música insincera. O que é música insincera? Aquela música que é feita sem coração. É o que as pessoas chamam por aí de música comercial. E a gente tem vários artistas que não entram nessa. Que continuam fazendo aquela música que vem do que acreditam; que vem do coração. O Dominginhos foi a vida inteira um músico desse tipo”¹⁵⁶. De todas essas falas, entendo a potência da vontade de interesse. São relatos de que a música

¹⁵⁴ Dominginho Mais, 2014a.

¹⁵⁵ Dominginhos Mais, 2014b.

¹⁵⁶ Dominginhos Mais, 2014c.

que se expressa em Dominginhos é a música de sua disponibilidade para os sentidos que se dão no encontro presente. Isso é verdadeiramente sentido. Nisto está toda a sua beleza e preciosidade:

“ninguém vai tocar sanfona igual Dominginhos por uma questão de sentimento [...] Ele é uma fonte de água cristalina que brota o tempo todo. A fonte nunca seca. Aquela água pequena, que aparentemente é pequena, vira um rio imenso e deságua na imensidão do mar. Assim é Dominginhos”¹⁵⁷.

Assim diz Elba Ramalho. A tarefa do pensamento, da arte ativa, de tudo que advém da disponibilidade aos encantos e devires: “descobrir, inventar novas possibilidades de vida”; “o pensador expressa assim a bela afinidade entre pensamento e vida: fazendo do pensamento algo ativo, o pensamento fazendo da vida algo afirmativo (...) a essência da arte”¹⁵⁸. O mar que envolve todo o arquipélago do sentido. Pela obscuridade do capital, há tempos não falávamos dele, dos respiros mais gostosos através do texto. Lembramo-nos que nas ilhas-máquina há sempre nascentes que nos levam para o fora fazendo-nos ver a ilha com olhos outros – e não olhos dos outros.

“Judith soluça no quarto. É destino de todas elas. Os homens da beira do cais só têm uma estrada na sua vida: a estrada do mar. Por ela entram, que seu destino é esse. O mar é o dono de todos eles. Do mar vem toda a alegria e toda a tristeza porque o mar é mistério que nem os marinheiros mais velhos entendem, que nem entendem aqueles antigos mestres de saveiros que não viajam mais, e, apenas, remendam velas e contam histórias. Quem já decifrou o mistério do mar? Do mar vem a música, vem o amor e vem a morte. E não é sobre o mar que a lua é mais bela? O mar é instável. Como ele é a vida dos homens dos saveiros. Qual deles já teve um fim de vida igual aos dos homens da terra que acarinhavam os netos e reúnem as famílias nos almoços e jantares? Nenhum deles anda com esse passo firme dos homens da terra. Cada qual tem alguma coisa no fundo do mar: um filho, um irmão, um braço, um saveiro que virou, uma vela que o vento da tempestade despedaçou. Mas também qual deles não sabe cantar essas canções de amor nas noites do cais? Qual deles não sabe amar com violência e doçura? Porque toda a vez que cantam e que amam, bem pode ser a última. Quando se despedem das mulheres não dão rápidos beijos, como os homens da terra que vão para os seus negócios. Dão adeuses longos, mãos que acenam, como que ainda chamando”¹⁵⁹

¹⁵⁷ Dominginhos Mais, 2014d.

¹⁵⁸ Deleuze, 2018, p. 130-131.

¹⁵⁹ Mar Morto - Jorge Amado (2001)

a máquina capitalista é uma máquina de clichês

“É o que as pessoas chamam por aí de comercial”. A fabricação do clichê: a chapa lisa tem os seus relevos marcados pela quentura, agitação molecular dos ferros; fluxos decodificados que fazem contornos e relevos que o resfriamento transforma em marcas. Um espaço indeterminado é determinado por signos: mas quais regimes específicos de signos? Aqueles que garantirão a existência da máquina.

A axiomática é a regulação da temperança que determinará a solidez ou a liquidez que produz ou desfaz os códigos de uma placa, fazendo dela uma matriz que comporta um conteúdo. A axiomática modula os relevos, os estriamentos da placa lisa, fazendo dela uma chapa com marcas e afecções, uma matriz de repetição de códigos, representações, signos-identidade a serem reproduzidos sobre o corpo social. Inovação interesseira, pouco interessada. Produz regiões de lisura, de desfazimento de identidades e signos que já não mais lhe interessam, pois se tornaram obsoletos. O capital determina os valores dominantes de uma sociedade, as durezas e as maleabilidades nos modos e sentidos de ser. São todos obsoletos desde já: “se a literatura morrer, será por assassinato”¹⁶⁰.

“Os Beckett ou os Kafka do futuro, que justamente não se assemelham nem a Beckett nem a Kafka, correm o risco de não encontrar editor, sem que ninguém o perceba por definição. Como diz Lindon, “não se nota a ausência de um desconhecido” [...] Será possível felicitar-se pela progressão quantitativa do livro e pelo aumento de tiragens: os jovens escritores serão moldados num espaço que não lhes deixará a possibilidade de criar”¹⁶¹.

A função do clichê é circular os sentidos imanentes à vontade de mais valor e ao mesmo tempo determinar os fluxos livres que não tiveram a sua força reduzida em força de produção de lucro. Os signos são determinados pelos fluxos desejantes e em seguida se rebatem sobre esses fluxos para limitá-los. Nos termos da máquina, a placa lisa – o plano intensivo de condição aberta de sentido – é a condição para os signos que nela serão impressos, mas ao mesmo tempo os espaços remanescentes de lisura são determinados pelos signos. Os signos no regime do capital permitem que a placa seja lisa até certo ponto: nem tudo pode ser escrito, pensado ou percebido: nem todo sentido pode se proliferar através do corpo social, nem todo modo de vida pode ser difundido – a potência do sentido é limitada. O

¹⁶⁰ Deleuze, 2013, p. 168.

¹⁶¹ Deleuze, 2013, p. 164.

clichê tem por função sobrecodificar as potências que escapam à lógica do capital. Controlá-los, fechá-los em identidades que reduzem a força revolucionária em força de reconhecimento:

“surge um romance monstruoso, feito de uma imitação de Balzac, de Stendhal, de Céline, de Beckett ou de Duras, pouco importa. Ou melhor, Balzac é mesmo inimitável, Céline é inimitável: são novas sintaxes, “inesperados” [...] A imitação é sempre uma cópia...”¹⁶².

São os vestígios do Estado, do poder que engendra a existência pública – ser alguém para o outro no regime do capital – imitar uma voz alienígena, de nada, de ninguém. Não são só os vestígios do Estado como também o uso do espaço e sujeito público dele derivados: “é o que Althusser e Balibar nos mostram tão bem: como relações políticas e jurídicas são determinadas a serem dominantes [pelo capital]”¹⁶³.

A cooptação dos modos de existir com os valores capitais é um poderoso magnetismo, sinistro e mortificante. É uma relação cujo aumento de potência não está no corpo dos trabalhadores, mas está na exploração dos corpos que trabalham, tornando-os impotentes para atividades criativas, desejantes de sua servidão. Enfeitiçamento capitalista sobre o sentido do trabalho: o significado do trabalho como sendo o da produção de uma estética da existência e suas condições de liberdade, é tomado pelo significado da sobrevivência servil. Difícil não sentir uma angústia, estranha tristeza, infeliz dívida: na cooptação magnética sentido-moeda, os mundos outros possíveis parecem antes interditos.

ambivalências: revolução e contra-revolução

*“A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma. De dia não saíamos, de noite não sonhávamos. Os sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos”*¹⁶⁴

“Tudo o que é sólido desmancha no ar”¹⁶⁵: o capitalismo é a primeira ordem social cuja base não se dá na repressão do desejo, mas na sua liberação. Para além do bem e do mal,

¹⁶² Deleuze, 2013, p. 164.

¹⁶³ Deleuze; Guattari, 2011 p. 328.

¹⁶⁴ Terra sonâmbula (Mia Couto, 2016).

¹⁶⁵ “Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens” (Marx; Engels, 2010).

territórios existenciais e diferentes formas de vida são transformadas, desterritorializadas e mortificadas – hábitos e tradições, grupos e sociedades, gêneros sexuais, regimes políticos, formas de prazer, práticas artísticas. Há um produzir por produzir, soberano frente ao poder do déspota, do Estado ou da terra.

Produção ilimitada: se só assim o fosse, o capitalismo seria uma máquina revolucionária. Há o porém que já vimos. Sua axiomática faz produzir duplamente uma produção ilimitada limitadora das revoluções. As desterritorializações que experienciamos são muito ambivalentes em seu valor transformativo. As mortes passam contra os absolutismos e os nomadismos de toda terra. E são eles ressuscitados quando necessários. Enquanto houver o triunfo do sentido capital sobre a vida, haverá mortes e destruições daquelas que impedem o nadar do tubarão: “o capitalismo é um tubarão. Se ele parar de nadar, parar de ir para frente, ele morre”, diz Viveiros de Castro para o Ailton Krenak¹⁶⁶.

As duas máquinas sociais precedentes temiam os fluxos descodificados pelo medo dos fluxos e suas consequências – a morte e a revolução – pois são eles a condição para a alteração dos modos de existência. O capitalismo soube incorporar a função transformativa sem com isso derivar em uma máquina revolucionária, mas em uma sofisticada máquina que inclui a revolução em seu seio controlando a sua saída, utilizando-a para ser permanentemente adaptável, apropriando-se das mudanças a seu favor. O paradoxo é estarmos próximos e distantes das transformações sociais, de formações cosmológicas outras. Dentro-fora dos possíveis:

“o capitalismo liberta os fluxos do desejo, mas nas condições sociais que definem o seu limite e a possibilidade de sua própria dissolução; de modo que ele não para e contrariar com todas as suas forças exasperadas o movimento que o impele para este limite”¹⁶⁷.

Quando a arte, a filosofia e outras formas de lutas sociais perdem a sua força revolucionária e se transformam em conteúdo das vitrines, agora digitais, o fora revolucionário se inclui no limitador dos devires, diminuindo o seu grau de desvio para ontologias outras. Não é como se as coisas não mudassem. A moda está sempre mudando. Mas compreender que as mudanças advêm tão somente das vitrines, é assumir a consciência do falso movimento do capitalismo:

¹⁶⁶ Selvagem: Ciclo de estudos sobre a vida, 2023.

¹⁶⁷ Deleuze; Guattari, 2010, p. 185.

“a sociedade constrói o seu próprio delírio ao registrar o processo de produção; mas não é um delírio da consciência, ou melhor, a falsa consciência é a consciência verdadeira de um movimento objetivo aparente, percepção verdadeira que se produz na superfície de registro”¹⁶⁸.

O movimento aparente é a chave de leitura do capitalismo como máquina de clichês. A superfície de registro é a chapa modulante que redistribui os fluxos descodificados para uma sessão de reprodução de códigos. Utiliza-se da temperatura das forças desejantes sociais para racionalizar a modulação das chapas: deve-se esfriar? deve-se esquentar? Experimentação permanente. Uso interesseiro dos códigos da moralidade para perpetuar a máquina de dominação social, a reatividade sobre modos de vida e a sua constante subjugação judicativa. Se alimenta da potência dos devires do sentido, fazem dele a sua fonte de manutenção.

“Esses que diziam mudar o mundo pretendiam apenas usar de nossa ingenuidade para se tornarem os novos patrões. A injustiça apenas mudava de turno. [...] O mundo não mudaria por disparo. A mudança requeria outras pólvoras, dessas que explodem tão manso dentro de nós que se revelam apenas por um imperceptível pestanejar do pensamento [...]”
– *Os descontentes todos se haviam unido e estavam movendo o mundo para um outro futuro.*
– *Tenho medo desse futuro, meu filho. Um futuro feito por descontentes?”*¹⁶⁹

*“Não inventaram ainda uma pólvora suave, maneirosa,
capaz de explodir os homens sem lhes matar.
Uma pólvora que, em avessos serviços, gerasse mais vida.
E do homem explodido nascessem os infinitos homens que lhe estão por dentro”*¹⁷⁰

Sintomas dos clichês das revoluções, quando o movimento aparente revolucionário é uma virulenta palavra de ordem – quando a crítica ao capital é incorporada por ele como estratégia máxima de imunização contra o pensamento. Se religião e futebol não eram matéria de discussão, o que mais tem sido protegido pela vontade de poder, contra o ato crítico, reproduzindo toda ordem de clichês? As religiões e os flaxflus se multiplicam. Por

¹⁶⁸ Deleuze, 1992, p.22.

¹⁶⁹ Couto, 2002.

¹⁷⁰ Couto, 2016.

onde os sentidos revolucionários e coletivos têm sido privatizados para se obter lucro nas relações?

“Eu sou é das palmeiras. Foda-se! Nem angolana, nem brasileira, nem portuguesa”. Onde há uma palmeira, eu sou de lá! Sou do mar, e das florestas, e das savanas. Venho de um mundo que ainda não chegou – sem deus, sem reis, sem fronteiras e sem exércitos”.

Ofélia detesta a declaração, mas não há nada que possa fazer para impedir que continue a se propagar: Pessoas que nunca leram sua poesia, e jamais lerão, partilham o desabafo lírico, como conspiradores trocando senhas e contrassenhas. Sua editora brasileira mandou fazer uma camisa com a frase “Eu sou é das palmeiras. Foda-se!” e colocou-a a venda em livrarias e festivais literários. Ofélia ganha mais com camisetas que com livros”¹⁷¹

Não há mudança radical de existência se há sobre os modos a vontade de apropriação gananciosa. O acúmulo de poder é sempre esvaziador de sentido: o mais dinheiro, o mais lattes, o mais curtidas, o mais viral – são variações do percurso capitalista; teleologia do vazio sobre a singularidade do sentido.

¹⁷¹ Agualusa, 2020, p. 13-14

Controle sobre o sentido

Contratei um plano de internet para a minha residência na semana que escrevi esse parágrafo. A data de instalação foi marcada através do site da empresa prestadora do serviço. A instalação poderia ocorrer das 8h às 18h. Bastaria eu selecionar um turno, manhã ou tarde. Marquei o turno da tarde. No dia da instalação, pouco após meio-dia, recebi uma mensagem pelo whatsapp de uma assistente virtual da empresa contratada. A mensagem dizia que o funcionário já estava à caminho. Em seguida, me enviou um link para que eu pudesse acompanhar a sua localização em tempo real.

Em 1990, quase vinte anos após a publicação do primeiro volume de "Capitalismo e esquizofrenia", Gilles Deleuze descreve como Sociedade de Controle a nova diagramática de poder que se seguiria das sociedades disciplinares descritas por Foucault em *Vigiar e Punir*. O início do ensaio apresenta o seu argumento elencando as características principais das sociedades disciplinares descritas por Foucault. Sociedades européias dos séculos XVIII/XIX com o seu apogeu no início do século XX, marcadas pelo poder de confinamento. A família, a escola, o hospital e as prisões são os mais evidentes exemplos das instituições maquinadas por esse poder¹⁷².

A disciplina é definida pela rigidez dos códigos sobre os corpos. Segundo um ordenamento de produção em massa os corpos são individualizados, serializados e confinados. Os signos da disciplina determinam os sujeitos e, certo modo, são os sujeitos efeitos destes signos. Há uma serialização dos signos do sujeito que reproduz o sentido da sociedade disciplinar. Pressupunha-se um recomeço constante: da família para a escola, da escola para a fábrica, eventualmente da fábrica para o hospital ou para a prisão. Cada instituição com seus códigos, cujo denominador comum era a serialização dos corpos e a marca sobre estes para funcionarem mecanicamente segundo moldes determinados. Dóceis demais para qualquer revolução, úteis o suficiente para a produção capitalista. *Tempos modernos* de Charles Chaplin¹⁷³ é uma das mais clássicas expressões cinematográficas deste período: um operário errante que transita por várias instituições disciplinares – sua errância de palhaço, máquina quebrada e indisciplinada, transita pela fábrica, pela delegacia, pelo hospital; habita as ruas; faz da sua errância o humor e o humor a sua errância. Sua resistência ativa sobre o poder disciplinar é a sua errância alegre que desmonta o programado.

¹⁷² “Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar, distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares” (Deleuze, 1992, p. 223). Uma mais valia de forças?

¹⁷³ Chaplin, 1936.

Deleuze descreve, na aurora da nova diagramática de poder, as diferenças em relação à diagramática precedente:

“os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro”¹⁷⁴.

Se nas sociedades disciplinares as tecnologias de poder tinham por definição a rigidez e por função a moldagem sobre o corpo, como a pesada máquina de Gutenberg e a matriz de metal fundida à ferro, as tecnologias de controle são plasmáticas. Se autofundem e se readaptam para continuamente refundar os corpos, seus signos e a percepção. Ainda são máquinas pesadas, fundidas à ferro e força, se rastreamos a materialidade por onde as “nuvens digitais” dependem, mas a extensão de sua presença é quase imperceptível. Formam uma série de agenciamentos maquínicos que as excedem, redes que correm entre diferentes dispositivos digitais através da internet multiconectada.

No início da década de 90 o espaço já se vestia com as imagens do mundo digital nos centros das grandes cidades. Em velocidade vertiginosa, o futuro se instalou nos diversos âmbitos da vida social sob afetos ansiosos. Os computadores se tornaram produtos da classe média, ávida por tantos descobrimentos; os telefones celulares encontraram lugar nos bolsos dos cidadãos comuns. No segundo milênio a simpatia de Steve Jobs sobre a classe média, a promessa de um novo sentido.

A alegria contagiante e idealizadora das novas tecnologias foi irreparável quanto à reformulação do poder. Enquanto o poder das sociedades disciplinares se limitava nos muros das instituições, o poder de controle se presentifica a todo instante e em todo lugar por meio dos dispositivos digitais instalados nas ruas, nas instituições, nos bolsos e nos pulsos. A incidência do poder sobre o corpo ocorre a céu aberto, por toda a informatização do espaço. No início da década de 1990, Deleuze identificou a atualização do capitalismo com as novas tecnologias. Hoje, temos mais facilidade de perceber a *quase* onipotência dos dispositivos digitais e de seus algoritmos em todos os espaços determinando os existentes. É claro: não são as tecnologias o problema, pois delas advém uma série de novos possíveis. Mas a dominação que confere às tecnologias um mesmo fim e faz delas instrumentos de sua reprodução: é este o aterrador problema. Câmeras de vigilância podem servir tanto sobre o trabalhador, controlando a sua produção, quanto embarreirando as violências policiais sobre

¹⁷⁴ (Ibid., p. 225)

aqueles que sabem estar sendo gravados. Tanto gravar um show para fazê-lo objeto de vitrine e perder o devir que nele se produzia, quanto entrar em um devir cinematográfico através da câmera do celular captando uma série de afecções antes invisíveis. A diferença é imanente ao efeito de uso: sua avaliação se dá pelo grau de controle sobre o acontecimento, não pelas tecnologias em si que podem ser meios para mundos completamente distintos.

Deleuze é sensível em sua intuição sobre a crise do poder disciplinar das instituições e de suas reformulações em uma nova diagramática de poder. O fora das instituições disciplinares, antes espaço de criação de liberdades, foram tomados: “o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua”¹⁷⁵. Tomando o poder do controle como a elevação de uma plasticidade que assume o corpo por todas as vias – este é o seu ideal – e investe diretamente na produção de sentido e de inconsciente, objeto também sem forma, modulando todo o campo do possível de uma sociedade, podemos entender o controle como a hiperrealização da axiomática capitalista:

“nessa passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do controle, pode-se dizer que a relação cada vez mais intensa de mútua implicação de todas as forças sociais que o capitalismo buscou durante todo o seu desenvolvimento foi plenamente realizada”¹⁷⁶.

Câmeras de vigilância, celulares particulares; cartão de crédito, CPF para desconto em lojas e farmácias; localização, o que é curtido e compartilhado das redes sociais, com quem é compartilhado, o conteúdo das buscas online, os gostos musicais, os produtos comprados, os produtos só visualizados, os políticos que interessam etc. Tudo pode ser transformado em código cruzado no corpo coletivo. Os dados sobre as singularidades são o novo ouro colonizado¹⁷⁷. Essa nova forma de poder começou a se

¹⁷⁵ Deleuze, 1992, p. 228.

¹⁷⁶ Negri; Hardt apud Sibilia, 2015, p.27

¹⁷⁷ “Neste contexto, a tecnologia adquire uma importância primordial. As ferramentas de uso habitual, nos mais diversos âmbitos, vêm abandonando gradativamente as leis mecânicas e analógicas que prevaleceram nos séculos XIX e XX, para se plasmar nos códigos informáticos e digitais que hoje controlam todos os aparelhos com os quais convivemos de modo cada vez mais simbiótico. Agora, a economia global é impulsionada pelos computadores e pela internet, pela telefonia móvel e suas diversas redes de comunicação e informação, pelos satélites e por toda a miríade de gadgets teleinformáticos que abarrotam mercados. Tudo isso contribui, de forma obliqua e complexa – embora não por isso menos potente – para a produção dos corpos e das subjetividades do século XXI” (Sibilia, 2015, p.27). Sobre o abuso na coleta de dados dos clientes a partir dos seus CPFs em farmácias para venda desses dados para empresas relacionadas aos planos de saúde: “o objetivo da empresa é usar dados das pessoas para ajudar áreas de recursos humanos a economizarem em planos de saúde. Se você compra muito omeprazol, por exemplo, pode estar com um problema de saúde grave no estômago – ou ter uma gastrite nervosa. Para os RHs pode ser importante saber disso – o que eles querem é reduzir custos com

“delinear nas últimas décadas do século passado, com o apoio crucial das tecnologias eletrônicas e digitais, para configurar uma nova organização social mais compatível com o ágil capitalismo [...] Um sistema regido pelo excesso de produção e pelo consumo exacerbado, pelo marketing e pela publicidade, pelos fluxos financeiros em tempo real e pela interconexão em redes globais de comunicação”¹⁷⁸.

Justamente pelo potencial revolucionário de sentido que a internet abre, ela é objeto dos mais podres poderes.

desejo de alta e queda livre

No ensaio sobre a sociedade de controle, Deleuze faz menção a uma cidade imaginária de Guattari,

“onde cada um pudesse deixar seu apartamento, sua rua, seu bairro, graças a um cartão eletrônico (dividual¹⁷⁹) que abriria as barreiras; mas o cartão poderia também ser recusado em tal dia, ou entre tal e tal hora; o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal”¹⁸⁰.

A tal cidade já existia em prédios corporativos. Seus habitantes carregam um cartão controlado pela portaria, que barra ou dá acesso a determinadas áreas do prédio. Quando assistimos “Queda livre”, famoso episódio da série Black Mirror¹⁸¹, que se tornou talvez uma

internações, mesmo que você prefira não contar para o seu chefe que está com um problema de saúde. Os dados, segundo a HealthBit, são fornecidos pelos próprios clientes do serviço” (Dias, 2021).

¹⁷⁸Sibilia, 2018, p. 208-209

¹⁷⁹ “Já não nos encontramos diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se dividuals, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos”” (Deleuze, 1992). Rodriguez (2018) localiza o conceito na filosofia de Deleuze em diferentes momentos para extrair uma definição. Ele cita Cinema: a imagem-movimento: “O afeto é indivisível e sem partes; mas as combinações singulares que forma com outros afetos constituem por sua vez uma qualidade indivisível, que só se dividirá mudando de natureza (o dividual)” (Deleuze apud Rodriguez, 2018, p. 188); Mil platôs: “é preciso que uma multidão seja plenamente individuada, mas através de individuações de grupo que não se reduzem à individualidade dos sujeitos que a compõem” na qual essas individualizações compõem “tanto o Um-multidão quanto o Dividual” na medida em que o “povo deve individuar-se, não segundo pessoas, mas segundo afetos que ele experimenta simultaneamente e sucessivamente” (Ibid.) O autor esboça então uma transversal entre as três aparições do termo: “seria possível dizer que o dividual é tudo aquilo que constitui os indivíduos. Essa dividualidade está conformada por afetos que não são individuais nem coletivos, mas que são sim imediatamente digitais” (Ibid., p. 189). O indivíduo é antes tomado por seu fluxo divisível que o engendra, fazendo deste fluxo matéria de dado estatístico sobre a ínfima existência, sobre os múltiplos modos de agir.

¹⁸⁰ Deleuze, 1992, p. 229.

¹⁸¹ Brooker, 2016.

referência bastante consolidada das distopias do presente, sentimos como se fosse a mesma coisa. Uma hipérbole do que já nos cerca.

No episódio da série estadunidense, uma sociedade é organizada segundo uma hierarquia de avaliações que cada indivíduo possui em uma rede social universal. Todos podem se avaliar a todo momento e a cada encontro. A avaliação gera uma nota média individual, de 0 a 5, fixada e exposta no perfil de cada indivíduo. Aqueles que possuem maior nota possuem também maior peso na avaliação que dão aos outros. O personagem simpático que posta fotos agradáveis tem a tendência de receber boas notas de seus concidadãos. Se o indivíduo é desagradável ou minimamente despreocupado com a polidez social, que nesse universo é excessiva, a tendência é que ele receba notas baixas. Não vale teatralidade barata. Quem exagera nas cordialidades para receber as boas notas, sofre o risco de que a falsidade manifesta de seus atos resulte em igual desaprovação. Não por ser falsa, mas por ultrapassar a naturalidade do regime de signos: os exageros da aparência exacerbam a essência política dissimulada desta sociedade. Escancara uma má performatividade. A economia de aprovações e desaprovações produz uma nota para cada cidadão que se modifica eternamente, a depender da qualidade de seus encontros. Cada sujeito vive a insegurança e a dívida permanente, vigiado por todos e por si, neurótico por aprovação e por inclusão. A nota que cada indivíduo possui determina alguns direitos que ele terá acesso. Quem possui uma avaliação baixa, além de sofrer toda ordem de rejeição, pois pega mal se relacionar com a estranheza, têm o acesso embarreirado para serviços mais sofisticados de transporte e de moradia. As notas funcionam como o dinheiro, mas não o substituem. Ao contrário, quem ostenta boa avaliação é proprietário – provisório – das imagens prestigiosas, dos ideais do eu que incitam os seus concidadãos a praticarem um exercício constante sobre os signos de si mesmo para que se assemelhe à identidade ideal.

São todos cidadãos nus, seres abstratos. A sua acumulação de avaliações, curtidas e visibilidade torna-os engrenagens de uma máquina em que eles aparentemente dependem. Utilizam-se de outra forma de moeda. Tornam-se todos concorrentes entre si. Suposta autonomia dos empreendedores de si: suas formas de ser dependem de uma máquina de clichês. Fluxos econômicos fabricam identidades e identidades expressam valores econômicos. A identidade e a falta de sentido andam juntos, pois jamais satisfeitos, os cidadãos perseguem a ilusão impossível.

Ainda que essas cidades não existam de fato, o mesmo imaginário permeia os nossos desejos. A prática de avaliação pública nos é atual em vários campos. Notas sobre filmes, músicas, comidas, serviços e perfis de profissionais de trabalho se multiplicaram com a

digitalização da existência capitalista, colocando-nos em exercício de performatividade constante para a avaliação aprovativa. Desejamos a avaliação pública, avaliar e ser avaliado: “no perfil existe um efeito de identidade, num sentido pontual e provisório, uma vez que não atende a critérios de verdade ou falsidade, mas de performatividade”.¹⁸² Não seria isso a descodificação do mercado seguida da sobrecodificação da vida pública? A redução da multiplicidade de signos de uma experiência através de modelos de avaliação? O Bem e o Mal, o quão forte ainda os desejamos...

ser instagramável

“Que magnífico aeroporto construíram aqui! E estradas em todas as direções, estás vendo? Há cidades por toda parte, e tenho a impressão de que aquelas torrinhos são poços petrolíferos. Não resta coisa nenhuma das florestas que tantas vezes percorri, primeiro sozinho, depois em tua companhia... Olha, arranha-céus, marinas lotadas de iates... Ninguém pode mais falar de solidão nesta ilha de Juan Fernández! Ah, Sexta Feira, como Sófocles disse, o homem é um ser maravilhoso!”¹⁸³

A gentrificação dos espaços públicos possui uma função relativa a dos cartões e das avaliações de Queda Livre¹⁸⁴. De maneira sutil mas eficaz as reformas do espaço público tem por efeito a distribuição do corpo social pela cidade através da compatibilidade entre um modelo de rua e um modelo de sujeito – as construções que impedem a permanência de pessoas em situação de rua (pedras embaixo do viaduto, bancos públicos inclinados que impedem alguém de deitar ou sentar por muito tempo), o preço dos aluguéis que subitamente crescem após reformas de “valorização” do espaço público (acompanhemos a região do Porto do Rio de Janeiro), a presença de comércios e shoppings que forcem o estilo genérico ao ambiente e sufocam pequenos comerciantes, o policiamento que protege alguns e violenta outros... São operadores da principal função de dar acesso ou embarreiramento à cidade¹⁸⁵.

¹⁸² Bruno apud Rodriguez, 2018, p. 193.

¹⁸³ Cortázar, 2005, p. 207-208.

¹⁸⁴ Gentrificação é um neologismo feito a partir da palavra inglesa *gentrify*, que significa pequena nobreza.

¹⁸⁵ No livro “Cidade dos artistas: cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro” os autores demonstram a midiatização da cidade do Rio de Janeiro e a gentrificação como atividade imanente à construção da cidade: “Bela para se ver e vender, carece de diversos problemas de saneamento básico e de moradias para a população. O entretenimento como significado de cultura, o espetáculo e o “image-making” como motor da cidade funcionam também como tecnologias de exclusão social”; “No Rio a modernidade apresenta-se mais como simulação culturalista (televisão, revistas, publicidade turística, moda, etc.) do que como resultado de um desenvolvimento real, ligado à expansão de atividades produtivas, geradoras de emprego e distribuidora de renda” (Paiva; Sodré, 2004, p. 98).

Tenho percebido há algum tempo a quantidade de comércios e espaços públicos que se preocupam em fazer um ambiente visualmente interativo. São projetos estéticos que antecipam, e assim produzem, o desejo de fazer fotografias para se postar em redes sociais. Há um nome popular que faz parte do léxico do marketing para essa captura: ser instagramável. Ser para postar no instagram; concorrer a uma economia de visualidades e aprovações, pois assim funciona a rede social¹⁸⁶. Gesto de publicidade de um modelo de si e do ambiente. Ser-instagramável enquanto ser-o-reflexo-de-um-ideal traduz o exercício de atribuição de signos sobre si em direção à identidade ideal produzida pelo mercado que as redes sociais das big techs reproduzem¹⁸⁷.

Como no processo de gentrificação que determina os sujeitos possíveis de habitar o espaço, na esfera instagramável os sujeitos são determinados por uma vigilância sobre o seu modo de expressão de maneira muito mais intimista. Roupas, cor da pele, cabelo, maneiras, trejeitos, discursos, gestos, todo um conjunto de signos que constituem estilos. Parece-me adequado dizer que o instagramável é a nova gentrificação. Expandida, inside todo espaço-tempo e diretamente sobre o sujeito em movimento. Sua atualização é inseparável do local geográfico, mas não depende de um espaço exclusivamente. Se na gentrificação a vigilância se localiza pontualmente, no ser-instagramável o poder de modulação modelizante é reproduzido no corpo que se desloca. Uma virulência do ideal estético-ascético do eu e do mundo, incessante espetáculo, que pode radicalmente mudar no mesmo espaço. A identidade se forma através de uma “espécie de capital que se deve administrar com o propósito prioritário de *mostrá-lo*”.¹⁸⁸

Saltou-me um fato sógnico durante esta escrita: o significante amável faz o sufixo da palavra. O que nos produz um sentido: ser instagramável indissocia-se do ser amado na economia dos corações, das curtidas e visibilidades. Ser amável segundo a economia dos likes que definem um modo de existência. É o modo de vida reduzido ao reconhecimento público do outro indissociável das redes de controle, no poder paranóide da identidade ideal de mercado. Uma negatização do desejo; desejo do desejo do outro; vontade de poder:

¹⁸⁶ Veremos sobre o funcionamento algorítmico das redes no subcapítulo “o mundo é o google e eu sou o meu perfil”.

¹⁸⁷ Cf.: Morozov, 2018.

¹⁸⁸ Sibília, 2018 p. 207; “Pululam os nichos e os perfis, numa segmentação dos públicos cada vez mais exaustiva que aponta para o uso de recursos com níveis de crescentes de sofisticação e precisão – como o *marketing* direto e a personalização da oferta e da demanda, por exemplo, que operam com a ajuda do garimpo de dados e de cálculos com enorme quantidade de informação, visando tanto estimular como antecipar os desejos de consumo de cada indivíduo. Ou seja, todo um arsenal retórico e técnico renovado, porém a serviço dos mesmos prosaicos fins, cada vez mais legitimados no plano ético ou moral, inclusive no sentido estético: vender mais” (Sibília, 2015, p.26).

“As novas formas de comunicação seriam, então, e de modo imanente, novas formas de vigilância num duplo sentido: porque fazem que qualquer aspecto da vida social fique registrado e porque, por sua própria natureza, a vontade de exibição faz com que esses aspectos sejam, por sua vez, objeto de desejo de visibilidade”¹⁸⁹.

Sob insegurança e dívida permanente diante dos espelhos ideais, as pessoas se lançam no afã de bom pretendente, na busca da plena autorização para ocupar espaços e constituir relações legitimadas nos específicos segmentos desejados: “se atualizam identidades e realidades como softwares”.¹⁹⁰ Tudo isso segundo uma economia de transformações estéticas em fluxo que põe as pessoas atentas tal qual um *trender* nas flutuações da bolsa de valores. A bolsa de valores dos valores. Na profusão de imagens impulsionadas pelas mídias – lugar de múltipla produção de conteúdos, espetáculos e polêmicas das novas versões “do eu e do mundo que quero” – há uma rede de poder de aparição, regimes de clichês: poder de fazer aparecer aqueles conjuntos de signos consonantes à moda política que em um momento e em um espaço situado se sobrepõem aos sentidos menores, estes que escapam da máquina de clichês. O resultado é a fabricação de imagens ascéticas de si e do mundo, geridas pela vontade dos ideais em voga em específicos segmentos mais ou menos generalizados. Multiplicação de ideais que, na medida em que somos seus servos, ficamos viciados por atualizações. As redes são fontes jorantes de informações e imagens que constituem a economia dos clichês. Temos o prazer do saber e do estímulo, mas essa busca incessante nos afasta da experiência afetiva, da percepção dos signos de afetos, daquilo que nos potencializa o sentir, o pensar e o agir diferente. “Brain rot”: foi esta palavra do ano eleita pelo dicionário de Oxford em 2024 por traduzir a podridão cerebral em decorrência do consumo excessivo de material trivial online¹⁹¹.

A consequência de tanta recodificação de si e do mundo é nos embebedarmos insaciáveis e dispersos, entrando e saindo de um acontecimento a outro, saltando entre ilhas sem cartografar sentidos entre elas. O efeito é o inverso da dinâmica que parece ser: é o do vazio de sentido. Um pouco como a Alphaville de Godard,¹⁹² cidade distópica controlada por uma máquina de inteligência artificial, onde toda expressão de poesia, amor e crítica são proibidos, pois ameaçam a ordem daquela sociedade (bastou que o herói Caution fosse um estrangeiro real para que o amor aparecesse e tudo entrasse em desordem) e um pouco como

¹⁸⁹ Rodriguez, 2018, p.192.

¹⁹⁰ Fisher, 2020, p. 98.

¹⁹¹ Oxford, 2024.

¹⁹² Godard, 1965.

a Alphaville paulista, condomínios super seguros onde uma menina moradora diz satisfeita e com um ar melancólico: “aqui nada acontece”¹⁹³. O controle é anti-trágico – logo, anti-devir.

Não parece haver possibilidades de navegação se o mundo parece uma coisa só ainda que em constante mudança. Era comum dizermos há um tempo *surfear na web*... Qual é o risco de surfarmos em mundos sem sair da própria ilha? A imersão nas redes de controle faz parecer que habitamos ilhas e praias artificiais de um parque de diversões, cuja intensidade das ondas é controlada para não sairmos do lugar. E ainda pagamos para entrar.

“– *Sem dúvidas, Sexta-feira, era duro viver sozinho na ilha. Eu achava que aquele não podia ser o meu destino, mas hoje em dia começo a crer que há um certo tipo de solidão pior do que simplesmente estar sozinho [...] Ontem à tarde me levaram para ver o arranha-céu [...] Ele [um funcionário especialista em construção civil] me afirmou que o edifício é um tipo de construção inigualável. Eu acho que é verdade. Mesmo assim, me pareceu igual aos de Londres, igual todos os edifícios de hoje em dia. As pessoas entram e saem como se não se conhecessem, sem trocar uma palavra, saudando-se apenas nos corredores ou no elevador*

– Esperava coisa diferente, meu amor? Acabou de dizer que aqui é a mesma coisa de Londres ou Roma. A ilha continua deserta, entende o que eu quero dizer? [...] É difícil imaginar, meu amor. Mas o Bananeira me disse que a ilha tem dois e meio milhões de habitantes, e que o governo já começa a controlar a natalidade

*– Claro, tudo termina em controle, não são capazes de imaginar outra solução. No entanto, há dois e meio milhões de homens e mulheres que se desconhecem entre si, de famílias que são outras tantas ilhas. Como em Londres, claro. Não tenho certeza, mas aqui talvez as coisas pudessem ser diferentes...”*¹⁹⁴

eu sou o meu perfil e o mundo é o google maps

*“favela não é hotel
vida não é novela
qual é a graça desgraça
que há no riso do banguela?”*¹⁹⁵

SimCity foi um dos meus jogos para computador preferidos durante a infância. Basicamente, trata-se de um jogo de criação e administração de uma cidade. Imitar a cidade

¹⁹³ Campos; Ribeiro, 2009.

¹⁹⁴ Cortázar, 2005, p. 223-224.

¹⁹⁵ Zeca Baleiro, 2000.

onde eu morava ou fazê-la do meu jeito era uma outra maneira de dar continuidade às construções de torres e cidades que eu empreendia com uma série de peças de madeira de meu baú, quando ainda mais novo. Construir e destruir no SimCity era mais rápido e mais fácil do que construir torres no chão de casa. Um esbarrão e tudo caía. Também era preciso ser tão criativo quanto econômico por causa da limitação na quantidade de peças.

Na mesma época que eu jogava SimCity, meu pai me informou de um outro jogo semelhante. A diferença era a sua possibilidade de acessar cidades reais do mundo inteiro, ver todas as ruas e os carros. Fiquei muito curioso. Fui ao seu computador para conhecer a novidade. Na tela, o planeta Terra girava e flutuava no espaço. Com o mouse eu conseguia alterar a velocidade e a direção da rotação, me aproximar e me distanciar dos continentes. Todas as cidades do mundo estavam ali. Escrevi alguma cidade estadunidense no buscador. Provavelmente Nova Iorque. Lá estava! No sótão de uma casa em Teresópolis, eu podia ver Nova Iorque, todas as suas ruas e prédios. Egito! As pirâmides e o deserto. O mundo todo disponível para a minha navegação. Quando descobri que havia um comando que me permitia simular o voo de avião, tornei-me um piloto. Saía do aeroporto Santos Dumont e fantasiava a navegação pelo mundo.

Além do encanto de acessar imagens icônicas do planeta Terra, o mais legal foi encontrar a nossa casa. No mesmo planeta das pirâmides e de Nova Iorque, a casa onde morávamos, com o telhado amarelo refletido sob o sol e, em frente, o nosso Doblô prata. Reconhecer os nossos espaços comuns era tão ou mais legal que conhecer lugares novos. Estávamos pertencidos ao futuro, ao lugar dos países do primeiro mundo, ao satélite do Google Earth!

Alguns anos se passaram e o Google aprimorou a qualidade de suas imagens. Lançou também o Google Street View. Transitei por muitos espaços, dos mais estrangeiros aos mais locais. Da escola, vimos um carro do Google passando. Queríamos ser vistos por ele para sermos fotografados. Queríamos aparecer nas imagens do Street View. Queríamos ocupar um lugar no mundo.

Anos depois, quando entrei para a faculdade de psicologia na UFF de Rio das Ostras, conheci a nova cidade onde eu moraria primeiramente através das telas, imaginando como seria estar ali, antecipando uma vida. A ferramenta me serviu não só para degustar a alegria de me mudar para um novo espaço, como para escolher um bom lugar para a moradia, conhecer a distância dos locais e as características de cada bairro.

Recordo-me bem que as brincadeiras de navegação pelo mundo me entusiasmaram no início, mas tão logo entediavam o sótão de casa. Parecia tudo igual, toda a diferença do

mundo. As cores, os achatamentos da imagem, o silêncio... A ocorrência do excesso de signos com o vazio de sentidos singulares.

O modo de repetição da representação do mundo não se separa dos dispositivos que o produzem. Nada substitui um caminhar pelas ruas que explorei em imagens pela tela. Não porque se trata de diferentes pontos de vista relativos ao mesmo mundo, mas porque se trata de produção de mundos diferentes. Os grandes sites de pesquisa, as IAs e as redes sociais (Whatsapp, OpenAI, YouTube, TikTok, Instagram, X, Spotify) ou os mapas (Google, Apple, Waze) que utilizamos cotidianamente parecem nos colocar muito facilmente em relação direta com a realidade. Encontramos artigos e livros raros, amigos que moram longe, caminhos para o nosso destino, álbuns musicais, mural de eventos e notícias etc.

Em primeiro lugar, não há realidade dada, tampouco alguma que possa se definir por artigos definidos. Em segundo, as realidades apresentadas pelos dispositivos citados são produzidas por empresas privadas e bilionárias, e seus interesses não se confundem com outra coisa que não seja do domínio político global e da extração do lucro. Para se ter uma ideia, dentre as dez maiores empresas de capitalização de mercado do mundo, as seis primeiras são de tecnologia digital¹⁹⁶. O mundo que os dispositivos ligados a essas empresas apresentam é o mesmo que nos explora subjetivamente – pois que mundos podem ser visíveis na economia do controle senão as que a reforçam? As big techs concentram os dispositivos de movimento aparente do mundo; são a quase-causa do sentido na contemporaneidade, pois dominam a rede de clichês mundiais. Não se trata de dizer que um caminhar pelas ruas seja mais real que a tela de um celular. A diferença é que aquilo que se apresenta como *o* mundo pelo Google Earth não é o universo, mas *um* mundo produzido localmente por empresas exploratórias. Bastaria retomar o exemplo que dei na página 60 sobre a renomeação do Golfo do México para o Golfo da América após a eleição de Donald Trump. Seria o mesmo dizer que as Inteligências Artificiais são mais técnicas porque utilizam critérios objetivos e matemáticos, e, por isso, mais verdadeiras em suas respostas. Mas retornaríamos ao indefinido dos artigos definidos ao dizer *a* verdade ou *as* IAs, fortalecendo, como diz Morozov em seu estudo acerca das big techs, a “retomada de uma velha corrente positivista do pensamento político”¹⁹⁷ e ao assassinando a democracia: pois esta se define pela reunião de artigos indefinidos – ou, em outros termos, por relações heterogêneas.

Não são todas as máquinas de tecnologia digital que reforçam o controle, mas é por essas máquinas que o controle é exercido. Como Deleuze já havia dito:

¹⁹⁶ São elas: NVIDIA, Microsoft, Apple, Alphabet (Google) e Amazon (Trading View, 2025).

¹⁹⁷ Morozov, 2018, p. 139.

“a cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. Mas as máquinas não explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte”¹⁹⁸.

Morozov complementa essa associação quando situa os agenciamentos coletivos da contemporaneidade do controle alertando-nos que “tal como o Vale do Silício, cujo futuro só existe sob o capitalismo contemporâneo, também o capitalismo só tem futuro à sombra do Vale do Silício”¹⁹⁹.

A exploração se estende ao nosso descanso: nos intervalos dos nossos trabalhos, oferecemos o tempo de perceber, sentir e agir como alimento às máquinas de engajamentos lucrativos. Durante a nossa passividade, os mundos que nos constituem são modulados on demand. As reações aos conteúdos da tela são o material essencial da economia algorítmica que nos monta não só determinadas condições de visibilidade, mas de sentidos possíveis²⁰⁰. Os aplicativos ligados às big techs são programados para produzir e conectar afecções e afetos de todo tipo de seus usuários – do ódio ao riso, da ternura ao fetiche – para atribuir a eles o sentido do engajamento. Já tem sido bem demonstrado que os conteúdos que causam reatividade odiosa em seus usuários, a vontade de negação do outro, são os mais lucrativos, justamente porque mais engajam²⁰¹. É o exemplo do documentário Privacidade Hackeada: o governo russo cria páginas de convocações para manifestações “black live matters” e “blue lives matters” ao mesmo tempo para intensificar o negativo da sociedade, preparar o terreno para o crescimento de líderes autoritários²⁰². Uma vez que os dados extraídos entre diferentes dispositivos se cruzam constituindo grandes bancos de informações que determinam o que vemos, convertendo “todos os aspectos da existência cotidiana em algo rentável”²⁰³, os mundos visíveis por essas vias são o resultado constante de uma rede capitalista em movimento. Sem que necessariamente saibamos, oferecemos inúmeros dados que fortalecem esse sistema exploratório reduzindo a possibilidade de inventariar mundos radicalmente

¹⁹⁸ Deleuze, 2013.

¹⁹⁹ Morozov, 2018, p. 26.

²⁰⁰ Cf.: Morozov, 2018.

²⁰¹ Empoli, 2020;

²⁰² Amer; Noujaim, 2019.

²⁰³ Morozov, 2018, p. 33.

outros. São essas alienações as atualizações da mais valia de sentido que desdobram a colonização imagética para muito além.

...

Tenho escutado entre amigos e pacientes a sigla FOMO (Fear of missing out). Vejo posts no instagram sobre isso. A sigla traduz a experiência da pessoa que sente não estar participando de algum acontecimento coletivamente interessante, principalmente quando esse acontecimento é acompanhado à distância pelos compartilhamentos nos stories do instagram ou em qualquer outra rede.

Em um sábado à noite, sem vontade de sair, Pedro abre o Instagram. O festival aparece novamente em seu feed. A menina que deu ghost nele curtiu o post do festival. Ele vê aí uma possibilidade de reencontrá-la. Não faz as contas. Compra o ingresso e divide em cinco vezes. *Trabalho para isso*. Ele vai para o perfil da menina e vê os seus stories. Selfie com a cara maquiada. Vai sair. Ele volta para o feed. Aperta nos stories das pessoas que segue. Um compartilhou a foto do acidente de carro que passou, mas segue bem. Chamado para uma palestra sobre o mercado atual do marketing. Publicidade de remédio contra a calvície. Um amigo está neste momento comendo um bolinho de bacalhau e tomando um chopp. Meninas que foram à praia mais cedo. Um prato bonito colorido. Faixa de Gaza. Divulgação de uma festa. Publicidade de carro. Uma música criticando o algoritmo que faz aparecer conteúdos de botox para mulheres a partir dos vinte e oito anos. Publicidade do festival que ele já comprou. Prisão do Bolsonaro. Pedro para de mexer um pouco. Já passou um tempo no celular e nem fez comida ainda. Vai para a cozinha: está cansado demais para sair, mas solitário demais para ficar em casa. Pega o celular de novo. Story novo de um amigo. Ele havia chamado Pedro mais cedo para sair. Iria para o bar com uma galera da faculdade. Pedro recusou, estava muito cansado. Agora que viu a foto, ficou com vontade. Parece melhor que a sua casa meio escura. Pede um uber. Chega no bar, estão todos no brilho. Uma cerveja. Não socializa muito, está cansado. Mas tenta. Abre o celular. Sua amiga está de casal em casa assistindo a um filme. Foto da TV com o símbolo da Netflix. Pedro pensa que é exatamente isso que ele quer. Lembra da menina do festival. Olha em volta. Pede um uber para casa. Na segunda-feira, durante o trabalho, vê o story de um amigo na praia. Pedro sente estar perdendo a vida no escritório. Uma página de publicidade compartilha sobre as causas da insatisfação da geração atual. Ela se esforça e seguiu os planos dos pais para não conseguir a metade das coisas que eles conseguiram. Pedro concorda. Vê o comentário de alguém

dizendo que é preciso não querer as mesmas coisas, mas poder ser mais livre na vida independente da geração. Pedro acessa o perfil da pessoa que fez o comentário. É uma mochileira que atualmente está na Noruega. Pedro pensa que é um lugar que ele conheceria. Se entristece quando reflete que provavelmente não vai conseguir viajar para todos os lugares que já sonhou em visitar. Entristece por não conseguir ser nem igual aos pais, nem igual aos jovens. Pensa que os jovens são mais livres. Lamenta não ter sido tão livre quando jovem. Decide que vai à praia na quarta, já que pode escolher três dias para trabalhar remotamente. Na quarta, Pedro vai à praia. Está sol e a praia está tranquila. Um colega do escritório posta uma confraternização rolando no trabalho. Ta geral. Salgadinho e long neck. Pedro pensa: *puts, logo hoje*.

A ideia é a mesma: o acontecimento está sempre lá fora, já perdido. A vida é aquela representada pelas máquinas do clichê. Talvez Pedro se convença de que está no lugar certo se o seu post na praia tiver aprovações de outros usuários. Mas isso tão-logo passa. Os signos se voltam para a repetição de um regime que os organiza seguindo a lógica algorítmica de engajamento. Enquanto se olha para o perdido tentando reproduzi-lo para recuperá-lo, perde-se efetivamente os acontecimentos que podem nos incorrer quando passeamos distraídos. Atentamente distraídos.

Guattari dizia: “o turismo, por exemplo, se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e comportamentos”²⁰⁴. O barbeiro que cortava o meu cabelo quis saber o tema de minha pesquisa de mestrado. Após eu dizer, ele responde: tipo a minha esposa que quando perguntei para onde ela gostaria de ir na lua de mel, respondeu “Maldivas!”. Eu ri, perguntei “por que Maldivas? o que tem lá?”. “Sei lá! tem praia, as minhas amigas todas foram para lá”, ela conclui.

É possível ir para Maldivas sem nunca chegar a Maldivas, como é possível chegar a Maldivas e nunca mais voltar de lá. Tudo depende dos acontecimentos que fazem corpo em quem viaja; da sua disponibilidade para devir estrangeiro. Se Maldivas for uma identidade dada, jamais se chegará a lugar algum. Quem se descobre em uma ilha verdadeiramente deserta porque habitada de multiplicidades, volta outro eternamente, a ponto de que poderíamos dizer que jamais se retorna no sentido de sua identidade.

O controle sobre o sentido é o da mutação constante dos espaços e dos sujeitos que nele habitam para fazê-los atores de um cenário-vitrine. Além de indicar um comércio da experiência – disso que se vive, mas não se possui vitaliciamente – o fenômeno indica

²⁰⁴ Guattari, 2012, p. 8.

também algumas pistas da preocupação irresoluta do sujeito com os novos ideais, cada vez mais voláteis, em plena atualização de busca, fazendo-nos “toxicômanos da identidade”:

“a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica também da produção de *kits* de perfil-padrão de acordo com cada órbita do mercado [...] Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis, que mudam ao sabor do mercado e com igual velocidade [...] Isso nada tem a ver com flexibilidade para navegar ao vento dos acontecimentos – transformações das cartografias de força que esvaziam de sentido as figuras vigentes lançam as subjetividades no estranho e forçam-na a reconfigurar-se”²⁰⁵.

Nossos perfis podem ser como ilhas Maldivas de si. Geralmente somos o pertencimento de uma identidade que funciona, que é reconhecida como tal entre os pares. Padrão Maldivas de ser. A construção estética de si baseada no reconhecimento cuja economia de visibilidade funciona a favor do engajamento lucrativo só poderia resultar na constituição de espelhos clichês de si mesmo. Um espelho que não reflete a imagem por disponibilidade, mas força um modo de ser da imagem. É claro que na prática nada é tão clichê: as singularidades correm por todos os signos. Reconhecemos que ainda assim o exercício de produção estética de si é coabitado por forças clichês. A questão é se essas forças dominam o sentido – forças que os dispositivos de controle não deixam de produzir – ou se triunfam as práticas contra-clichê. Porque se o clichê triunfa,

“é a desestabilização exacerbada de um lado e, de outro, a persistência da referência identitária, acenando com o perigo de se virar um nada, caso não consiga produzir o perfil requerido para gravitar em alguma órbita do mercado”²⁰⁶.

Das Ilhas Maldivas para as Malditas, somos e não somos ilhas isoladas. Se participamos de algum seguimento de conteúdo online, pertencemos a uma ilha que chamamos de mundo. As tais ‘bolhas digitais’ são ilhas, múltiplas ilhas. Basta consumir um tipo de fluxo online para que as plataformas das big techs compreendam qual ilha recriar para o seu contínuo habitat. Consumo que estabelece quem faz parte do nosso mundo e quem não faz. Uma economia de pertencimento. Diferente da televisão de canal aberto cuja programação era a mesma para todos os espectadores, cada feed é um cruzamento único de

²⁰⁵ Rolnik, 2002, 20-21.

²⁰⁶ Ibid. p.21.

séries de signos. São eles comuns a outros usuários, mas sua combinação é singular, individual e modificada pelos usos pontuais. São signos dos efeitos dos engajamentos da economia algorítmica. Cada combinação é uma ilha mais ou menos compartilhada por outros. No entanto, ela também é isolada. Ilhas ilhadas porque não se percebem na relação com o seu fora. Se as redes fazem arquipélagos por constituir uma série de ilhas, não são os mesmos arquipélagos que aqui reivindicamos. Estes são os da singularização do sentido que não se limita às diversidades quantitativas. Sua ecologia reconfigura continuamente o todo dos conjuntos sem constituir unidades. Uma ilha nunca é a mesma, pois suas mudanças são inseparáveis dos conjuntos que ela mesma contra-efetua. A cada viagem, a fundação de outro cosmos.

...

Pedro se sentiu mais confortável quando descobriu que o que sentia tinha nome: FOMO. Um post no instagram revelou o seu sentimento incompreendido. *É isso que sinto, é isso que sou; esfomado*. Muita gente dizia sentir o mesmo nos comentários do post. Uma pena que um especialista em diagnóstico de TDAH comentou que quem sente FOMO tem uma propensão maior a ter déficit de atenção. O mundo de Pedro rodopiou. Uma enxurrada de conteúdos de autodiagnóstico correm em seus rios desde que reconhecida a sua nova identidade por outros signos. *Ah, então é isso, é isso...*

não sou eu quem me navega: quem me navega é o mar?

*“Estoy hecho de madera de deriva
Voy a merced de la resaca del río
Vengo, voy y vengo
Soy todo aquello que no puedo llamar mío
Vengo, voy y vengo
Soy todo aquello que no puedo llamar mío*

*Tengo las aristas tan pulidas
Me voy tatuando de agua y de viento
Vengo, voy y vengo
Soy mucho menos lo que se que lo que siento
Vengo, voy y vengo*

Um rio reflete e confunde Narciso. Já não sabe tanto o que é feio e o que é espelho. *O que fazer?*, ele se pergunta. Desejar a identidade como reduto seguro dos acasos? Criar códigos mais fortes? Negativar os fluxos?

Marcello Clerici sofre um evento traumático quando criança. Sua sexualidade é assombrada por uma experiência de abuso e de morte. Seu passado é assombroso: persegue-o como sombra desvelando o absurdo vivido.

Quando criança, em um momento de desamparo, Marcello é acolhido por um homem militar que, em seguida, o leva para um quarto, põe uma peruca e se veste de mulher. Apresenta-se novamente: Madame Butterfly. Abusa-o sexualmente. A violência se finda quando Marcello encontra a arma do militar e atira em Madame Butterfly, que fica estendida no chão. Assombrado pela ambivalente experiência de ter sido protegido por aquele que o apavorou, intensa tragicidade desterritorializante, Marcello já adulto exercita o seu desejo de ser normal.

...

O que acha que vai ganhar se casando?, pergunta Italo Montanari, seu grande amigo. *Não sei. A impressão de normalidade (...) estabilidade, segurança... De manhã, quando estou me vestindo, eu me vejo no espelho. E, comparado a todos os outros, me sinto diferente.*

Em seguida, Marcello diz que o corpo e a sensualidade são as primeiras coisas que ele vê em sua noiva. Sensualidade e normalidade andam juntas desde já.

Mas é engraçado, sabe? Todos gostariam de ser diferentes, mas você, ao contrário, quer ser igual a todo mundo, comenta Italo. Ao que Marcello responde: *Há dez anos, meu pai estava em Munique. Frequentemente, depois do teatro, ele me dizia que ia com os amigos a uma cervejaria. Havia um homem louco, que consideravam ser um tolo. Ele falava sobre política. Era uma atração e tanto. Eles lhe compravam cerveja e o incentivavam. Ele subia em cima da mesa e fazia discursos furiosos. Era Hitler.*

A descrição de Hitler feita por Marcello: um ser louco, tolo, uma atração fora da curva. O contraste do desejo de Marcello. Ironias do destino: seu pai hoje está internado, louco em decorrência da sífilis.

²⁰⁷ Madera de deriva - Jorge Drexler (2021).

Italo entra na cabine de gravação. É um homem cego. Lê, ao microfone, o seu texto em braille: *Itália e Alemanha, dois baluartes de luz através dos séculos. Seus incomparáveis encontros marcam um ponto decisivo no curso da história do mundo. Mais uma vez, esses dois povos estão redescobrando suas antigas virtudes. Virtudes que incorporam similaridade e reciprocidade que há muito foram esquecidas. Aquilo que Goebbels chamava de “o aspecto prussiano” de Benito Mussolini e que nós chamamos de “o aspecto latino” de Adolf Hitler. Itália e Alemanha, trazendo ao mundo duas grandes revoluções, o Antiparlamentarismo e a Antidemocracia.*

Enquanto Italo profere seu manifesto, ali mesmo na estação de rádio, Marcello tem uma entrevista de emprego. Pergunta o entrevistador, um funcionário do governo de Mussolini:

– Já se perguntou por que as pessoas querem colaborar conosco? Alguns o fazem por medo, a maioria por dinheiro. Por acreditarem no fascismo, bem poucos. Mas você, não. Sinto que não é governado por nenhuma dessas razões.

...

O que motiva Marcello a ser um policial secreto do fascismo de Mussolini? Italo têm a mesma pergunta:

– O que ganha trabalhando para ele?

– O sentimento de finalmente estar de volta ao estado normal que mencionei. Como acha que um homem normal...

Italo interrompe o seu raciocínio:

– Um homem normal! Para mim, um homem normal é o que vira a cabeça para ver o traseiro de uma mulher bonita. O problema é ir além de virar a cabeça. Há cinco ou seis razões e ele fica feliz em encontrar pessoas que sejam como ele, seus iguais. Por isso gosta de praias lotadas, futebol, o bar no centro da cidade...

– Na Piazza Venezia.

– Ele gosta de pessoas como ele e não confia em quem é diferente. Por isso, um homem normal é um verdadeiro irmão, verdadeiro cidadão, verdadeiro patriota.

– Um verdadeiro fascista.

– Nunca se perguntou como é que somos amigos? Porque somos diferentes dos outros. Somos farinha do mesmo saco.

Ficam em breve silêncio. Marcelo o evita. Percebe que os sapatos de seu amigo cego estão trocados.

– Está aqui? Qual é o problema, não concorda? Eu sei que sim. Eu nunca me engano – Italo parece sempre mais certo de si que Marcello.

...

Para poder se casar, Marcello aceita o pedido que a sua futura esposa lhe faz. Confessar-se na igreja.

O padre no escuro do confessionário escuta Marcello de fora, clarificado pelas luzes que entram na igreja. Após descrever a situação de seu abuso, o padre lhe pede:

– Agora, precisa me dar os detalhes.

– Não, já chega, por favor. É quase como se pensasse que sodomia é um pecado mais mortal do que matar alguém, padre.

– Não permitirei tal insolência. Está esquecendo que eu sou o padre e você é o pecador. Depois dessa vez, você teve relações sexuais com outros homens?

– Não. Todo o resto foi normal.

– O que isso quer dizer?

– Um bordel quando eu tinha 18 anos. Desde então, relacionamentos só com mulheres.

– Isso, na sua opinião, é uma vida sexual normal?

– Sim. Mas por quê?

– Mas você, meu filho, sempre viveu em pecado. Normal significa matrimônio, ter uma esposa, uma família.

– É o que acho.

– Bravo, bravo, bravo.

– Vou construir uma vida normal. Vou me casar com uma burguesa trivial.

– Ela deve ser uma boa moça.

– Medíocre. Um monte de ideias triviais. Cheia de ambições triviais. Ela é toda cama e cozinha.

– Você não tem direito de usar essas expressões.

– A normalidade. Pretendo construir minha normalidade, mas não será fácil.

– Fique dentro da religião...

– Fora da religião! Deus é tão generoso. A Virgem é tão maternal. Cristo é tão misericordioso conosco. E o padre foi abençoado com tanta compreensão. Você não demonstrou horror em relação ao meu crime ainda. Não o fez parar. Está surpreso porque me confessei imediatamente.

– O que precisa fazer é se arrepender humildemente, pedir pelo perdão Dele hoje.

– Já me arrependi. Quero ser desculpado pela sociedade. Sim. Quero confessar, hoje, pelo pecado que cometerei amanhã. Um pecado expia o outro. É o pecado que devo pagar à sociedade. E eu o pagarei.

– É parte de alguma nova seita? Pertence ao grupo de subversivos?

– Não, não. Pertencço a um grupo que vai atrás de todos os subversivos.

– Ego te absolvo a peccatis tuis.

...

A primeira missão de Marcello como agente da polícia fascista é assassinar seu antigo professor de filosofia, o professor Quadri, exilado na França. A ida à missão ocorre durante a lua de mel de Marcello em Paris, local escolhido por ser a localização de seu dever. Manganiello é o seu parceiro de polícia fascista. Ele o persegue à distância como um estranho, para acompanhar a boa realização do assassinato.

Marcello visita a casa do professor Quadri. Eles rememoram as aulas passadas. Luzes entram pelas janelas do escritório fazendo contraste com as sombras. Falam sobre a alegoria da caverna de Platão, assunto que seria a tese de Marcello caso não tivesse abandonado a filosofia.

– O que veem os homens da caverna? Você, que veio da Itália devia saber por experiência. Eles veem apenas as sombras que o fogo produz no fundo da caverna deles. Sombras. O reflexo das coisas. Como o que está acontecendo com vocês na Itália, agora. Seria impossível ensinar filosofia em um país fascista.

Marcello não mata o professor de imediato. Ele está verdadeiramente interessado na conversa. Não bastasse o desvio da missão, quando saem do escritório para tomar um chá, Marcello se apaixona por Anna Quadri, esposa do professor. Combinam todos um jantar no mesmo dia pelas ruas de Paris.

...

Os quatro jantam em uma noite em Paris. Marcello, sua esposa, professor e Anna Quadri. Em um momento à sós, Quadri lhe entrega uma carta secreta. Pede que Marcello entregue a um correspondente contra-fascista. Ele guarda a carta.

Marcello já não se sente tão certo quanto a missão de assassiná-lo. Prefere não. Está seduzido pelas paixões dos Quadris. Levanta-se da mesa e vai para os fundos do restaurante. Está nervoso.

Sozinho, sem saber o que fazer e para onde seguir, Manganiello o surpreende.

– Não quero matar ninguém. Aqui. Não quero mais carregá-la – Marcello entrega-lhe a arma.

– Ouça companheiro! Quero que olhe para mim. Estamos em guerra, certo? Se desistir, é um desertor. Todos já pensaram em desertar ao menos uma vez. Não é o seu patriotismo, não é a sua honra que está traindo. É, na verdade, você.

Marcello retorna ao restaurante deixando Manganiello e os quatro terminam o agradável jantar. Seguem para uma matinê. Suas esposas dançam, divertem as pessoas. Sentados, o professor diz a Marcello:

– Está com a carta que te dei?

Marcello pega a carta e o entrega. O professor abre o envelope e mostra um papel vazio. Nada escrito.

– Você não é fascista. Não há nada na carta. Se fosse, já teria me entregado.

...

No dia seguinte, Marcello está sentado no banco de trás do carro enquanto Manganiello dirige. Sem decidir o seu destino, é deixado levar pela direção de sua dupla. Manganiello dirige em uma deserta estrada em direção ao carro do professor Quadri.

Conta um sonho a Manganiello. *Acabei de ter um sonho fantástico. Eu estava na Suíça. Você estava me levando para fazer uma cirurgia porque eu estava cego. E o professor Quari foi quem operou. A cirurgia foi um sucesso e eu partiria em breve com a esposa do professor. E ela me amava.*

Ao alcançarem o carro do professor, Manganiello saiu do carro. Marcello assistiu paralisado no banco de trás o assassinato. Vários outros homens se aproximam do carro do professor. Esfaqueiam o professor. Anna corre até o carro em que Marcello está para lhe pedir ajuda. Ele a ignora. Anna corre para a floresta. É a sua corrida final. É baleada e morta.

...

Anos se passaram. As rádios reproduzem nas casas italianas a queda de Mussolini. Marcello sai de casa para encontrar Italo, seu amigo.

Está escuro. É noite. Italo está à sua espera ao lado de um cartaz colado a uma pilastra. Há um acróstico com o nome de Mussolini: *Mostro, Unico, Spudorato, Senza Onore, Ladro Internazionale, Nato Infame*²⁰⁸.

Marcello passa por Italo e hesita ir ao seu encontro. *Há algo preso em você*, diz Marcello já impaciente. Na roupa de Italo, um broche do Estado fascista, que ele retira rapidamente. Passam motos com faróis iluminando a rua. Revolucionários montados em motos arrastam a cabeça de uma estátua. Ambos se assustam e mudam de local.

Chegam a um ambiente silencioso, com poucas pessoas, coberto por uma marquise, escuro como uma grande caverna.

Dois homens ao lado de uma pequena fogueira conversam e trocam sedução. Marcello os observa. Escuta o apelido de um deles: Madame Butterfly. Marcello se desconcerta por instantes. Avança sobre o homem e questiona-o, conforme cresce a sua raiva. Madame Butterfly carrega a cicatriz do tiro que Marcello lhe deu quando criança. Ele está vivo. Marcello dispara:

– O que estava fazendo no dia 25 de março de 1917? – Foi esta a data do abuso causado por Butterfly.

Marcello repete a pergunta sem obter respostas, apenas balbucios.

Já em tom aumentado, questiona em seguida:

– E em 15 de outubro de 1938? Onde estava? O que estava fazendo? O que estava fazendo às 16:00 no dia 15 de outubro de 1938?

O silêncio permanece na mesma medida em que cresce o desamparo de Marcello que continua a vociferar para os poucos que ocupavam esta rua pouco movimentada:

– Assassino! Assassino! Ele matou um homem, um exilado político em 15 de outubro de 1938! Sim, o professor Quadri! Luca Quadri! E sua esposa, Anna Quadri! Ele é pederasta, fascista!

O homem foge. Italo, nervoso, implora: *Marcello, não faça isso*.

Marcello encara e estranha Italo. Um segundo os separa. O silêncio que os envolve se rompe com um berro:

²⁰⁸ Monstro único, sem vergonha, sem honra, ladrão internacional, infame nato.

– Fascista! – grita Marcello contra Italo.
– Não, Marcello! – assusta-se Italo.
– Ele também é fascista. Bem aqui – Marcello aponta Italo.
– Marcello, Marcello... Por que está fazendo isso?
– Ele é fascista.
– Marcello, não. Não, Marcello, por favor – Marcello golpeia o braço de Italo que segue implorando – Marcello, não, não, Marcello!
– Italo Montanari! Fascista!

Ao longe, uma multidão revolucionária faz passeata em direção a onde estão. A multidão se aproxima rapidamente e os atravessa, passam como um mar sobre eles sem olhar em seus rostos. Ultrapassa-os como uma onda em vozes de libertação. Italo, na contramão do levante, fica paralisado, protege-se dos corpos que esbarram contra o seu.

A multidão passa, deixando o silêncio e o vazio. Italo já não está mais ali. Não resta mais ninguém.

Marcello sobe uma escada e se senta próximo a uma fogueira. Está de costas para um breu. Há uma espécie de portão feito uma cela para onde está de costas. Ali mora o rapaz que há pouco Marcello viu ser seduzido por Madame Butterfly. O rapaz está nu, deitado em uma cama no quase escuro. Marcello está de terno, ao lado de uma pequena fogueira. Ele vira o seu rosto avermelhado pelo fogo em direção ao rapaz e o observa.

...

A temporalidade do filme se inicia dispersa: a primeira cena é a de um momento que antecede o assassinato dos Quadri. Em seguida, o filme corta para a conversa de Italo com Marcello no estúdio de gravação e a história segue cronologicamente. Há uma outra temporalidade nesta cronologia: a do eterno retorno das sombras de Marcello. O jogo de luz e de sombras e a dinâmica de objetos desvelados estão presentes em todo o filme. A referência platônica é explícita. Termina com o reencontro de Marcello com o que o assombra, sua íntima anormalidade.

A tragédia de Marcello não se resume ao abuso sexual, mas a sua sina de querer ser normal. Ser um indivíduo normal para os outros leva-o a se tornar um paranóico contra as alteridades. Isso não acontece sem conflitos de forças.

Marcello se confunde quando se apaixona pela amizade de seu professor de filosofia e pela sensualidade de Anna Quadri. A alteridade do casal o faz desistir do assassinato. Seu

esforço para ser normal, e por isso fascista, é quase ultrapassado pela amorosidade que sente, pelas diferenças que tanto o desconcertam quanto o interessam. A alteridade sentida amorosamente sofre de uma abrupta resistência pela sombra de seu colega da polícia secreta.

Manganiello o ameaça verdadeiramente quando desconfia da verdade do seu ser: “não é o seu patriotismo, não é a sua honra que está traindo. É, na verdade, você”. Marcello busca a identidade do seu eu. Bastou esse alerta para que a sua hesitação cessasse. Amor negado pela vontade da identidade normal: não ser jamais um desertor de sua real natureza. A alteridade que quase o coloca em uma composição com a diferença de pessoas amadas, torna-se a sua maior resistência negativa: a natureza de ser um homem normal – um fascista – é a natureza da negação. Conforma-se com o seu trabalho e se paralisa na oportunidade de salvá-los do assassianto. É preciso, além de negar, pôr-se em passividade apática. Contra-composições.

Isso se apresenta ao longo do filme. Marcello está sempre meio sozinho, pois uma obscuridade o acompanha mesmo quando está com outras pessoas. Quando Italo diz que eles são amigos porque são farinha do mesmo saco, porque são diferentes dos outros, Marcello se silencia. Os pares de Italo estão trocados: não percebe que há algo inconciliável. Ou percebe e logo ignora: “Está aqui? Qual é o problema, não concorda? Eu sei que sim. Eu nunca me engano”.

Italo e Marcello são fascistas por razões diferentes. Italo vive e acredita na ideologia fascista e nazista. São os seus baluartes de luz por uma razão de crença: poderíamos dizer, acreditava cegamente. Não é o caso de Marcello: “alguns o fazem por medo, a maioria por dinheiro. Por acreditarem no fascismo, bem poucos. Mas você, não. Sinto que não é governado por nenhuma dessas razões”. Marcello já figura o niilismo pós-moderno: sua cegueira é outra. A imagem de um Hitler considerado louco, como a história que seu pai lhe havia contado, era hoje a normalidade. Hitler, sua imagem e suas ideias, é elogiado na rádio pública. Isso significa para Marcello que o ideal de normalidade não se segue de um código fundamentado, mas do reflexo de uma normalidade autorizada presentemente.

A sina da normalidade se reforça não sem os dispositivos de poder que produzem o desejo de ser normal. A igreja precisa de um sujeito pecaminoso: “você sempre viveu em pecado”. Ela precisa de um negativo para validar o ideal a ser exercitado (“normal significa matrimônio, ter uma esposa, uma família”), mas sem deixar de cultivar o negativo sobre a vida para que a sua razão de ser prevaleça através da absorção eterna dos pecadores. Confessar o pecado que cometerá amanhã... a expurgação de um pecado por outro repetindo-se o ciclo de condenação. Quando Marcello diz que pertence a um grupo que vai

atrás de todos os subversivos, o padre o absolve. Pois de certo modo, é o mesmo que o padre faz. São o fascista e o padre funcionários da razão normal – “pior uma sodomia ao assassinato”.

No escritório do Professor Quadri, Marcello experimenta o seu passado vivido na filosofia como possibilidade para um outro presente. O fascismo como sombra e a filosofia como a luz: “seria impossível ensinar filosofia em um país fascista”. E nesta luz está o sonho de Marcello: filosofia, amizade, razão e simpatia, sua saída da caverna: “você estava me levando para fazer uma cirurgia porque eu estava cego. E o professor Quadri foi quem operou. A cirurgia foi um sucesso e eu partiria em breve com a esposa do professor. E ela me amava”. Marcello sai mais de si: está verdadeiramente em relação, pois esta lhe produz interferências, mudanças de rota. A alteridade é vivida não como a subversão inimiga, uma negativa a ser eliminada, mas aquela seduzida por forças ativas no contato presente. Assim era o amor que sentia por Anna Quadri, totalmente diferente de seu casamento medíocre. Sua esposa não se importava com a trivialidade: era feliz assim, pois não a percebia dialeticamente. Marcello padecia da ambiguidade entre o anormal e o trivial e, mais radicalmente, diante da filosofia e do amor, entre o acaso do desejo afirmado e a ordem de negação do desejo.

Por que Marcello sonha que Manganello o leva até a sua cirurgia? Por sua servidão a um outro que o conduza. O acidental foi ter elegido o fascismo para se conduzir.

Já na última parte, a queda de Mussolini é anunciada também pela rádio. Com a mudança dos ventos políticos, a imagem platônica apresentada pelo professor Quadri se realiza: os baluartes de luz do fascismo tornaram-se sombras. Na noite derradeira do fascismo, Italo não percebe estar ao lado de um cartaz que prega os contrários daquilo que ele acredita. Os fascistas se tornaram o anormal inimigo, são eles que agora precisam se esconder. Motos arrastam a cabeça de uma estátua iluminando o caminho com os seus faróis.

Quando Marcello se reencontra com o homem que o abusou, a sua assombrosa tragicidade fica a meia luz. Madame Butterfly é a responsável por seu sentimento de anormalidade e, por isso, Marcello transfere a ela a responsabilidade de suas próprias crueldades. Expia um pecado por outro. Transfere a sua participação no assassinato do professor e Anna Quadri como mais um gesto de passividade.

A contingência não foi a causa de seu assombro, mas a reatividade de suas marcas. A negação de sua natureza trágica o impede de sair da dialética: luz e sombras, normal e anormal... Tudo ocorre em três atos: um passado obscuro, o desejo de um presente iluminado, um presente de futuro obscuro. Seu fim é de solitário escurecimento.

Preso na dialética, Marcello precisa seguir a nova tendência: abandona o seu amigo no escuro, acusa-o de fascista, nega ele mesmo de ter sido um, e segue o caminho, mas sem caminho algum. É especificamente aqui que Marcello confirma seu fascismo. Primeiro, ele se esforça para ser um fascista no plano da representação. Um emprego normal em uma sociedade militarizada significa a polícia secreta. Em seguida, Marcello demonstra tanto a covardia quanto a crueldade quando impassível diante da morte de seus amigos. O terceiro movimento que fecha o arco de seu espírito fascista ocorre após a queda de Mussolini. A vontade de normalidade que aí insiste é a confirmação de seu fascismo mais visceral: “um homem normal é um verdadeiro irmão, verdadeiro cidadão, verdadeiro patriota. Um verdadeiro fascista”. Marcello é *O conformista*, nome que dá título ao filme de Bernardo Bertolucci, de 1970²⁰⁹. Eternamente em busca da vontade de poder, segue as atuais tendências sem postura crítica. Clerici não se mostra diferente quando nega o fascismo de si: ele se mostra exatamente o mesmo ao perseguir a normalidade. Ele deseja o clichê. É isso que o faz tão perigoso e infeliz. A solidão resultante de seu exercício de negação obscurecida leva-o ao ato destrutivo de si. Incorpora a máquina paranóide. Torna-se uma engrenagem da grande máquina fascista sendo ele mesmo uma reprodução de seus esquemas. Seu isolamento final indica uma abolição: paixão pelo negativo ressentido; negação absoluta sobre a existência. Não é uma *madera de deriva*, mas um tronco preso entre as pedras. Decompõe-se pelo fluxo do tempo negado. Uma terceira margem paranóide: nem deriva ativamente, nem permanece o mesmo. Ilha de memórias reativas. Segue as tendências e permanece paradoxalmente em um mesmo lugar. Entre luzes ou sombras, verdades ou falsidades platônicas, Clerici adoece solitário.

“– Você sabe, Robinson, por que esta ilha se chama Juan Fernández? [...] Juan Fernández é o nome mais comum, mais vulgar da língua espanhola. Equivale exatamente ao John Smith em seu país, ao Jean Dupont na França, ao Hans Schmidt na Alemanha, ao João da Silva no Brasil. E por isso não soa como nome de indivíduo, mas de multidão, de um povo [...] Você tinha de voltar aqui comigo para descobrir que, entre milhões de homens e mulheres, estava tão solitário quanto no dia em que naufragou ao lado da ilha. E agora talvez suspeite de qual é o motivo dessa solidão

– [...] Foi como se de repente eu pensasse em coisas do tipo: como tu eras no dia em que salvei a tua vida, tu, um canibal, ignorante e nu, mas ao mesmo tempo tão jovem, tão novo, ainda sem as manchas da história, mais perto, muito mais perto do ar e dos astros do que eu e o restante dos homens.

²⁰⁹ Os diálogos desta seção foram extraídos do filme. Fiz uma montagem quanto a ordem dos acontecimentos. Cf.: Bertolucci (1970)

- *Não esqueça, Robinson, que comíamos uns aos outros.*
- [...] *O que vejo com clareza é que há muitas maneiras de sermos canibais*”²¹⁰

Devir é devir outro: o que fez Crusoé de Tournier que, na quebra da clepsidra, deixa de ser um governante²¹¹, ou no de Cortázar, no reconhecimento tardio de sua individualidade autocentrada que o impedia de experimentar a potência da impessoalidade, própria dos acontecimentos, e a ética antropofágica, da fome do outro para novas composições.

O clichê não impede o atravessamento das forças dos fluxos, mas o limita. Impede a possibilidade de surfar em suas ondas. Há sempre um risco de caixote ou afogamento. Não há criação de novos tempos sem afirmar a tragicidade à risca. Se filiar a uma nova moral recolhida nas granulações de identidades clichês é uma estratégia de negação do irreconhecível acaso. Essa é a sua relação com o fascismo, a absoluta tomada da vontade de poder, “que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora”²¹².

o clichê e o problema do modelo

*“Quando o homem inventou a roda
logo Deus inventou o freio
Um dia, o feio inventou a moda
e toda roda amou o feio*”²¹³

*Parece McGuevara’s o CheDonald’s
Parece McGuevara’s o CheDonald’s*”²¹⁴

Há uma motivação de julgamento na filosofia de Platão quando este sustenta o mundo das ideias. É o que demonstra Deleuze: “uma vontade de selecionar, de filtrar [...] distinguir a coisa mesma e suas imagens, o original e a cópia, o modelo e o simulacro”²¹⁵. Temos no mundo das idéias o inalcançável verdadeiro. Embora seja íntimo de nossas almas, quando elas vieram a esse mundo sensível incorporando-se na matéria, esqueceram-se das imutáveis

²¹⁰ Cortázar, 2005, p. 234 - 235.

²¹¹ Ver p. 70.

²¹² Foucault, 1977.

²¹³ Zeca Baleiro, 1999.

²¹⁴ Mc Guevara’s o Che Donald’s – Kevin Johansen (2000).

²¹⁵ Deleuze, 2003, p. 259.

verdades. No mundo sensível, este que vivemos, tudo é perene, devir, enganador. Somos em fluxos dionisíacos contrárias à boa vida. O objetivo da filosofia? Fazer com que nos recordemos das verdades, exercitar o ideal em nós para dele nos aproximarmos ao máximo: fazer das essências ideais o nosso objeto de pretensão. Platão faz com essa filosofia nada além que “distinguir os pretendentes, distinguir o puro e o impuro, o autêntico e o inautêntico”²¹⁶.

Temos o fundamento inalcançável que dá ao pretendente o seu jogo de participação para fazer de si uma cópia. Ser uma cópia é estar em segundo lugar em relação ao fundamento, o mais semelhante possível. Quem dele se difere é o simulacro, falso pretendente cuja essência é o desvio: “é nesse sentido que Platão divide em dois o domínio das imagens-ídolos: de um lado as *cópias-ícones*, de outro *os simulacros-fantasmas*”. E assim Platão instaura um sistema de julgamento por hierarquia que perdura nos tempos atuais, pois “trata-se de assegurar o triunfo das cópias sobre os simulacros, de recalcar os simulacros, de mantê-los encadeados no fundo, de impedi-los de subir à superfície e de se insinuar por toda parte”.²¹⁷ Segue-se que a vida em busca das essências, da verdade portanto, está em busca dos modelos: “o pretendente não é conforme aos objetos senão na medida em que se modela (interiormente e espiritualmente sobre a ideia)”²¹⁸. O que seria isso senão a base dos clichês? A estética moralista se monta por imagens de cópias-ícones que seduzem os olhos e ofuscam a essência desviante dos simulacros. Temos a peculiaridade de não sermos governados por um só ideal. São mundos, cada qual com plurais idealidades, que disputam entre si o direito sobre o fundamento. Se assim o fazem, é porque só assim validam os seus poderes exibindo os bons pretendentes que são.

Não faltam discursos que apelam para a busca da essência interior, do ser verdadeiramente brasileiro, ou de quem somos em nome de uma história. Por mais libertário que possa parecer, há tão somente um jogo de hierarquia, sistematização excludente justificada por uma moral – “numa moral, tratamos sempre de realizar a essência. Isto implica que a essência está num estado no qual não está necessariamente realizada”²¹⁹ – cuja realização só se daria através das palavras de ordem sobre as boas cópias. São as cópias forças de cooptação do poder; forças de sujeição. Se a esquerda nada tem a ver com práticas moralistas, nenhum desses discursos poderiam ser de esquerda.

²¹⁶ Deleuze, 2003. 260.

²¹⁷ Ibid., 262.

²¹⁸ Ibid.

²¹⁹ Deleuze, 2019, p. 134.

Se Deus está morto, como constatou Nietzsche marcando com isso o tempo moderno, não significa que não se multiplicam os santos. Exercitamos ser imagem e semelhança de outra versão de nós mesmos, humanos impossíveis das ilhas algorítmicas. A preocupação sobre as IAs das big techs deveria ser menos sobre a possibilidade delas se igualarem aos humanos e mais sobre os humanos se igualarem a elas. Ou seja, se faremos do modo de produção de imagens e sentidos das IAs gerenciadas por Big Techs o nosso modelo de reprodução.

o simulacro e a potência do falso clichê

“Muitas vezes o que me salvou foi improvisar um ato gratuito. Ato gratuito, se tem causas, são desconhecidas. E se tem consequências, são imprevisíveis.

O ato gratuito é o oposto da luta pela vida e na vida. Ele é o oposto da nossa corrida pelo dinheiro, pelo trabalho, pelo amor, pelos prazeres, enfim – que esta é toda paga, isto é, tem o seu preço

[...]

Um ato que manifestasse fora de mim o que eu secretamente era”²²⁰

“Não há lugares pequenos. O que há é lugares que não conhecemos bem. Dentro dos mundos minúsculos prosperam mundos enormes. Pouco a pouco, enquanto nos aprofundamos neles, vamos compreendendo que são infinitos. As grandes cidades não são mais vastas — apenas mais fragmentadas.

Assim, viver na Ilha de Moçambique não é muito diferente de viver em qualquer outro lugar. A dimensão de um espaço não se mede pelo número de seus habitantes, mas pela profundidade das vidas que nele se desenvolvem.

A Ilha de Moçambique é tão grande que nem sequer presta atenção a Donald Trump”²²¹

Qual o avesso do pretendente? O lado oposto das cópias? Os simulacros tem por essência a dessemelhança: seu avesso é mesmo o que os constitui. O desequilíbrio e a subversão da Ideia Ihe são naturais. Não é uma imagem de ironia à cópia ou o esforço para ser a imagem que causa estranheza, a negação do padrão: fazer isso é estar ainda muito dependente da ideia-modelo. Quando há o esforço para atacar um modelo há o sintoma do poder do modelo sobre a existência: querer ainda ser reconhecida, ainda que sendo diferente

²²⁰ Lispector, 2010, p. 147-148.

²²¹ Agualusa, 2025b.

– pois quer, diferentemente, ser um novo modelo. É o mesmo que desejar ser a cópia cuja verdade os outros ainda não descobriram. O desejo do desejo de reconhecimento do outro permanece quando a imagem, por mais inédita que seja, é segunda, dada que é determinada primeiramente pela cópia do “ser diferente”, uma diferença representada. Disputar o sentido do modelo demasiadamente governada pela ideia de que só se existe a partir de algum modelo: nada disso tem a ver com o simulacro.

É o que distingue a diferença do diferentão: agregar diferentes identidades e fazer de si mesmo uma identidade que depende do outro como espectador de vitrine, ou atualizando para os termos atuais, espectador de uma nova trend, é o desejo do modo diferentão de ser. A diferença enquanto conceito está para o simulacro: são signos de imagens sem semelhança, “um ícone infinitamente degradado, uma semelhança infinitamente afrouxada”, que nos levam aos encantos e devires, “ele interioriza uma dissimilitude”²²². A distinção não é banal, pois implica regimes de sentidos radicalmente distintos. No diferentão, “só o que se parece difere”, e na diferença “somente as diferenças se parecem”²²³.

“Trata-se de duas leituras do mundo, na medida em que uma nos convida a pensar a diferença a partir de uma similitude ou de uma identidade preliminar, enquanto a outra nos convida ao contrário a pensar a similitude e mesmo a identidade como produto de uma disparidade de fundo. A primeira define exatamente o mundo das cópias ou das representações; coloca o mundo como ícone. A segunda, contra a primeira, define o mundo dos simulacros”²²⁴.

Não havendo o outro do reconhecimento, observador vigilante, o simulacro é a afirmação do perspectivismo. Não há um regulador de referência sobre o sentido: o sentido em sua singularidade é ele mesmo o produtor de realidade, fazendo contrassensos aos discursos sobre a realidade ou o mundo, quando estes são admitidos como produtos heterogêneos de perspectivas. Sendo a perspectiva ela mesma produtora de simulacros, ela “inclui em si o ponto de vista diferencial; o observador faz parte do próprio simulacro, que se transforma e se deforma com o seu ponto de vista”. Disso se constitui o devir imperceptível: aquilo que escapa às observações fundamentadas na identidade e na representação. Consistir o contra-clichê não é outra coisa senão devir-imperceptível afirmando o duplo da diferença na percepção: perceber o simulacro fazendo da percepção um simulacro.

²²² Deleuze, 2003, p. 263

²²³ Ibid.

²²⁴ Ibid., p. 267.

Do ponto de vista da cópia o simulacro é falsário, “mal pretendente”. Do ponto de vista do simulacro sua essência é potência de novas combinações: potência em ato, o que pode o sentido. Daí a potência do falso: afirma-se a sua potência na medida em que se apropria da ressonância de séries heterogêneas de signos irreconhecíveis para o modelo. O modelo diz: “isto é tipo *isso*” e “*isso* não é *aquilo*”. A potência do falso responde: *há coisa outra...*

A estratégia do falsário é ser mestre dos disfarces. Fantasia-se de modelo para incluir nele todo o inesperado de eventos. Potência do falso clichê ou contra-clichê. O uso de máscaras como se fossem rostos, mas sem rosto algum por debaixo, senão modificações de máscaras moventes que são alguéns e são impessoais.

Quando não há fundamento para dele ser semelhança, o sistema hierárquico rui. As séries de signos que se seguiam em uma delimitação de sentido determinada pelo fundamento se dispersam e deixam de ser equivalentes. Não há sobrecodificação ou axiomática que os ponha em equiparação. Enquanto simulacro, os signos não se equivalem. Suas relações se positivam: modificam-se uns aos outros, singularizando os sentidos de suas combinações e o próprio sistema de produção de mundo. Faz-se uma outra ecologia a cada instante. Se há um comum entre os signos do simulacro é o comum da transversalidade: relacionam-se em sua diferença, através de uma “ressonância interna; [que] induz um movimento forçado, que transborda as próprias séries”²²⁵; “encerra uma potência positiva que nega tanto o original quanto a cópia, tanto o modelo quanto a reprodução”²²⁶. Se parecem porque são diferenças sem semelhança: saímos do domínio da representação, a travessia da existência moral-clichê para a existência ética-estética.

²²⁵ Ibid., p. 267.

²²⁶ Ibid., p. 263.

O fim do mundo, o último dos clichês

“Ê calmaria

Melancolia que devora

Tempo espicha

O segundo vira hora

Ê calmaria

Traz a mágoa e vai-se embora

Quem quer singrar os mares

Sem passar por tempestades

É melhor fincar na areia

O barco, a vela, a vontade

Quem teme a escuridão

Nem cresce ver o brilho

Passeando no arco da amplidão

Ê calmaria

Vento vem e leva embora”²²⁷

Falamos muito sobre ele. O fim do mundo. Ao mesmo tempo, ignoramo-lo consideravelmente. Há uma dose de negacionismo em nossos modos de existência, menor do que dos conspiracionistas, maior do que gostaríamos. Percebemos que há um modo de vida que nos padece e o desejamos.

Do futuro é esperado o fim. Não há futuro tão efervescente, como nas gerações anteriores: a crença no comunismo, na vida libertária, no progresso, na casa própria, na família, na estabilidade financeira, na igualdade etc. O capitalismo fez pensar que o passado era sempre pior e nos fez chegar ao ponto de ver o futuro como pior ainda. Efervescente crença na descrença. Destruição, colapso, horror inimaginável. Fabulam os filmes, as séries e os romances: o futuro é dark, frio, muito quente, sem floresta e sem festa. As pesquisas corrigem as previsões: a velocidade das mudanças climáticas está sendo maior do que se esperava. O ritmo da destruição planetária piorou. Estamos ficando sem tempo: que tempo perdemos? Além do cronológico, perdemos o tempo dos intervalos. O tempo é objeto de dominação. *Não há tempo.*

²²⁷ Velloso, 2010.

São dois sentidos do fim. O primeiro, vem das evidências sobre as crises ambientais e sociais. Elas se inscrevem em diferentes ocorrências: aquecimento global, derretimento das geleiras, desmatamento das florestas, extinção de espécies de plantas e animais, genocídios, guerras entre Estados, iminência de mais guerra. O segundo, a impossibilidade de criar mundos enquanto novos modos de existência. Os dois sentidos são indissociáveis. O viral sentimento fatalista de que andamos sob terra arrasada, terra árida em que nada cresce, é porque seu deserto é real. Devemos decretar um fim.

Fisher faz uma triste ironia ao denominar o atual estado de coisas de realismo capitalista²²⁸. Trata-se de uma crítica àquele discurso que dita a inevitabilidade da atual ordem do mundo porque não haveria realidade alternativa senão seguirmos o fluxo da exploração, do consumo, do individualismo e da impossibilidade de fundar outras temporalidades. Estado de vida impotente para imaginar e experimentar outro corpo social:

“o realismo capitalista não é, portanto, um tipo particular de realismo; é o realismo em si [...] O capitalismo é o que sobra quando as crenças colapsam ao nível da elaboração ritual e simbólica, e tudo o que resta é o consumidor-espectador, cambaleando trôpego entre ruínas e relíquias²²⁹.”

O realismo capitalista se sustenta porque garante ter substituído as religiões e outras crenças que nos impedem de perceber “a realidade das coisas”. Infantiliza toda realidade distinta das demandas do capital. Nisso confere o seu poder de quase-causa: todo encantamento parece ser o dele. Enfeitiça a percepção: dizemos *o* mundo e só conseguimos imaginar “o que é”. Invisibiliza-se a multiplicidade mesma das existências, do que nem sabíamos vivo.

Admitir o fim do mundo como o único fim que nos resta é uma reafirmação do realismo capitalista, o seu último clichê. Diz-se que não há fora, nem fim. Diz-se que seu fim é *o* fim. Só o vivemos como realismo porque o seu regime de sentido é tomado como dado ontológico sem determinação política. O realismo dá o tom do estado de enfeitiçamento do clichê sobre a produção da potência do sentido. Ele é um modo de sentir, pensar, agir, imaginar. Há outros. É melhor declarar o fim: afirmá-lo. Fim da reprodução do realismo seco, arrogante e enfeitiçador. Fim sendo a vitória do contrafeitiço da afirmação dos realismos encantados, construtivistas, das noções comuns e do devir. Triunfo da realidade do devir no

²²⁸ Fisher, 2020.

²²⁹ “ (...) essa guinada da crença para a estética, do engajamento para o voyeurismo, é tida como uma das virtudes do realismo capitalista” (Ibid. p. 13).

tecimento das existências caosmóticas. Fim que nos coloca no fora, na saída da ilha tenebrosa ocupada pela grande máquina capitalista de clichês: foram momentos difíceis os de cartografá-la, os mais pesarosos... Saímos sem antes ter posto uma bomba com *outras pólvoras – dessas que explodem tão manso dentro de nós que se revelam apenas por um imperceptível pestanejar do pensamento.*

Dentro de nosso barco nas margens, ao lado de onde o rio desemboca no mar. Por ali fizemos a trilha de nosso escape. Ninguém desconfia. Afastamo-nos da ilha. Estamos em alto mar. Sentimos que alguém nos olha. Mas não há ninguém. O dia está bonito, dia de sol, quase não há nuvens. Parece que mais afastados da ilha sentimos mais a sua tristeza. Sua falta de sentido. Olhamo-nos e consentimos. Disparamos o dispositivo de explosão. Espera... Nada acontece. Tentamos mais uma. Duas, três, várias vezes. Um quase desespero, um pré desespero. Silêncio. Abaixo de nós um vulto. Um enorme animal marinho se aproxima, passa poderoso por debaixo de nosso barco, lentamente. É de encantar. De dar medo. Imenso. Grandiosidade tranquila que, ainda assim, lembra-nos de nossa impotência. Parece ter vindo de outro tempo. Os primeiros animais foram os marinhos. Vemos seu corpo surgindo da parte de frente do barco. Ele emite um som. Coisa que vibra o nosso peito. Sentimos um aperto, uma contração forte. Uma dúvida sobre tudo. Pareciam vozes, cânticos, chiados. Choramos, sem razão... Choro de tempos longínquos soltam-se na garganta. Dentre o choro, o mar e o som vibrante, escuto vozes cantando, uma multidão de gente. Crianças, senhoras, roda enorme de gente envolta de nós. Não os vemos, mas percebemos. É incerto. Povo de todas as idades, animais, seres inacreditáveis. Comparecem com suas vibrações a reunião de seres. Não só cantavam como batiam os pés sobre a terra. Riem, divertem-se, levam à sério. Soam tons inexplicáveis. Fecho os olhos. Parece mais tranquilo. Não sei se me aterrorizo ou me alegre. São sentimentos desconhecidos. Vejo um pouco de todos no escuro. As palmas, vozes e risos retornam. O corpo vibra na mesma intensidade das marcações dos cânticos e já não sei se os escuto ou se os sinto pelas vibrações no corpo. Com os olhos fechados vejo a enorme baleia nadando por detrás dos seres que me rodeiam. Um som inaudível toma o espaço, agudo e potente como o canto da baleia, abafa e silencia os cânticos. As vozes se dispersam, ouço risos de crianças correndo, se afastando. A baleia emite seu som de despedida e mergulha no escuro da minha alma. Transição do agudo que treme as superfícies para o grave que faz tremer o barco. Sinto-a descendo pela minha garganta. Lágrimas caem em meu rosto. Engasgo-me, perco a voz. Nada se escuta após a minha tosse. Perco ar. Desespero-me como presa em uma paralisia do sono, afogo-me como quem toma um caldo no mar. E como um

asmático sem crise após utilizar a sua bombinha, minha traquéia se abriu como nunca, um jorro de ar se expande em meu peito. Sinto o ar do mar nos pulmões, mistura de dor e prazer. Como se fosse o sol desvirginando a madrugada. De repente, uma paz. Tenho no rosto o frescor das lágrimas se secando com a brisa do além-mar. O barco balança. Volto a escutar o som das águas. Assusto-me, lembro-me de estar ali no barco e abro os olhos. Não há baleia, não há ninguém. Apenas uma luz forte, mas não desconfortável, invadindo a vista. Ela ocupa tudo e se concentra em um ponto. É a ilha. Ruídos agudos aumentam de volume lentamente e se afinam até se tornarem imperceptíveis. Uma explosão enorme e silenciosa em toda a ilha. Ouço o meu espanto de voz seca. Lembro-me de ter voz e uma boca. A água do mar reverbera a explosão. Barreira de vento atravessa o corpo junto ao estrondo violento. O barco se inclina, seguro-me nele. Um ponto preto sobe rapidamente da ilha em direção aos céus, uma enorme engrenagem, maior que outras ilhas ao redor. Fura as nuvens negras que se concentram sobre a ilha e some, deixando um rastro de raios de sol que iluminam sua concentração de luz explosiva. A engrenagem retorna surpreendentemente em velocidade absurda seguindo os raios de sol que ela abriu passagem no furar das nuvens. Violentemente desaba sobre a ilha como um meteoro apocalíptico. Um terremoto, uma angústia fodida. As ondas crescem desde lá. Sons de ferros correm soltos da ilha até aqui. Lembranças sonoras das porradas de metais atravessando uns aos outros. Caos sonoro. Pólvoras de mil fogos de artifício explodem no centro da ilha fazendo de seu fim um ano novo. Chegam os abafados estouros de ferro, quedas e tremores. Um horror, uma beleza. Alegria e medo: aproximam-se as ondas. Medo de ter feito merda. O que foi que eu fiz? Onde estão as pessoas que me acompanhavam? Sequer me lembro de quem eram. Talvez nunca tenham existido. A alteração do mar passa a ficar violenta. O fogo da ilha se alastra rapidamente em uma explosão circular. Voam pequenos meteoros de materiais efervescentes da grande máquina na ilha instalada. Engrenagens pelo ar, silícios em fumo sugados pelas nuvens para fora do espaço. Muitas cores nas fumaças, sons de desmontes estalam como a fogueira de São João. Não há vozes ou lamentos. Sempre foi uma ilha fantasma, deserta, mas agitada e operante. O tempo começa a fechar no mais rápido instante. Céu cinza escuro. Gotas de chuva caem, aumentam, e fazem tempestade. Virada de tempo sinistra. O mar agitado faz montanhas de ondas que não quebram. Volto o olhar para a ilha. Ela sumiu. E seu tsunami se dispersou em milhares de ondas desordenadas. A chuva engrandece, pedras de granizo, as ondas batem entre si, conflito generalizado da natureza. Tudo vira crueldade. Engolem a paisagem, felizes em sua unidade aterrorizante. Há um rochedo do outro lado: para lá estou sendo levada. Pontas de pedra furam a concavidade das ondas. Temo que fure o casco ou que todo o barco

se quebre no encontro com o rochedo. O mar nos engole: eu e o barco. Desaparecem as pedras. Desaparece a luz. A chuva, o mar e os graves trovões entoam o mal humorado despertar dos deuses esquecidos. Os relâmpagos fazem flashes de um mar avermelhado. Meu corpo se esforça para se manter na superfície, levado pelos arrastões das correntes. Entre as nuvens, um respiro de céu, um sol aluarado e azul. Furacões, redemoinhos, erupções, gelo, lava, nada se distingue, tudo é ao mesmo tempo. Vejo o barco à deriva a poucos metros de distância. Ele sobe para perto do céu na subida de outra onda tsunami. Ela se aproxima e sou levada para o alto. Antes de descermos desvairados, o céu desce. Ambos se fundam. Tudo se apaga, a morte e a vida.

Acordo em um dia de sol na areia.

Imanência: uma ilha...

*“Não sei quantas almas tenho
Cada momento mudei
Continuo a mesma estranha
Nunca me vi nem olhei
De tanto ser, só tenho alma
Às vezes sou o Deus que trago em mim
E então sou o Deus e o crente e a prece
E a imagem de marfim em que esse Deus se esquece
Às vezes não sou mais que um ateu*

*O mundo rui ao meu redor
Os meus sentidos oscilam, bandeira rota ao vento
Buscam um porto longe, uma nau desconhecida*

E esse é o sentido de toda a minha vida”²³⁰

A ilha deserta é desertada. Quando vemos ao longe a ilha inabitada e vemo-la inóspita, é porque a fazemos inóspita com a nossa distância:

“As Kerguelen estando situadas fora de toda linha de navegação... É com extrema prudência que os navios se aproximam deste arquipélago que se compõe de aproximadamente trezentas ilhas e cujas costas, frequentemente enevoadas, são orlas de perigosos recifes... O interior da região é completamente deserto e a vida aí falta totalmente”²³¹.

A ilha é a expressão de uma fissura íntima entre dois termos que se distinguem, mas que não se separam. A terra é cercada pelo mar, banhada por ele; o mar interrompido pela terra, a possibilidade das praias – “uma nos fazem lembrar que o mar está sobre a terra, aproveitando-se do menor decaimento das estruturas mais elevadas; as outras lembram-nos que a terra está ainda aí, sob o mar, e congrega suas forças para romper a superfície”²³². O naufrago é o ponto paradoxal que exprime as duas naturezas. Engolido pelo conflito das

²³⁰ Pessoa, 1993.

²³¹ Grenier, 2009, p. 107

²³² Deleuze, 2006, p. 11.

ondas, devolvido à terra da ilha por correntes maneiras. Carrega no corpo o duplo de ser terra e água.

Quando o navio passa longe da ilha e seus tripulantes consideram-na deserta, estão eles corretos e equivocados. Desde seu navio afastado, mantém-se a desertidade da ilha. Desta distância não os tripulantes não podem afirmar a sua desertidade se eles mesmos não forem em sua direção: quando eles se desertificarem, poderão dizer que sim, a ilha é deserta, pois fizeram-se desertos separando-se do mundo continental. Criam-se independente dele.

Há dois tipos de ilhas: as continentais e as oceânicas. As primeiras são derivadas, nascem do rompimento da terra fissurada e para o mar derivam. As segundas nascem vindo de baixo, são originárias, por erupções vulcânicas, constituições de corais²³³. Ambos os tipos possuem os dois sentidos em si. Toda ilha comporta uma deriva e uma origem. Ao habitarmos uma ilha, derivamos ao originário:

“o impulso da pessoa que a conduz em direção às ilhas, retoma o duplo movimento que produz as ilhas em si mesmas [...] Havia ilhas derivadas, mas a ilha é também aquilo em direção ao que se deriva; e havia ilhas originárias, mas *a ilha é também a origem*, a origem radical e absoluta”²³⁴.

Ali no distante deserto cuja aparência é sem vida está a potência de uma vida outra. O naufrago reinicia uma vida. No fim do mundo habita a gênese das coisas: há sempre um mistério...

“a ilha é o que o mar circunda e aquilo em torno do que se dão voltas, é como um ovo. Ovo do mar, ela é arredondada. Tudo se passa como se ela tivesse posto em torno de si o seu deserto, fora dela. O que está deserto é o oceano que a circunda inteiramente [...] Mais do que se um deserto, ela é desertada”²³⁵.

O erro da tripulação é querer ocupá-la. Não existe essa possibilidade. Seria o fim de sua desertidade: o “Adeus, Robinson” de Julio Cortázar²³⁶. São as imagens da hotelaria que dificultam a percepção da hospitalidade do desvio desértico. O fim do mistério que demanda exercício maior para extrair o mistério do fim e a condição do reinício:

²³³ Ibid.

²³⁴ Ibid., p.18: substitui “homem” por “pessoa”.

²³⁵ Ibid., p. 20.

²³⁶ Cortázar, 2005.

“Há de se impelir na imaginação o movimento que conduz o homem à ilha. É só em aparência que um tal movimento vem romper o deserto da ilha; na verdade, ele retoma e prolonga o impulso que a produzia como ilha deserta; longe de comprometê-la, esse movimento leva-a à sua perfeição, ao seu apogeu”²³⁷

Dizem nos continentes que não há mais vagalumes. Nenhuma notícia de vida dos pirilampos desde o ofuscante poder das luzes das cidades. Há notícias de que as mariposas se suicidam nos postes como antes faziam os vagalumes. E que as tartarugas recém nascidas tem se perdido do mar, porque não distinguem a lua que orientavam a direção de seu primeiro mergulho. As estrelas apagadas se substituem pelas luzes dos prédios comerciais que em um e outro andar alguém resiste a dormir e faz do escritório a estrela da madrugada. Houve um boato de aparecimento de vagalumes nos quartos à noite, mas foi uma ilusão de ótica. Não era outra coisa senão o brilho dos ecrãs dos celulares refletidos nos olhos cansados. A última vez que realmente presenciaram a aparição dos vagalumes foi em um comício que reuniu acadêmicos e políticos. O tema era, pois, esse mesmo: a sobrevivência dos vagalumes. As luzes e as conversas estavam baixas durante a concentração. Ao redor, nas matas que circundam o pátio, o fulgor verde e amarelo surgia vez ou outra para a alegria dos reunidos que, maravilhados, sentiam o encanto ao redor. Eis que já no meio das apresentações das pautas, um eminente orador subiu no palanque. Acenderam o holofote fazendo brilhar a sua testa. Entoou no microfone sua verve discursiva: *precisamos falar sobre a extinção dos vagalumes! Seu apagamento é intolerável! É preciso formular melhor o que está acontecendo!*

Chorava nas margens quem percebia que o holofote que iluminava o palco queimava os vagalumes restantes daquele ainda raro espaço. Queimavam seus pequenos corpos atraídos pela luz branca e forte, direta e crua virada para o corpo do homem que, sob aquele ângulo do palanque, parecia um monumento da verdade. As vozes cresciam aos aplausos e o último dos assassinatos foi imperceptível pela maioria. Após o evento, alguns poucos se perguntaram: você sentiu um cheiro de queimado naquele momento?

...

À noitinha, quando não há coragem para passear de barco mar adentro, muito menos para visitar a ilha, pois o medo maior é do que poderia haver em sua desertidade, pontos de

²³⁷ Deleuze, 2006, p. 18.

luz cruzam os bosques ao som dos riachinhos. Uma série deles surgem e desaparecem. Verdes e amarelos. Do continente, alguns já ouviram essa notícia. Dizem que são miragens, esperanças vazias. A verdade é que são simulacros: que não se mostram para qualquer um a qualquer momento.

Os pirilampos subsistem, visíveis aos interessados em sua essência desinteressada²³⁸. Expressam a subsistência da ecologia no interior da ilha. Podem ver a ilha deserta habitada de vida quem na deambulação por acaso nela se encontra. E não se chega sozinho, é claro: barqueiros, pescadores, outros estrangeiros, seres invisíveis guiam as intuições nos fazem fazer a viagem.

da ilha ao arquipélago

*“Era como se naquele imenso mar se desenrolassem os fios da história, romances antigos onde nossos sangues se haviam misturado. Eis a razão por que demorávamos na adoração do mar: estavam ali nossos comuns antepassados, flutuando sem fronteiras”*²³⁹

Só quem vê no fim a gênese do recomeço redescobre que o sentido se inicia sempre que perdido ou capturado. O sentido nunca se fecha: não há todo nem falta. Ele expressa a ontologia do devir, o eterno retorno de uma quase causa criadora. O eterno retorno não é senão o do sentido em seu devir. Não fecha nem se esgota, porque no início já está marcada a sua tragédia. A catástrofe é o seu destino. Por isso a ilha é o lugar dos mitos: após o fim do mundo, os sobreviventes encontram uma ilha, a unidade mínima de existência. Nela está o ovo cósmico, o corpo de recomeços:

“Trata-se de reencontrar a vida mitológica da ilha deserta [...] retornar ao movimento da imaginação que faz da ilha deserta um modelo, um protótipo da alma coletiva. Primeiramente, é verdade que não se opera a própria criação a partir da ilha deserta, mas a re-criação, não o começo, mas o re-começo. Ela é a origem, mas a origem segunda. A partir dela tudo

²³⁸ As cartas do jovem Pier Pasolini e a leitura de Georges Didi-Huberman sobre elas denunciam o fascismo de Mussolini e, principalmente, do fascismo pós-guerra, aquele que não foi vencido e que triunfa nas sociedades modernas. Pasolini usa a imagem dos vaga-lumes como pequenas luzes de alegria, de inocência e de paixão em contraste com o poder: “o essencial na comparação estabelecida entre os lampejos do desejo animal e as gargalhadas ou os gritos da amizade humana reside nessa alegria inocente e poderosa que aparece como uma alternativa aos tempos muito sombrios ou muito iluminados do fascismo triunfante”, “em que cada um acaba se exibindo como se fosse uma mercadoria em sua vitrine, uma forma justamente *de não aparecer*. Uma forma de trocar a dignidade civil por um espetáculo indefinidamente comercializável” (Didi-Huberman, 2011, p. 20; 38).

²³⁹ Couto, 2016, p. 25.

recomeça. A ilha é o mínimo necessário para esse recomeço, o material sobrevivente da primeira origem, o núcleo ou o ovo irradiante que deve bastar para re-produzir tudo”.²⁴⁰

Do esgotamento um riacho se escuta, vagalumes confirmam o caminho. A ilha é o deserto pela qual se deslizam os encantos, se conectam as noções comuns.

*“Percebe-se claramente que, nesse caso, se trata de empreender a geografia de um certo deserto. Mas esse deserto singular não é sensível senão àqueles capazes de nele viverem, sem jamais eludir a sede. É então, e somente então, que ele se povoa das águas vivas da felicidade”*²⁴¹

A ilha não é um círculo, certamente não é uma linha reta, mas um ovo espiralar, o ovo do tubarão chifre. Todo ponto reabre o sentido e todo início é já um reinício porque expressa a coexistência dos mais variados signos que modificam as suas relações toda vez que entramos em um novo lugar da ilha. Toda ilha se modifica, os signos se reformulam, uma outra potência os define. O ovo é o presente coexistindo passado e futuro, um reinício que traz o passado à sua imprevisibilidade. O acontecimento que já passou e ainda vai chegar.

A chegada na ilha é um radical reinício, mas a cada tempo que se inicia nela há também uma tragédia em um sentido além do bem e do mal: aquilo de acaso que determinará o destino da ilha e seus signos: “somente há um segundo nascimento porque houve uma catástrofe e, inversamente, há catástrofe após a origem porque deve haver, desde a origem, um segundo nascimento”²⁴². Vamos começar, colocando um ponto final: vamos recomeçar.

A ilha é um estágio da ecologia do recomeço. É o início que traz o naufrago do fim. E o fim do naufrago é o início da nova vida da ilha, na ilha. Ela não termina em si: possui em si a transição para o devir-arquipélago do mundo. Robinson Crusoé descobre pegadas na praia deserta, espectros da alteridade. Redescobre a possibilidade de vida nas ilhas vizinhas. Seu mundo se expande com a quebra da clepsidra, o fim do império de cronos, como também se expande quando Robinson se transfigura em devir selvagem quando conhece o Sexta-feira. Assim se passam outras transformações ontológicas vividas *nele* – a ilha e Robinson se transmutam em igual medida²⁴³. A tragicidade de sua vida passa por uma solidão cruel. Na

²⁴⁰ Deleuze, 2006, p. 21

²⁴¹ Camus, (s.d.), p. 49.

²⁴² Deleuze, 2006, p. 21.

²⁴³ Nesse caso, nos referimos à releitura de Tournier, não de Defoe, pois este reforça o sujeito do Estado e do capitalismo colonizador na figura de Crusoé. Nas palavras de Deleuze sobre o Robinson de Defoe, “é difícil imaginar um romance tão aborrecido, e é uma tristeza ver ainda crianças lendo-o. A visão de mundo de Robinson reside exclusivamente na propriedade e jamais se viu proprietário tão moralizante. A recriação da vida

crueldade própria da imanência, quando se pode ser digno de afirmá-la, sente-se a maneirosa corrente da beatitude. Companhias inimagináveis passam a fazer vida, outros tipos de expansão. Robinson erotiza-se com a terra. Suas expansões não o são comparativamente com a realidade anterior, pois tais mudanças não admitem comparação: nem com o precedente, nem com o que virá. Os devires de Robinson são a expansão de ecologias outras, sequência de modificações singulares do viver. A lição é de que “tudo se repita, uma vez encerrado o ciclo de combinações possíveis”²⁴⁴. Ao invés de um diário linear, que após o encerramento de um estado de vida marca o recomeço na página seguinte como um segundo capítulo, a repetição do começo é o reaparecimento de todas as páginas, ou ainda, da própria linguagem²⁴⁵. A história se modifica: o que já veio e o que virá. Tempos outros precedidos de outros tempos: a singularidade reinaugura o já conhecido fazendo-o outro.

Duas possibilidades de experiência se distinguem com a ideia da ilha. A primeira, de se ver sozinho de alguém, distante dos lugares, desamparado na ausência de objetos. Assim se sente quando o deserto termina em si mesmo. A deriva é interrompida: para-se na metade assim que se chega na ilha. *Afunda-se em seu deserto*, atola-se nas lamas inebriantes. O perigo de se descontinuar do devir-deriva que direcionava a história até então. Apartado dos continentes, a solidão é o que fica quando não se encontra senão as relações de um sentido morto. Perde-se o senso conjunto, sofre-se de desintegração de uma ecologia outrora consentida. É um caos e um deserto: afunda-se nas lamas da ilha.

A segunda possibilidade é a da experiência da solidão na ilha como um ponto e vírgula; passagem duradoura. Ponto e vírgula é um fim que apresenta de imediato a continuidade. É principalmente o inverso: a continuidade que impede o fim, fazendo-se parcialmente *um* fim. Assim é o intervalo. Em seu seio, a solidão comporta o sentido da companhia dos mundos menores: *funda-se relações* entre ilhas. Aí se toca o silêncio:

“a primeira coisa que existiu, um silêncio que ninguém ouviu, astro pelo céu em movimento, e o som do gelo derretendo, o barulho do cabelo em crescimento, e a música do vento, e a

burguesa a partir de um capital. Tudo é tirado do barco, nada é inventado, tudo é penosamente aplicado na ilha [...] Todo leitor sadio sonharia vê-lo [Sexta-feira] finalmente comer Robinson. Esse romance representa a melhor ilustração da tese que afirma o liame entre o capitalismo e o protestantismo. Robinson Crusoe desenvolve a falência e a morte da mitologia no puritanismo” (Deleuze, 2006, p. 20-21).

²⁴⁴ Deleuze, 2006, p.22.

²⁴⁵ “Não basta que tudo comece, é preciso que tudo se repita, uma vez que encerrado o ciclo das combinações possíveis. O segundo momento não é aquele que sucede o primeiro, mas é o reaparecimento do primeiro quando se encerrou o ciclo de outros momentos. A segunda origem, portanto, é mais essencial que a primeira, porque ela nos dá a lei da série, a lei da repetição, da qual a primeira origem apenas nos dava os momentos” (Deleuze, 2006, p. 22)

matéria em decomposição, a barriga digerindo o pão, explosão de semente sob o chão, diamante nascendo do carvão”²⁴⁶.

Habitar o intervalo, ativar a disponibilidade para os vagalumes, as luzes-fulgor das pequenas explosões do erotismo com a gênese do sentido. Devir-vagalume: criar lampejos de encantamento, erotismo criador e desviante; devir-morcego: experimentar formas de cartografar no silêncio e no escuro como os morcegos que, no escuro necessário, se localizam a partir dos mínimos sons emitidos pelo focinho. O eco reproduz o som fazendo reverberação que permite os morcegos a cartografar o espaço em movimento. Para que o mínimo som seja sentido e seu mapa em movimento se trace no vôo, um silêncio é necessário, assim como os breus permitem a duração da incandescente potência do corpo – “a noite nos faz crer (dada a pouca luz) que o tempo é um troço auditivo”²⁴⁷.

A ilha é deserta e desertificada sob o ponto de vista do regime de sentidos que estamos habituados, assim como o silêncio possui a sonoridade daquilo que não ouvíamos no costume dos sentidos: os sons menores arquitetam o silêncio. A solidão é do ponto de vista da ilusão de continente.

Novas comunicações são possíveis porque tornamo-nos outros, imperceptíveis segundo o ponto de vista do sentido colonizado pelo controle capitalista. O deserto é uma contra-demanda sobre a era barulhenta das comunicações intermináveis. Resposta contra-clichê ao desperdício de expressões: elas não se findam, mas sobram e desgastam:

“estamos trespassados de palavras inúteis, de uma quantidade demente de falas e imagens. A besteira nunca é muda nem cega. De modo que o problema não é mais fazer com que as pessoas se expressem, mas arranjar-lhes vacúolos de solidão e de silêncio a partir dos quais elas teriam, enfim, algo a dizer”²⁴⁸.

Excesso de signos que não expressam o dizer pleno da singularidade do sentido. É difícil fazer surgir em nós o gesto de saúde de constituir vacuidade entre a excessividade ruidosa do regime de signos de venda, lucro, concorrência, mercado, currículo, oportunidades etc., mas o maior perigo deste regime é nos fazer acreditar que essa é uma tarefa impossível. Tempo acorrentado pela exploração do trabalho, servidão da percepção sobre as infindas

²⁴⁶ Arnaldo Antunes, 1997.

²⁴⁷ Gullar, 2010, p. 256.

²⁴⁸ Deleuze, 2013, p. 166.

mensagens, vício nos signos da aceleração. Não os ouvimos! Além de nem mesmo a morte percebermos, o mundo perde a sua gênese. Criar uma ilha deserta é um rompimento necessário. Desertificar-se das demasiadas exposições – o controle quer ver. Parte-se do continente fundando uma nova expressão dos sentidos. O mais potente é aquele que sai do continente sem a necessidade de se deslocar para outra geografia, para outro continente ou para as ilhas, pois percebe que o continente é ele mesmo uma ilha imensa que possui fontes de desertificação criadora (ou então, que nos deslocamentos geográficos possa-se ter em mente a lição de Grenier, quando diz que “este “reconhecimento” [de sensações raras e secretas] não está sempre no fim da viagem que se faz, na verdade, quando ela ocorre, a viagem está concluída”²⁴⁹). Ato de fundação, devir-ilha.

Fundar a ilha é percebê-la, aproximar-se dela enquanto movimento da criação de um vácuolo rigorosamente não alienante. É o sim do singular ao singular, cujo efeito é um dado rompimento:

“O impulso da pessoa, esse que o conduz em direção às ilhas, retoma o duplo movimento que produz as ilhas em si mesmas. Sonhar ilhas, com angústia ou alegria, pouco importa, é sonhar que se está separando, ou que já se está separado, longe dos continentes, que se está só ou perdido; ou, então, é sonhar que se parte de zero, que se recria, que se recomeça [...] *a ilha é também a origem*, a origem radical e absoluta. Separação e recriação não se excluem, sem dúvida: é preciso ocupar-se quando se está separado, é preferível separar-se quando se quer recriar”.²⁵⁰

Mas diríamos, recolocando o sentido da citação, que se trata mais de uma distinção que não se separa do mundo, mas o habita de outro modo. Sofremos quando confundimos isso com o seu contrário: a negação do rompimento como vindo primeiro, o esforço para criar zonas de isolamentos e auto prestígio nas torres do julgar superior do mundo: *ah, esse mundo horrível que vivemos...* é uma maneira de se afundar. Isolar-se na ilha do saber e negar a morte no que ela tem de devir contra a própria morte – a negação da catástrofe, do conjunto de forças que re-iniciam o sentido do mundo, esta morte querida contra todas as mortes²⁵¹:

²⁴⁹ Grenier, 2009, p. 110.

²⁵⁰ Deleuze, 2006.

²⁵¹ Deleuze, 2003, p. 152.

“o ponto em que a morte se volta contra a morte, em que o morrer é como a destituição da morte, em que a impessoalidade do morrer não marca mais somente o momento em que me perco fora de mim, e a figura que toma a vida mais singular para se substituir em mim”²⁵².

Prender-se na ilha das certezas, das identidades ideais e dos clichês é uma defesa: nega-se, recalca-se, desmente a morte prendendo-se nela. Escapa sobretudo o morrer, o infinitivo testemunhado pela vida desconhecida. Cada um tem suas razões, medos e prudências sobre o risco da saída do mesmo mundo. Nesses casos, ilhar-se é romper-se da alteridade. Sem fluir minimamente nas modificações, o sentido fica preso na morte: o acontecimento se afunda no corpo fazendo-o fatigado, habitado de angústia. O eu se infla por suas perdas, coleção de ausências, e nem percebe que emana do corpo uma impessoalidade criadora. A ideia de si está excessivamente presente; suas histórias se afundam por não serem de fato expressas: por isso teme a sua morte. Algo não se expressa em sua dimensão de encanto e devir; os signos dão notícia de um mesmo circuito de afecções e de uma potência que não se altera. O lodo do sentido morto se acumula nas margens dos rios e a vida se identifica com esta imagem.

A importância clínica da elaboração: pôr a história em movimento, articular o presente no paradoxo do passado lançado no futuro, criar desidentificações produtivas, apropriar-se do lamaçal e pô-lo em novos usos: desde composteiras de germinação do sentido (“da merda nasce flor”²⁵³) às criações de margens e confluências. Cuidar do sentido, entre as palavras e os corpos, é o trabalho clínico tão necessário quanto delicado. A cuidadoria com esta zona envolve a prudência da experimentação, pois a lida com a catástrofe pode tanto intensificá-la ao terrível quanto ignorá-la assepticamente, quando o propósito ético do sentido é fazê-la reinício de mundos²⁵⁴, refundar ecologias do sentido.

Há ainda outro modo de se afundar que não evita a figura da morte, mas é com ela niilista: o movimento aparente da morte. Ao invés de se esforçar em negar o fim, faz dele uma moldura, cujo centro do quadro é um espelho falso. Intitula a obra de *A vida*. Resultam disso os poemas ambíguos. As prosas que confundem a beleza com a tristeza, estranho culto melancólico. Como em muitas cenas nas Ilhas de Grenier ou do Verão de Camus onde “toda negação contém a florescência de um sim”, a vida cai no risco de um ascetismo²⁵⁵. A

²⁵² Ibid., p. 156.

²⁵³ Ver página 21.

²⁵⁴ Cf.: Barbosa, 2023.

²⁵⁵ Camus, s.d., p 48.

paisagem mais bela do mar causa emoções lúgubres: “o que devia nos preencher aprofunda em nós um vazio infinito. Nas mais belas paisagens, nas mais belas costas estão colocados cemitérios que não estão lá por acaso”²⁵⁶. A praia, a costa de areia por onde flui uma vida, nada mais parece senão a extensão dos consultórios psicanalíticos do vazio; lá onde os fetichistas do furo frígido fazem da morte o seu clichê e cometem a tristeza de nomear *isso* de *o* inconsciente, *a* lógica da vida, *o* sentido e *o* real.

*“choro saber que os açudes
não são o mar
que não se pode nadar
em alguidares de areia
choro o destino das sereias
e o desatino do astrolábio
choro saber que o homem sábio
pode morrer se não souber nadar”*²⁵⁷

O naufrágio causa intensas vertigens. O acontecimento modifica a matéria. Atinge por uma intensidade que altera a sensibilidade – força-a a ser outra, coloca-a no limite de sua potência. Não há nada de tranquilo: mas ver aí tão somente o fim é um misto de arrogância e tristeza. A palavra de ordem que propaga o fim do mundo é sintoma da impotência da percepção. Sintoma das forças reativas. Trata-se de uma erva danosa comum em muitas ilhas. Quem tenta eliminá-la à força, termina por inalar a viciante toxina que evapora de suas seivas. O respiro abre os pulmões e impulsiona a cólera no corpo. E assim a erva faz uma vítima. Sob influência da toxina, a vontade de destruir os ramos danosos é ainda mais forte, mas a cada corte violento, mais toxina se evapora e o truque da reprodução do sagaz vegetal se completa: além da toxina, ele libera no ar suas sementes de fácil germinação. Quem quer destruí-la na força do ódio se torna seu usuário. Quando atingem o alto estágio de contaminação, nomeado de estágio do fatalismo zumbi, tornam-se inimigos de toda a natureza. Não podem ver uma vida que desejam sacrificá-la em nome da verdade do fim. Basta-nos o humor: concordar que tudo está perdido para dar um perdido, pois se não há tempo a perder, melhor é ganhar tempo: *ah, sim, é verdade... que lamento, que terrível fim... bons tempos aqueles... qual é o seu nome? Você tem cara de Bartleby... olha o passarinho, está na minha hora!*

²⁵⁶ Grenier, 2009, p. 112.

²⁵⁷ Chico César, 1999.

Devir-ilha é outra coisa mais potente de um desvio essencial, essencialmente vagabundo. Adentramos as ilhas por deriva e criação. Convivemos com o inapreensível que nela respira deambulando por suas trilhas. Onde os mistérios da natureza outra abrem as portas dos confessionários e fazem o padre devir-mulher, devir-selvagem, devir-animal, devir-pecador: um simulacro! – segredo do que secreta, contínuos fluxos de escape imperceptíveis. A clínica se encontra aí com o xamã e o fazer clínico torna-se um devir-feiticeiro.

A relação positiva com o fim de um mundo supõe uma relação com a morte: a relação de uma batalha. Batalha-se com a morte e não contra ela. Sendo um fim sem finalidade útil, ela se torna a parceira na guerra contra o esvaziamento total de sentido, a conselheira sobre a ética do viver, lembrando-nos de afirmar o sentido que é digno em nós, o acontecimento de todo dia. Transmite-nos Don Juan o seu feitiço de bruxo do deserto:

“para mim o mundo é fantástico porque é estupendo, assombroso, misterioso, insondável; meu interesse tem sido convencê-lo de que você deve assumir a responsabilidade de estar aqui, nesse mundo maravilhoso, neste lugar, nesta época maravilhosa. Queria convencê-lo de que deve fazer todos os atos contarem já que só vai ficar aqui pouco tempo; na verdade, tempo de menos para presenciar todas as suas maravilhas”²⁵⁸; “os atos têm poder, especialmente quando a pessoa sabe que aqueles atos são sua última batalha. Há uma estranha felicidade em se agir com o pleno conhecimento de que o que quer que se esteja fazendo pode bem ser o último ato sobre a terra. Recomendo que você reconsidere a sua vida e veja seus atos sob essa luz”.

A morte é a habitante da ilha e ela nos trouxe até aqui. Eterna companheira amiga que nos leva para outras direções: aconselha-nos ao melhor viver, ao amor compartilhado que brota e faísca nas relações que constituem a viagem-vida. É ela quem dá as boas-vindas. Estende os braços, apresenta a ilha. E todo o sentido desta vida advém das relações com os habitantes humanos, não humanos, vivos e não vivos. *A vida não é útil*: fim sem finalidade, além do viver juntos²⁵⁹. Do vento ao olhar, do esbarro ao sexo, da festa ao sono: a repetição do devir acompanha todos os encontros.

Se no primeiro afundamento solitário nas lamas da ilha se ignora o fim pela permanência da vida continental ausente, recalcando a catástrofe que já aconteceu –

²⁵⁸ Castañeda, 1972, p. 10.

²⁵⁹ Krenak, 2020.

“nosso engano mais caro como homens comuns é não se importar com o senso de imortalidade. É como se acreditássemos que, se não pensássemos a respeito da morte, nós pudéssemos protegê-la”²⁶⁰

– o segundo afundamento não é menos triste. Faz do vazio o nome da morte e não cansa de chamá-la, sem de fato encontrá-la: nada chega além da tristeza melancólica.

Quando a morte está por perto, sentimentos de culpa não mais importam! Nada assegura a continuidade da vida além do momento presente [...] “a percepção clara da morte dá coragem para ser paciente e, no entanto, entrar em ação, coragem de aquiescer sem ser estúpido, coragem de ser atencioso sem ser vaidoso, coragem de ser implacável sem ser convencido”.²⁶¹

Fundar a ilha é conhecer a sua habitante alegre e impassível: a morte que faz o que tem de fazer, pois é de sua natureza, lembrando-nos para que façamos o mesmo – realizar a potência por sua própria necessidade.

um re-início

“Este silêncio é povoado, não é ausência de barulho, nem de emoção [...] De todos os lados afluíam torrentes de luz e de alegria que, de fonte em fonte, caíam para se condensar em um oceano sem limites [...] Parecia-me assistir a esse espetáculo diante do qual se enganam todas as inteligências: a um nascimento [...] Do zero você passa para o infinito”²⁶²

O que se pode amar em Argel é aquilo que todos vivem: o mar, visto de cada esquina de rua, um certo peso de sol, a beleza da raça. E, como sempre, nesse despudor e nessa oferenda, descobre-se um perfume mais secreto”²⁶³

Sente-se no passar do tempo da ilha que o mundo já não é o mesmo de antes, sem se lembrar ao menos o que era. Sente-se a todo instante um novo tempo. É justo habitar o mundo aí em seu intervalo: a justeza silencia a moral da justiça. Ouvimos o canto ético de uma vida. Delicada alteração. Na ecologia, a redescoberta do primado da existência. Ser o

²⁶⁰ Castañeda apud. Eirado; Almeida, 2003. p. 24.

²⁶¹ Castañeda apud Eirado; Almeida, 2003 p.24: “o conhecimento de nosso fim pendente e inevitável é o que nos dá sobriedade [...] sem uma visão clara da morte, não há ordem, nem sobriedade, nem beleza”.

²⁶² Grenier, 2009, p. 114-115. Grenier eleva o ascetismo na continuidade de seus textos, mas isso não finaliza a potência das palavras. As frases são como ilhas que podemos transportá-las para constituir outros arquipélagos.

²⁶³ Camus, s.d., 23.

movimento de toda a ilha e mais além: a multiplicidade do arquipélago continental. Imanência: uma ilha...:

“a vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal e, contudo, singular, que resgata um puro acontecimento liberado dos acidentes da vida interior e exterior, ou seja, da subjetividade e da objetividade daquilo que ocorre. “*Homo tantum*” de que todo mundo se compadece e que alcança um tipo de beatitude. É uma hecceidade, que já não é de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência, neutra, para além do bem e do mal, pois o sujeito apenas, que a encarnava no meio das coisas, é que a tornava boa ou ruim. A vida de tal individualidade se apaga em proveito da vida singular e imanente a um homem que não tem mais nome, embora não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida...”²⁶⁴.

Polifonias indefinidas, jorros, festa dos signos, um fim. Travessia do eu-ilhado para a deriva criadora coletiva. Todo sentido, um re-início. Ilhas se fundam, insistimos em sua direção. A raridade da vida, a beatitude do desejo, o ato gratuito. Nada mais bonito: há sempre um convite para o deslocamento sutil. Naquilo que passa e captamos o futuro. Somos em nossas relações praticantes da arte da liberdade. Artistas da quase-causa. Deambulatórios por natureza nos arquipélagos do sentido. É preciso lembrar: esquecer-se dos excessos e reencontrar as gêneses na heterogeneidade. Para que o tempo se reinicie, perceber a hora de um fim, mas sobretudo o fim das horas. Fluímos nos encantos de uma vida: entidades companheiras, faíscas do mistério, interesse no amor. Cuidar dos arquipélagos que nos fundam: uma vida coletiva e estrangeira.

²⁶⁴ Deleuze, 2016, p. 410. Ideia semelhante na Lógica do Sentido sobre o Amor Fati: “chegar a essa vontade que nos faz o acontecimento, tornar-se a quase causa do que se produz em nós, o Operador, produzir as superfícies e as dobras em que o acontecimento se reflete, se reencontra incorporal e manifesta em nós o esplendor neutro que ele possui como impessoal e pré-individual, para além do geral e do particular, do coletivo e do privado – cidadão do mundo [...] É nesse sentido que o Amor Fati não faz senão com o combate dos homens livres” (Deleuze, 2003, 151-152).

Poéticas da deriva

Finda o fim

tocou o despertador
no meio do sonho

sentes falta
no deserto. não de tudo
daquele mundo
mas ao menos
de algum

fui-me num futuro presente
guiado pela contente desmesura

morri uns dias
e decidi viver

cuidei do tempo
e do sentido
é o mais preciso:
para se estar vivo

escutas o segredo dos ares?
estás a te contar o cão, o pássaro, o vento

vá sem pressa,
e chegue a tempo

Sobrevo

pelo gelo que queima
sob o sol que não o derrete

pela mesma paisagem de quase sempre que nunca se repete

deliro a esta altura que
qualquer tamanho é suficiente

tudo tem de tudo um pouco
e tudo vira um pouquinho de tudo

significativamente insignificantes para qualquer significado

assim
tudo está em seu mais perfeito estado

é suficiente daqui de cima
porque tudo muito grande
cabe todo num olhar

e de tanto poder olhar
não sobra espaço
para imaginar
além do que lá está

no máximo
como seria não estar tão longe

quando estou muito perto
a imaginação voa

falésias

ardentes, gélidas
silenciosas falésias

desmoronam-se
com o tempo

as águas dos rios
das chuvas
dos mares
são paixões
de todas as partes
e são o tempo

inundam-me por dentro
ultrapassam-me por fora
e não importa a hora

o tempo passa
e me leva sempre
um pouco embora

museu de sal e terra
dos rastros
de quem ainda
não passou

partidos e inteiros
corações guardados
em segredos
até o ato derradeiro
do desabar

quando ser
menos de mim for

e ser
ser mais do mar

Silêncios

I.

gosto dos silêncios
nele tudo é escutável

do mar ao longe
ao nosso desejo quando de perto
estamos

flutua o corpo que sou
nas verdes camas do universo
ele diz em versos
o inverso da linguagem

melodias compostas por deuses:
o som das águas
o eco das vozes
d'areia distante

II.

despeço-me do mar
em direção ao seco e árido chão
e já ouço o seu lamento

as lágrimas e os berros do oceano
manifestam-se nas margens
onde o limite canta o limiar

as ondas desabam
e se quebram
na alegria de sua vontade

ali na beira
onde humanos pensam
os seus anseios
questionam
as suas fronteiras
redescobrem
a saudade
e tudo esquecem

ali onde o fim
está no meio

III.

cá da varanda de casa
após lavar a areia dos pés
pássaros deslizam
no ar riscado por cantos
e pela primeira vez os escuto:
torno-me silêncio encantado

IV.

que quando quebrado
por tua voz
o mar retorno a escutar

o deserto novamente
atravesso
com a canoa cadente
risco a areia
e mergulho de frente
a fronteira
do mar das estrelas da lua

da presença
tua

IV.

flutuo nas ondas nuas sonoras
do teu corpo
em silêncio

onde tudo é escutável
do mar ao longe
ao nosso desejo

quando de perto estamos.

Apresentação da defesa de dissertação (posfácio, uma introdução)

Finalizei o texto com uma vertigem. Após enviar para a banca, fiquei três semanas sem tocá-lo, vê-lo ou pensá-lo. Foi bom, um alívio. Fiquei com a angustiante sensação de não saber *ainda* sobre o que escrevi. Tive dúvidas sobre a sua consistência, sobre o possível risco do texto expressar aquilo que ele põe em crítica: de que há na contemporaneidade a coexistência de um excesso e de um vazio de sentido. Talvez isso ocorra em algum grau. Desconfio agora, no “*só depois*” da experiência, que ele também faz o além disso. Que o texto expressa em sua vivacidade aquilo que ele propõe eticamente: uma deambulação criadora, que desloca e inventa relações por interesse. Conforme o tempo foi passando, fui me convencendo de que para compreendê-lo, afinal de contas, sobre o que ali se tratava, era preciso um tempo despreocupado da tarefa de montar o mapa definitivo dessa deambulação. Como o próprio texto propõe, há uma diferença entre o interesseiro e o interessado. O interesseiro é infeliz, aproveitador, deseja reconhecimento e faz daquilo que se relaciona um objeto de captura para a sua vaidade servil aos ideais em voga. O interessado é diferente: gosta do outro; se desloca em direção àquilo que compõe, aquilo que encanta o viver. O interessado está sempre se modificando porque se direciona àquilo que ama. O interessado corre o risco de se perder, vez ou outra, ou de ser incompreendido do ponto de vista do interesseiro e suas representações, seus racionalismos. Mas quando ele conflui nas relações que lhe interessam, tudo faz sentido. Foi assim em muitos momentos com o texto: a escrita, as direções das ideias, as conexões entre autores e conceitos, enfim, o arquipélago cartografado. Pode ser que por isso, ao término da escrita, senti-me vertiginoso. Foi uma viagem em que me perdi, por mais sentido que isso fizesse.

Agora, lembrando e relendo toda a cartografia dessa viagem, sinto que uma travessia ocorreu.

O texto expressa a travessia de um tempo. Um tempo iniciado em uma ilha: **a ilha uff rio das ostras em 2015**. Nesse estranho território onde comecei a graduação no curso de psicologia, encontrei uma ética fagocitante: a ética de devorar eroticamente a diferença. Atmosfera de interesse pelo outro, pela universidade no que há de múltiplo. Vontades de experimentação da estranheza irreverente, da loucura divertida. Inventar jeitos de viver que criaram mundos outros. Esse tempo de verão em rildas mudou sem previsão. Pergunto-me agora se de fato mudou sem previsão ou se não percebemos quem alertava as fissuras que anunciavam a tempestade. Golpes, cancelamentos, medos, *falas sem lugar*. Nem toda noite é escura, e nos

dias de sol também há sombras, é certo. É certo também que o tempo mudou: a atmosfera político-afetiva universitária se assombrou no arrastão dos afetos tristes dos microfascismos. Hoje, 2025, 10 anos após a minha entrada no curso de psicologia da uff rildas, esta dissertação busca expressar essas mudanças, pelo menos em seu início, após o ensaio de abertura. Narrado em forma de diário, acompanhamos os acontecimentos universitários, sua onda libertária, experimentações ético-estético-políticas, a ocupação de 2016, a coletivização da existência, o desejo pela diferença irrepresentável, o tal do fagocita. Em seguida, a ascensão do neofascismo, a desesperança, a impotência e o entristecimento nas relações que há pouco tempo expressavam a alegria da multiplicidade. Tempos de incertezas e inimizades cobrem os céus. As redes sociais se aprofundam em nossas vidas sem que tivéssemos tanta noção de seus efeitos subjetivos no calor das dinâmicas políticas. Na trama dos golpes, impeachments e corte de verbas, das eleições e dos colapsos radicais no corpo social, universitários se unem para montar frentes de resistência. Ao mesmo tempo, universitários passam a testemunhar em si mesmos palavras de ordem mais brutas, o enfraquecimento dos coletivos, a contaminação das vontades de poder, o desejo de verdades e identidades puras, transcendências que pudessem aliviar a força do colapso que nos atravessava. Observamos e reproduzimos o triunfo da reatividade e do ressentimento, da captura da alteridade para fazê-la objeto de poder, o triunfo do negativo. Nesse solo incerto, brotam clichês de todo tipo. Clichês que não apenas repelem a colocação de novos problemas e a experimentação de outros modos de vida como reproduzem, de alguma maneira, a subjetividade capitalista. Testemunhamos e agimos a passagem da produção desejante para uma reprodução clichê. Excesso de clichê e vazio de singularização.

Antes das narrativas de 2015, na primeira seção da dissertação, há relatos ainda mais recentes sobre a experiência que me ocorreu de querer capturar o acontecimento, de negar o acaso em nome do controle. Após esses relatos coloco os problemas de pesquisa. E aí, sim, tão logo em seguida, voltamos no tempo e chegamos na ilha de rildas, cartografando essa série de mudanças da existência coletiva universitária. Analisei a posteriori que o fato do texto começar com experiências recentes para em seguida voltar no tempo, evoca a epígrafe da primeira seção: “vamos começar, colocando um ponto final”, “um tempo terminando, outro começando”. Para dar fim a um tempo entristecido do presente, foi preciso encontrar no passado tanto as suas condições de possibilidade como as forças para um outro futuro. A narrativa das vozes deste tempo presente/passado, além de servir para montar uma *hipótese diagnóstica* de uma determinada contemporaneidade, suscita também perguntas que demandam vozes de outros tempos e outros espaços para possíveis respostas. Cartografar

esse tempo de rildas nos fez elaborar questões que nos levaram para outros presentes. As questões foram as seguintes: em que medida desejamos o modo de vida clichê? Como produzir singularidades diante do triunfo dos inúmeros clichês sobre a existência? Qual é a relação do vazio de sentido com a subjetividade capitalista? O que poderia ser uma ética contra-clichê?

Qual é o **diagnóstico**? Vivemos na ocorrência de um excesso de signos com o vazio de sentidos. Se por um lado experienciamos colapsos ambientais, econômicos, civilizatórios, políticos, estéticos, subjetivos, enfim, uma série de radicais mudanças que atravessam o nosso modo de vida, por outro lado sofremos da impotência de criação, recorrendo aos absolutismos, às verdades indiscutíveis, as identidades transcendentais. “Por excesso e escassez, vemo-nos na problemática da inconsistência de sentidos singulares”. Atravessados constantemente por diversos signos, imagens, possibilidades de vida, propagação ilimitada de conteúdos e engajamentos, informações e abruptas variações de afeto, vivemos constantemente o desejo de novos ideais. Apesar das desterritorializações do capitalismo, o ideal não acaba, mas se multiplica, troca de forma, segue a lógica do mercado. No vórtex que “em 20 minutos tudo pode mudar”, (slogan da bandnews de uns anos atrás, que hoje passou a ser “em 1 segundo tudo pode mudar”) experienciamos a diversidade de ideais de vida para consumir junto a um vazio de singularidade, uma falta de consistência existencial – que nos deixa uma questão: o que mudou, afinal de contas? Mudou de fato o excesso de mensagens e a carência da coletivização da existência, do convívio com as alteridades? Essa mudança que tanto se fala é a de um devir outro com outros? Colocamo-nos em real fundação de consistentes formas de vida que não se colonizam pelo poder do capital? Sob que regime de sentido essas mudanças acontecem?

A hipótese diagnóstica que é diante dessa falta de consistência de sentido sob a avalanche de signos, imagens, ideais de vida, repetimos um círculo viciante: a busca de novos sentidos sob um mesmo regime. Trata-se então de uma mudança que ocorre internamente em um mesmo regime de sentido, o regime de clichês. Uma avalanche de novos clichês se disponibilizam para saciar a própria inconsistência dos clichês adotados anteriormente e que já não servem. E assim fazemos das imagens de si e de mundo uma troca de clichês que seguem a moda e o consumo faminto e vampiresco do capitalismo.

A vida quando dominada pelo regime de sentido do capital reproduz a lógica de traduzir toda a existência em lucro. Todo gesto e relação se fazem e se desfazem tendo em vista um mesmo fim. Enquanto isso ocorre, ainda que não nos demos conta, a dimensão trágica da vida, o

acaso fundamental da existência, o devir e a sua multiplicidade são constantemente negados. As representações clichês nos afastam da diferença e dos colapsos por ela gerada. No entanto, isso que é negado é a *condição* para toda e qualquer criação radical para novos regimes de sentido. Só criamos quando acessamos a fonte do inesperado que jorra outros futuros no presente.

Sob um mesmo regime capitalista, vivemos *como se saltássemos de ilhas em ilhas sem a experiência de ter saído do lugar*. Essa contradição se constata quando reparamos que os desenvolvimentos de inovações capitalistas fazem do futuro esperado o próprio fim do mundo. A fonte do inesperado seca. Quando o que se espera é não ter mais nada a devir, a vida se desencanta.

Mas o que são os clichês? Por que uso essa palavra e o que quero dizer com isso?

A palavra clichê, em sua origem, significa a placa de imprensa que contém em relevo o texto ou a imagem que se deseja reproduzir quando banhada de tinta e pressionada sobre uma superfície. Eles se originam com as máquinas da imprensa [o som do clhsss quando a placa é esfriada]. O clichê é a peça fundamental de uma máquina que se desenvolve com o capitalismo: peça da imprensa, essa máquina que produz discursos que não derivam mais do déspota. As imprensas livres ou piratas crescem na mesma medida que o corpo social do capital e põem em risco a hegemonia do discurso do Estado, como demonstra tão bem o romance *Ilusões Perdidas* de Balzac. A energia dessas máquinas é aquilo que confronta o próprio poder do Estado: o lucro. Em alguma medida o que faz mover a maquinaria da imprensa é a venda: fazer circular aquilo que vende; reproduzir os discursos e as imagens que geram capital.

O sentido da palavra clichê vai ganhando novas direções. Há uma continuidade entre o clichê das placas de metal e o clichê enquanto a repetição de sentido. Ambos dizem do fenômeno de reprodução do mesmo, reprodução em massa inseparável da produção capitalista que desterritorializa o Estado. Serialização de sentidos das placas sobre as folhas, serialização de sentidos sobre as subjetividades. Hoje são outras as máquinas que dominam a circulação de discursos e imagens no corpo social. As modernas máquinas informáticas não lidam somente com a modelização dos metais, mas com a modulação dos silícios. As telas das redes digitais não são tão duras quanto o ferro das máquinas dos séculos passados, mas possuem uma maior eficiência na função de imprimir sentidos que são modulados como ferros continuamente

fundidos: modulam o nosso modo de ser. Os algoritmos das Big Techs intensificam os clichês.

Essa transformação constante dos sentidos que circulam no corpo social ligada à captura da sua radical singularidade para fazê-la objeto de lucro, definiremos resumidamente como a axiomática capitalista. Coloniza-se o sentido diante da singularidade ao reduzi-lo à imagem de reconhecimento segundo a vontade de acúmulo. De saída, elimina assim a produção de outras formas de perceber, sentir, pensar, se relacionar; modos outros de vida. Esse regime de reprodução faz da própria subjetividade um clichê: passamos a ser uma placa de reprodução daquilo que se autoriza segundo a lógica do mercado. Subjetividade esvaziada de potência poética.

Eu sou o meu perfil e o mundo é o google maps. Dispositivos de controle.

Apresento nesta seção como a subjetividade clichê se atualiza na nossa relação com as redes sociais enquanto dispositivos de controle. Sendo elas dominadas por Big Techs, empresas com o maior valor de mercado mundialmente e, conseqüentemente, as mais perigosas do ponto de vista da ética do sentido, nas telas dessas redes a todo instante se modula um regime de visibilidade de mundo determinado pelo lucro. O modo como representamos nosso “eu” e o “mundo” nesses dispositivos é continuamente determinado pelo valor de mercado dos signos da existência. O nosso modo de se apresentar nesses espaços que fazem da vida um objeto de mercado têm afetado nosso modo de pensar, sentir e agir, fazendo-nos desejar o clichê. [O instagr-amável é o mais curtido e mais visível, e o mais curtido e o mais visível é o mais bem pago – o ser instagramável é a gentrificação subjetiva].

Quando escrevo no título que eu sou o meu perfil e o mundo é o google maps, é claro, trata-se de uma constatação trágica, querendo apontar outra coisa: [apontar] o risco de reduzirmos as imagens de si e de mundo por aquelas que são visíveis pelos dispositivos digitais oriundos da máquina de clichê (chamada capitalismo) e [apontar] a tarefa de produção de mundo outros.

Lugar de fala

No regime capitalista o sentido é vivido como propriedade: um clichê para chamar de meu e de eu. Posse definidora da existência. Algo que se pode deter: o sentido do eu, “o meu sentido”, “quem eu sou”, “quem você é”. Uma política de individualização do sentido. Fato

esse que se expressou largamente com um determinado uso da expressão “lugar de fala”. Embora lugar de fala signifique justamente a polifonia da enunciação, a crítica a qualquer universalização da verdade do que é dito, porque todo dito é a expressão de uma experiência situada, carregada de multiplicidades, o termo lugar de fala passa também a significar o direito de dizer “A” verdade verificada pela identidade do enunciador.

Testemunhamos aí situações como aquelas quando alguém diz “eu não posso falar sobre isso porque não tenho lugar de fala” ou “eu tenho lugar de fala, logo não só posso falar sobre isso, como o que eu digo é automaticamente verdadeiro”.

Ou ainda, [como relato ter acontecido frequentemente nos ambientes universitários hoje após a sua virada entristecida] quando a recusa ou a aderência a referências bibliográficas em uma pesquisa passa a ocorrer baseada no cep do autor. Na uff toda uma experiência brasileira se fez na relação com a filosofia de deleuze e guattari, por exemplo, mas hoje, tendo mudado o clichê pelas marés do poder do mercado acadêmico, eles já não servem porque “são europeus” – enquanto é próprio do regime clichê retornar estrategicamente a ideia das essências e identidades puras e do sentido como posse, fazendo engrenagem à máquina capitalista. Este, ainda que funcione por decodificações e desterritorializações, faz usos pontuais e estratégicos de identidades para seguir sua política de exploração.

Como sair disso? Desse regime de sentidos clichês?

Ecologia dos signos

Dos lugares de fala preferimos traduzir o que falam os lugares.

Toda expressão é a de uma ecologia de corpos: uma multiplicidade de tempos, espaços, humanos e outras entidades que se fundam continuamente em devir conforme se expressam. Quando uma única pessoa se expressa, a alteridade insiste em cada gesto: outros se expressam nela e ela mesma já passa a ser outra coisa. O que difere são os graus do devir do sentido, que jamais é nulo: o múltiplo sempre subsiste.

Com esse deslocamento, a questão mais importante não é saber quem é o proprietário do sentido, ou qual sentido vale a pena se identificar para consumir, mas que sentidos se expressam na ecologia de nossas existências e que mundos nos interessa produzir radicalmente fora do regime do capital.

Demonstramos a partir do agenciamento Deleuze-Espinoza e Deleuze-Estóicos que **o sentido se expressa sob três formas**: os *signos* (signos de afecção e signos de afetos), as *noções comuns* ou os *encantamentos* e o *puro devir*. Três formas que apresentarei muito brevemente.

Os *signos*, primeira forma de expressão, são sempre signos de um encontro, signos de um agenciamento. São dois tipos de signos: os signos-afecções (ideias, percepções, sentimentos) e os signos-afeto (variações de potência de pensar, sentir, agir). Conhecer os signos é conhecer os efeitos dos encontros nessas duas dimensões: a potência de sentir, agir e pensar e aquilo que se sente, age e pensa após uma determinada relação. Os signos estão relacionados ao primeiro gênero do conhecimento da filosofia de Espinosa, a saber, o conhecimento dos efeitos.

Em seguida, a segunda forma de expressão do sentido, os *encantamentos*. Na apreensão desta segunda forma, conhecemos as suas causas dos encontros, a íntima estrutura ou o maquinismo das relações entre dois ou mais corpos. São os encantamentos que expressam aquilo que faz com que dois ou mais corpos sejam compostos um pelo outro. Como e por que estes diferentes corpos se compõem? O que faz com que a raiz se componha com a terra e a água? que o conjunto da árvore se componha com o gás carbônico e com o oxigênio? o que liga o passarinho ao galho? Entre eles há uma noção comum: algo os encanta, há ali uma *noção comum*. (a árvore não seria árvore sem os troncos, que só o são pelas raízes, que não poderiam ser sem o oxigênio, oxigênio que não poderia ser sem a fotossíntese dos vegetais, etc., assim como deleuze e guattari não poderiam ser sem a uff, amigos, colegas e professores que produziram outros mundos). Conhecer as noções comuns é fazer aparecer o maquinismo da relação a partir das características singulares que compõem os corpos. Esse é o segundo gênero do conhecimento de Espinosa. O conhecimento se faz positivamente: através de correntes de composições conhecemos a estrutura dinâmica da relação: a razão ecológica da existência. O sentido expressa não aquilo que as coisas são em sua individualidade, mas aquilo que as coisas devem em seus processos relacionais.

Por fim, a terceira forma de expressão do sentido, o *puro devir*, expressão do *acontecimento puro*. Aqui extraímos a máxima produtividade da expressão do sentido quando verificamos que aquilo que se expressa é ao mesmo tempo quase-causa de uma nova ecologia. Em sua terceira forma de expressão, percebemos que o sentido não é apenas o resultado expressivo de uma ecologia de corpos, um produto semiótico e incorporeal, mas também, na medida em que expressa um acontecimento entre os corpos, ou seja, expressa o seu acaso, é a força que altera a própria realidade vivida dos corpos. É na terceira forma de expressão do sentido que ocorre o eterno retorno do novo, o re-início de um outro mundo, uma nova situação. Expressão e produção da novidade do acontecimento. A expressão do devir é a afirmação do eterno retorno da gênese do sentido. O re-início da vida sendo possível quando

transformamos em sentido a tragédia: quando fazemos do caos, matéria de criação. Há um fim, mas tão primeiramente um início.

Fim de um mundo - imanência: uma ilha, devir arquipélago do mundo

Se no capitalismo diante de suas infindáveis desterritorializações saltamos de ilhas em ilhas sem sair do lugar, na espreita de que a última ilha a ser explorada seja aquela onde testemunharemos o fim do mundo, declaramos, enfim, o fim de *um* mundo. Expressar ainda mais a desterritorialização *na condição de criar relações heterogêneas fagocitantes*. Expressar a tragédia como fim não *do* mundo, mas desse mundo dos lucros e dos clichês – o re-início do devir estrangeiro, devir arquipélago, das composições entre a diferença sem jamais criar unidades ou cessar o movimento das relações nas relações. O re-início do mundo outro. O devir do pensamento interessado nas conexões de mundos para tomar a existência como ato de criação ecológica.

Para finalizar, reproduzo o último parágrafo da dissertação.

Polifonias indefinidas, jorros, festa dos signos, um fim. Travessia do eu-ilhado para a deriva criadora coletiva. Todo sentido, um re-início. Ilhas se fundam, insistimos em sua direção. A raridade da vida, a beatitude do desejo, o ato gratuito. Nada mais bonito: há sempre um convite para o deslocamento sutil. Naquilo que passa e perfuma o futuro. Somos em nossas relações praticantes da arte da liberdade. Artistas da quase-causa. Deambulatórios por natureza nos arquipélagos do sentido. É preciso lembrar: esquecer-se dos excessos e reencontrar as gêneses na heterogeneidade. Para que o tempo se reinicie, perceber a hora de um fim, mas sobretudo o fim das horas. Fluímos nos encantos de uma vida: entidades companheiras, faíscas do mistério, amorosamente interessados. Cuidar dos arquipélagos que nos fundam: devir uma vida coletiva e estrangeira.

Referências Bibliográficas

AGUALUSA, José Eduardo. Amar o distante. O Globo (coluna), maio de 2025. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/jose-eduardo-agualusa/coluna/2025/05/amar-o-distante.ghhtml>. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. As histórias que os corvos contam. O Globo, 10 fev. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/jose-eduardo-agualusa/noticia/2024/02/10/as-historias-que-os-corvos-contam.ghhtml>. Acesso em: 12 nov. 2024.

_____. Carta a um escritor que aprecio. O Globo, jun. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/jose-eduardo-agualusa/noticia/2023/06/carta-a-um-escritor-que-aprecio.ghhtml>. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. Fiscais de raça. O Globo, 14 jul. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/jose-eduardo-agualusa/noticia/2023/07/14/fiscais-de-raca.ghhtml>. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. Os deportados de Trump. O Globo, fev. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/jose-eduardo-agualusa/coluna/2025/02/os-deportados-de-trump.ghhtml>. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. Um escritor que não é inteiramente livre já não é mais um escritor. O Globo, 6 nov. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/11/06/jose-eduardo-agualusa-um-escritor-que-nao-e-inteiramente-livre-ja-nao-e-mais-um-escritor.ghhtml>. Acesso em: 8 out. 2025.

ALMEIDA, Leonardo; EIRADO, André. A morte... ou a outra vida. Revista Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, n. 15.1, p. 17–27, 2003.

BARBOSA, Mariana de Toledo. Desejo e prudência em Spinoza e Deleuze: pistas para uma psicologia spinozista. Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2,

p. 19–30, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.59488/tragica.v16i2.56668>. Acesso em: 8 out. 2025.

BARBOSA, Mariana de Toledo; LEMOS, Frederico Pacheco. Língua e socius: os regimes de representação das máquinas sociais em O Anti-Édipo. *Hybris: Revista de Filosofia*, v. 13, n. especial, 2022. Disponível em: <https://revistas.cenaltel.cl/index.php/hybris/article/view/504/705>. Acesso em: 8 out. 2025

BARBIER, Frédéric. *A Europa de Gutenberg*. São Paulo: EdUSP, 2018.

BERGSON, Henri. *Matéria e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

BISPO, Nego. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2018.

CAMUS, Albert. *Núpcias, O Verão*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

CASTRO, Eduardo Viveiros de; DANOWSKI, Débora. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. São Paulo: Cultura e Barbárie, 2017.

CHAUÍ, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? In: NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Curso sobre Spinoza (Vincennes, 1978–1981)*. Fortaleza: EdUECE, 2019.

_____. Dois regimes de loucos. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

_____. Imagem-tempo: cinema 2. São Paulo: Editora 34, 2018a.

_____. Nietzsche e a filosofia. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

_____. “Não somos pessoas, somos acontecimentos”: aula de Gilles Deleuze (03 de junho de 1980). Máquina de Deleuze, 6 dez. 2018. Disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2018/12/06/nao-somos-pessoas-somos-acontecimento-s-aula-de-gilles-deleuze/>. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. O Abecedário de Gilles Deleuze: entrevista a Claire Parnet (1988–1989). Máquina de Deleuze, 2021. Disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2021/06/07/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-completa/>. Acesso em: 8 out. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; KAFKA. Por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

_____. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, v. 5. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

_____. La noche de la filosofía: La imagen potente – Canal Encuentro. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/6uvGhCgupq0>. Acesso em: 7 jan. 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Tradução de Anelise de Carli. Instagram, @anelisedecarli. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8NjQy2OLdL/>.

DINIZ, Lígia G. Espírito do tempo. Quatro Cinco Um, São Paulo, 21 abr. 2023. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/literatura/literatura-brasileira/espírito-do-tempo/>. Acesso em: 8 out. 2025.

FISHER, Mark. O realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FOUCAULT, Michel. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. Prefácio em: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia. New York: Viking Press, 1977. Trad. Fernando José Fagundes Ribeiro. Disponível em: <https://letraefilosofia.com.br/wp-content/uploads/2015/03/foucault-prefacio-a-vida-nao-facista.pdf>.

GRENIER, Jean. As ilhas. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Campinas: Papirus, 1990.

_____. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés; pref. Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LANIER, Jaron. Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LATOURE, Bruno. Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016.

MACERATA, Iacã Machado; ROCHA, Ruan; ALBUQUERQUE, Mariana Pelizer de; BERGANTIN, Patrícia; CLIMAS, Diego. Interferências do modo operativo AND na clínica. Ayvu: Revista de Psicologia, v. 11, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/63882>. Acesso em: 8 out. 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MOROZOV, Evgeny. Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PESSOA, Patrick. Dramaturgias da crítica. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RIBEIRO, Fernando José Fagundes. Tradução de: FOUCAULT, Michel. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. Prefácio em: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia. New York: Viking Press, 1977. Disponível em: <https://letraefilosofia.com.br/wp-content/uploads/2015/03/foucault-prefacio-a-vida-nao-facista.pdf>.

RODRIGUES, Sérgio. O clichê nasceu na gráfica e... acabou no Irajá. Veja, 5 jun. 2012. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/o-cliche-nasceu-na-grafica-e-8230-acabou-no-iraja>. Acesso em: 12 nov. 2024.

RODRIGUEZ, Paulo. Espetáculo do dividual: tecnologias do eu e vigilância distribuída nas redes sociais. In: BRUNO, Fernanda et al. (orgs.). Tecnopolíticas da vigilância. São Paulo: Boitempo, 2018.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. In: LINS, Daniel (org.). Cultura e subjetividade: saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997.

SIBERTIN-BLANC, Guillaume. Deleuze e as minorias: qual política? Trad. Viviana Ribeiro e Mariana de Toledo Barbosa. Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 123–140, 2021. DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v14i2.45823>.

SIBILIA, Paula. O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

_____. Você é o que o Google diz que você é. In: BRUNO, Fernanda et al. (orgs.). Tecnopolíticas da vigilância. São Paulo: Boitempo, 2018.

SILVA, L.; TELES, M. Entrevista com José Eduardo Agualusa: a literatura quebrando muros. Acta Scientiarum. Language and Culture, Maringá, v. 44, 2022.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. Cidade dos artistas: cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

TEDESCO, Sílvia. Estilismos de si: ato de fala e criação. In: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia; PASSOS, Eduardo. Políticas da cognição. Porto Alegre: Sulina, 2008a.

_____. Os três planos da linguagem: uma abordagem pragmática do sentido. In: ARRUDA, A.; BEZERRA JR., B.; TEDESCO, S. Pragmatismos, pragmáticas e produção de subjetividades. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2008b.

ULPIANO, Cláudio. Pensamento e liberdade em Espinoza. YouTube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/jUpzcrYHG3I?si=k2gCiGXoh9ePpqbU>. Acesso em: 12 nov. 2024.

VEIGA-NETO, Alfredo. O currículo e seus três adversários: os funcionários da verdade, os técnicos do desejo, o fascismo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. O currículo e seus três adversários. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Entrevista. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (orgs.). Cultura digital.br. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

_____. No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é. Povos Indígenas no Brasil 2001/2005. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf. Acesso em: 8 out. 2025.

jornalísticas

ALMEIDA, Bruna. Lobistas de farmácias, inteligência artificial e e-commerce fingem ser ONG para aparelhar conselho de proteção de dados. The Intercept Brasil, 17 ago. 2023. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2023/08/17/lobistas-de-farmacias-inteligencia-artificial-e-e-commerce-fingem-ser-ong-para-aparelhar-conselho-de-protecao-de-dados/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

_____. Não cadastre biometria na Droga Raia. The Intercept Brasil, 5 jul. 2021. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2021/07/05/nao-cadastre-biometria-na-droga-raia/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

AZEVEDO, Reinaldo. Universidade Federal em tempos petistas: vagina é costurada num evento chamado “Xereca Satânik” na UFF. VEJA, 3 jun. 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/universidade-federal-em-tempos-petistas-vagina-e-c-osturada-num-evento-chamado-xereca-satanik-na-uff-voces-estao-lendo-direito-chefao-do-departamento-diz-que-os-criticos-da-festa-sao-conservadores-e-de/>. Acesso em: 8 out. 2025.

CARTA CAPITAL. Xereca Satanik, liberdade e dignidade. 5 jun. 2014. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/xereca-satanik-liberdade-e-dignidade-2216/>. Acesso em: 8 out. 2025.

G1. Grupo ocupa polo da UFF em Rio das Ostras contra cortes de investimentos. 19 out. 2016. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2016/10/grupo-ocupa-polo-da-uff-em-rio-das-ostras-contra-cortes-de-investimentos.html>. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. Trump Gaza: presidente dos EUA divulga vídeo de IA que mostra Faixa de Gaza como resort e estátua gigante de ouro. 26 fev. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/02/26/trump-gaza-presidente-dos-eua-divulga-video-de-ia-que-mostra-faixa-de-gaza-como-resort-e-estatu-a-gigante-de-ouro.ghtml>. Acesso em: 8 out. 2025.

GARCIA, Rafael. Fumaça de queimadas da Amazônia encobre São Paulo em dia seco. O Globo, 3 set. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/meio-ambiente/noticia/2024/09/03/fumaca-de-queimadas-da-amazonia-encobre-sao-paulo-em-dia-seco.ghtml>. Acesso em: 8 out. 2025.

OLIVEIRA, Luciano. Outrossim é a puta que o pariu! O humor no mau humor de Graciliano Ramos (I). Que cazzo é esse?!!, 6 maio 2009. Disponível em: https://quecazzo.blogspot.com/2009/05/outrossim-e-puta-que-o-pariu-o-humor-no_06.html. Acesso em: 8 out. 2025.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. 'Brain rot' named Oxford Word of the Year 2024. 2 dez. 2024. Disponível em: <https://corp.oup.com/news/brain-rot-named-oxford-word-of-the-year-2024/>. Acesso em: 8 out. 2025.

TRADINGVIEW. Maiores empresas do mundo por valor de mercado. Disponível em: <https://br.tradingview.com/markets/world-stocks/worlds-largest-companies/>. Acesso em: 8 out. 2025.

musicais

ARNALDO ANTUNES. Medo de ser. N+1 Arte Cultura / Rosa Celeste, 2018. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=s_a6dH8UdIA&list=RDs_a6dH8UdIA&start_radio=1&pp=ygUTbWVkbYBkZSBzZXIgaYXJuYWxkb6AHAQ%3D%3D. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. O silêncio. São Paulo: BMG/RCA, 1997. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=q8pGlcUONIU>. Acesso em: 8 out. 2025.

CHICO BUARQUE. Cobra de vidro. Rio de Janeiro: Universal Music, 1973. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=VMLv-eFyvqY&pp=0gcJCRsBo7VqN5tD>. Acesso em: 8 out. 2025.

CHICO CÉSAR. O barco. MZA Music, 2000. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=j_GTbiGF9o4. Acesso em: 8 out. 2025.

CHICO CÉSAR; PAULINHO MOSKA. Saudade. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2010. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=7qUeBCfsiHU&list=RD7qUeBCfsiHU&start_radio=1&pp=ygUNc2F1ZGFkZSBtb3NrYaAHAQ%3D%3D. Acesso em: 8 out. 2025.

GILBERTO GIL. Lunik 8. Rio de Janeiro: Philips Records; RCA Records; Universal Music, 1967.

_____. Palco. In: Luar (A gente precisa ver o luar). Rio de Janeiro: Warner, 1981. 1 LP.

ITAMAR ASSUMPÇÃO. Chavão abre porta grande. São Paulo: MPA, 1983.

JORGE DREXLER. Madera de deriva. In: 30 años. Warner Music, 2021.

KEVIN JOHANSEN. Logo. In: Logo. Argentina: Sony Music, 2007. 1 CD.

_____. Mc Guevara's o Che Donald's. In: The Nada, 2000. 1 CD.

MARIA BETHÂNIA. Serra da boa esperança. In: Amor Festa Devoção Ao vivo. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2010.

NEY MATOGROSSO. Poema. In: Olhos de Farol. São Paulo: Polygram, 1999. 1 CD.

PAULINHO MOSKA. Tudo Novo de Novo. In: Tudo novo de novo. Rio de Janeiro: Casulo, 2003. 1 CD.

_____. Um móbile solto no furacão. In: Móbile. Rio de Janeiro: EMI, 1999. 1 CD.

RAIMUNDO FAGNER. Orós II. In: Sorriso Novo. Rio de Janeiro: CBS, 1982. 1 LP.

SILVIO CALDAS. Serra da boa esperança. In: Maxximum Silvio Caldas. São Paulo: BMG Brasil, 2005.

ZECA BALEIRO. Banguela. MZA Music, 2000. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=-PrxOt4YwWY>. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. Piercing. In: Vô Imbolá. São Paulo: MZA Music, 1999.

VELLOSO. Calmaria. 2010. Disponível em: <https://www.jvelloso.com/calmaria>. Acesso em: 8 out. 2025.

literárias

AGUALUSA, José Eduardo. Os vivos e os outros. Rio de Janeiro: Tusquets, 2020.

AMADO, Jorge. Mar morto. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond. Consolo na praia. Em: A rosa do povo. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BARROS, Manoel. Meu quintal é maior do que o mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BOLAÑO, Roberto. Detetives Selvagens. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CASTAÑEDA, Carlos. Viagem à Ixtlan. Rio de Janeiro: Record, 1972.

CORTÁZAR, Julio. Adeus, Robinson e outras peças curtas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COUTO, Mia. As areias do imperador 1: Mulheres de cinzas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. AGUALUSA, José Eduardo. O terrorista elegante e outras histórias. São Paulo: Planeta, 2019.

_____. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. Terra sonâmbula. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DEFOE, Daniel. Robinson Crusoe. São Paulo: Ubu, 2019.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2000.

GULLAR, Ferreira. Poema Sujo. Em: toda poesia. Rio de Janeiro: José Olympo, 2010.

LISPECTOR, Clarice. Clarice na cabeceira: crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, p. 147-148.

MARQUES, Ana. O livro das semelhanças. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PESSOA, Fernando. Não sei quantas almas tenho. Arquivo Pessoa, 1909. Disponível em: <https://arquivopessoa.net/textos/277>. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. Poesia Completa de Alberto Caeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RÉGIO, José. Cântico Negro, em Poemas de Deus e do Diabo, 4a ed. Lisboa: Portugal, 1955, p. 108-110.

SARAMAGO, José. Conto da ilha desconhecida. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

STENDHAL. Cartuxa de Parma. São Paulo: Penguin Classics / Companhia das Letras, 2012.

TOURNIER, Michel. Sexta-feira ou os limbos do Pacífico. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

cinematográficas

AMER, Noujaim. The Great Hack. Produção Netflix, 2019. 1 filme.

BERTOLUCCI, Bernardo. O Conformista. Produção de Maurizio Lodi-Fe. Itália: Mars Film, 1970. 1 filme, 113 min.

BROOKER, Charlie; WRIGHT, Joe. Queda livre (Nosedive). Episódio 1, Temporada 3. Roteiro de Rashida Jones e Michael Schur. Black Mirror. Produção de Annabel Jones. Reino Unido: Netflix, 2016. 1 episódio, 63 min.

CAMPOS, Ribeiro. Alphaville - Do lado de dentro do muro. 2009. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=RrUW_-5lZvA. Acesso em: 8 out. 2025.

CHAPLIN, Charles. Tempos Modernos. Direção e produção de Charles Chaplin. Estados Unidos: Charles Chaplin Productions, 1936. Filme.

DOMINGUINHOS MAIS. Dominginhos + Lenine [Episódio 5]. 2014a. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=Fx_FYtClOeU. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. Dominginhos + Hamilton de Holanda + Mayra Andrade + Yamandu Costa [Episódio 6]. 2014b. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=jbiwC4LPWwA>. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. Dominginhos + Jazz Sinfônica [Episódio 7]. 2014c. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=Sal9Y0f9dOc>. Acesso em: 8 out. 2025.

_____. Dominginhos + Elba Ramalho + Dió + Fuba [Episódio 8]. 2015d. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=CxYQKPdr3YA>. Acesso em: 8 out. 2025.

GODARD, Jean-Luc. Alphaville, une étrange aventure de Lemmy Caution. França: Les Films Impéria, 1965. Filme.

GIANNOLI, Xavier. Ilusões Perdidas. Produção de Olivier Delbosc. França: Gaumont, 2021. 1 filme, 149 min.

NICCOL, Andrew. O Show de Truman: o show da vida. Direção de Peter Weir. Produção de Scott Rudin. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1998. 1 filme, 103 min.

SELVAGEM, Ciclo de estudos sobre a vida. Partículas Particulares - Ailton Krenak e Eduardo Viveiros de Castro - Conversa na rede, 2023. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=wp5NlnNE4BI>. Acesso em: 8 out. 2025.